



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MEMÓRIA SOCIAL

RANNI MARIA SOARES CORREIA

MARINETE DA SILVA E MARIELLE FRANCO: memórias de uma mãe em luta

Rio de Janeiro
2025



RANNI MARIA SOARES CORREIA

MARINETE DA SILVA E MARIELLE FRANCO: memórias de uma mãe em luta

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social
Linha de Pesquisa: Memória e Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo

Rio de Janeiro

2025

M787 Maria Soares Correia, Ranni
MARINETE DA SILVA E MARIELLE FRANCO: memórias de uma mãe
em luta / Ranni Maria Soares Correia. -- Rio de Janeiro :
UNIRIO, 2025.
118

Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo.
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Especialização em Mestrado, 2025.

1. Marielle Franco. 2. Memória Social. 3. Reparação. I.
Cristina Valim de Melo, Glenda, orient. II. Título.

Ranni Maria Soares Correia

MARINETE DA SILVA E MARIELLE FRANCO: memórias de uma mãe em luta

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Aprovada em: 29 / 08 / 2025

Documento assinado digitalmente
 **GLENDA CRISTINA VALIM DE MELO**
Data: 10/12/2025 14:13:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Glenda Cristina Valim de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 **REGINA MARIA DO REGO MONTEIRO DE ABREU**
Data: 10/12/2025 08:29:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 **PAMELLA SANTOS DOS PASSOS**
Data: 09/12/2025 16:53:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Pâmella Santos dos Passos
Instituto Federal do Rio de Janeiro

“O dia de hoje se confundia com o dia de ontem,
mas o amanhã teria que ser diferente.”

Conceição Evaristo em *Olhos D'Água*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus que já partiram. Entendo, ao encerrar a escrita desta dissertação, que vocês me levaram para essa possibilidade de transformar o meu luto em movimentos de memória, crescimento e coragem. A teimosia de meu pai segue presente nos meus sonhos em sono, insone, despertos e dispersos. A força da minha avó me fez encontrar outras forças de outras avós e entender que no envelhecer a força está mais presente e consciente do que nunca.

Agradeço à mainha que me faltam palavras para dar contorno a tudo e tanto que ela é e que somos. Agradeço o meu companheiro Calu que está desde quando essas transformações começaram. O seu carinho, amor, cuidado, paciência e organização foram cruciais para que eu chegasse ao fim desta etapa – que uma temporada mais tranquila paire sobre nós.

Agradeço à minha orientadora Glenda Cristina Valim de Melo que esteve do meu lado sustentando os desafios com tanta parceria e assertividade. A sua sensibilidade durante a orientação me deu forças para continuar a caminhada. Te agradeço imensamente por ter trazido luz quando já estava sem esperanças e sem saúde. Agradeço imensamente à professora doutora Pâmella Passos por sua generosidade gigantesca. As suas provocações foram essenciais para esta pesquisa.

Agradeço imensamente à professora doutora Regina Abreu pelo direcionamento desta pesquisa. Desde a graduação a admiro e valorizo ter aprendido em sua sala de aula. Espero seguir tendo oportunidades de aprender ainda mais. Agradeço o gigante professor doutor Roberto Borges que tanto me ensinou, enturmou e acolheu durante esse processo. Carrego uma gratidão e imensa honra de ter tido a oportunidade de aprender para além da sala de aula, mas na sala de cinema, na mesa de bar, nos corredores do colóquio e nas redes sociais.

Não posso deixar de exaltar quem esteve comigo nessa empreitada transformadora que foi a Cultura Coletivas, Carol Araújo, Gisele Jacob e Zelia Peixoto, vocês me amparam e me inspiram. Agradeço aos amigos que são casa e que me deram casa nesse processo de escrita. Carol Coenga e Joseph Andrade, nossas relações singulares de encontros tão específicos me preenchem enquanto família.

Agradeço a cada pessoa amiga que esteve durante o processo e que ainda permanece. Desejo celebrar cada conquista com vocês. Encerro esta escrita em uma

nova versão, mais confiante, com mais atenção à saúde, aos desejos e limites, valorizando ainda mais a vida.

CORREIA, Ranni Maria Soares. **Marinete da Silva e Marielle Franco**: memórias de uma mãe em luta. 2025. 119 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a construção da narrativa por construção de memória de Marielle Francisco da Silva, Marielle Franco, pela sua mãe, dona Marinete Francisco da Silva, em seu depoimento durante o julgamento por júri popular dos assassinos, réus confessos, Ronnie Lessa e Elcio Queiroz, realizado nos dias 30 e 31 de outubro de 2024 e transmitido via a plataforma on-line “YouTube”. Esta pesquisa está caracterizada como de caráter etnográfico virtual e, também, se ancora dentro da concepção de ordens de indexicalidade. Nesta dissertação aponto a importância de referenciar as produções de Leda Maria Martins, Nego Bispo e Conceição Evaristo para “contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (Bispo, 2023, p. 3), bem como para compreendermos a memória como ela é: oral, afetiva, espiralar, sem diacronia, política, social e, sobretudo, popular. Por fim, trago a compreensão da narrativa como performance, tal como desenvolvida por Melo e Moita Lopes (2014), sendo a estrutura o núcleo teórico-metodológico desta pesquisa.

Palavras-chave: Marielle Franco. Memória. Memória Social. Reparação. Justiça. Mãe

CORREIA, Ranni Maria Soares. **Marinete da Silva e Marielle Franco: memórias de uma mãe em luta**. 2025. 119 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

ABSTRACT

The present work aims to understand the construction of the narrative through the memory-building of Marielle Francisco da Silva, Marielle Franco, by her mother, Dona Marinete Francisco da Silva, in her testimony during the jury trial of the confessed assassin defendants Ronnie Lessa and Elcio Queiroz, held on October 30 and 31, 2024, and broadcast via the online platform "YouTube." This research is characterized as virtual ethnographic in nature and is also grounded within the conception of orders of indexicality. In this dissertation, I highlight the importance of referencing the works of Leda Maria Martins, Nego Bispo, and Conceição Evaristo to "counter colonial words as a way to weaken them" (Bispo, 2023, p. 3), as well as to understand memory as it is: oral, affective, spiral, without diachrony, political, social, and, above all, popular. Finally, I bring forth the understanding of narrative as performance, as developed by Melo and Moita Lopes (2014), with the structure being the theoretical-methodological core of this research.

Keywords: Marielle Franco. Memory. Social Memory. Reparation. Justice. Mother

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Printscreen do evento de aniversário de Marielle na rede Facebook.....	14
Figura 2. Fotografia de Marielle Franco na Pedra do Sal.....	26
Figura 3. Printscreen de resultados de busca no Google (1).....	40
Figura 4. Printscreen de resultados de busca no Google (2).....	40
Figura 5. Printscreen de resultados de busca na rede Instagram (1).....	41
Figura 6. Printscreen de resultados de busca na rede Instagram (2).....	41
Figura 7. Printscreen de resultados de busca na rede Instagram (3).....	42
Figura 8. Printscreen da transmissão do julgamento dos assassinos de Marielle e Anderson no Youtube.....	43
Figura 9. Frame de um vídeo produzido pela autora de dona Marinete procurando um objeto de Marielle na estante junto com Gisele Jacob.....	53
Figura 10. Foto da mão da dona Marinete pegando um objeto de Marielle na estante.....	54
Figura 11. Dona Marinete mostrando uma faixa de homenagem a Marielle.....	54
Figura 12. Dona Marinete mostrando uma foto impressa da Marielle.....	55
Figura 13. Frame de um vídeo produzido pela autora de dona Marinete procurando um objeto de Marielle na estante junto com Luyara e seu Toinho.....	56
Figura 14. Obra “O Barco”.....	58
Figura 15. Pessoas escravizadas em navio.....	63

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise de Discurso
BOPE	Batalhão de Operações Especiais
CLT	Consolidação das Leis de Trabalho
CMAMF	Centro de Memória e Ancestralidade Marielle Franco
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IMF	Instituto Marielle Franco
MDHC	Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania
MIR	Ministério da Igualdade Racial
PF	Polícia Federal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMERJ	Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
PPGMS	Programa de Pós-Graduação em Memória Social
PPRER/CEFET-RJ	Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
SiSU	Sistema de Seleção Unificada
TCE-RJ	Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Objetivo.....	37
1.2	Metodologia.....	37
2	MEMÓRIA, REPARAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL	45
2.1	Memória.....	45
2.2	Reparação.....	57
2.3	Justiça Social.....	64
3	MARIELLE POR MARINETE E MARINETE POR MARIELLE	69
3.1	Análise de discurso: abordagem.....	69
3.2	Sob os olhos da fala de sua mãe: a sua ausência.....	72
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	99
	ANEXO A	102

INTRODUÇÃO

Um longo caminho me fez chegar até o Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS-UNIRIO), uma instituição com a qual eu já tinha uma aproximação, mas, talvez por não vislumbrar a possibilidade de seguir uma carreira acadêmica após a graduação, não enxergava como uma real possibilidade para mim. Foi na graduação que pude conhecer o Programa e alguns de seus mestrandos, visto que algumas disciplinas promoveram o intercâmbio entre os estudantes da memória social e os estudantes do curso de graduação em museologia. Na época, o querido professor doutor José Ribamar Bessa Freire – conhecido como Bessa – ainda docente de ambos os Programas – do curso de graduação, bacharelado, de Museologia e do curso de pós-graduação de Memória Social, ambos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), foi peça-chave para que isso acontecesse, e para que eu permanecesse no curso e concluísse minha formação superior.

Bessa me trouxe para perto do campo da pesquisa e me mostrou como a teoria e a prática poderiam caminhar juntas. Ele também apresentou caminhos para que eu conseguisse bolsas de amparo estudantil (tanto de auxílio-moradia quanto de pesquisa ou monitoria) para que meu estudo fosse possível. Mesmo conhecendo as possibilidades na graduação, eu não enxergava um caminho viável na Pós-graduação, ainda mais tendo que conciliá-la com um trabalho formal. Acabei estendendo o prazo de conclusão do meu bacharelado em museologia na própria Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, pois em um dado momento, os meus familiares não puderam mais me apoiar financeiramente e apenas os auxílios sociais universitários¹ com que fui contemplada não eram suficientes para a minha subsistência no Sudeste.

Pude, em uma outra etapa da minha graduação, combinar uma bolsa de iniciação científica com estágios na área e, quando tudo se encerrou, fui em busca de trabalho formal, com carteira assinada, o que só aconteceu fora do campo da museologia, fazendo que eu dividisse o meu tempo entre trabalho e estudos. Depois de algumas experiências de trabalho formais e informais, foi no terceiro setor,

¹ As bolsas de auxílio-moradia e de auxílio-alimentação eram fornecidas pela UNIRIO em consonância com o Decreto nº 7.234/2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil. A bolsa de auxílio-moradia, na época em que eu a recebia (em 2013) era no valor de R\$400,00 reais. Já a bolsa alimentação era disponibilizada no valor de R\$185,00.

trabalhando no campo dos direitos humanos (onde sigo até hoje), que tive oportunidades de acessar um trabalho digno.

Meu ingresso na graduação se deu em 2012, graças à reformulação dos processos seletivos que começaram a ser unificados através do ENEM², junto à implementação do SiSU³. Saí de Pernambuco em busca de uma forma mais plena de existir, possibilitando-me explorar a minha identidade sem violências. O país estava sob o primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff e minha graduação atravessou os seus mandatos, o seu *impeachment*, o governo interino do presidente Michel Temer e se encerrou apenas em 2019, durante o primeiro ano da extrema-direita no poder, através da presidência de Jair Bolsonaro.

Acompanhei de dentro da universidade todo o processo de disputa política que foi se tensionando entre grupos de direita e esquerda. Fui percebendo que, com a saída do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) do poder, grupos sociais tidos como “minorias”, e as pautas progressistas, passaram a perder a sua garantia de direitos de forma prática e simbólica: “Quando assumiu o cargo, Michel Temer nomeou um gabinete heterossexual completamente branco e masculino” (Borba, 2019, p. 173). Era percebido no cotidiano que algumas pessoas não se sentiam mais constrangidas em serem racistas, misóginas e LGBTfóbicas, reflexo de todo um intenso processo político que estávamos vivendo. Com menos de um mês no governo, Temer implementou mudanças no país que apontavam os caminhos pelos quais enveredávamos, “entre elas a extinção do Ministério das Mulheres, Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, reduzido a uma secretaria subordinada à pasta da Justiça.” (BBC Brasil, 2016, n.p), e foi dentro desse contexto que Marielle Franco teve a quinta maior votação da cidade do Rio de Janeiro, sendo eleita vereadora pelo PSOL em 2016 (Estadão, 2024).

Conheci Marielle Franco durante a sua campanha eleitoral para o cargo de vereadora. A partir daí, tornou-se comum reconhecê-la nos atos, nas passeatas, eventos e até nas ruas. Com um sorriso largo, ela sempre me cumprimentava. Estive presente na sua última festa de aniversário: um evento aberto na Pedra do Sal, região central da cidade do Rio de Janeiro.

² Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

³ Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

Figura 1 – *Printscreen* do evento de aniversário de Marielle na rede Facebook



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em 2018, ano de seu assassinato, passo a trabalhar no Complexo da Maré, onde percebo o quão importante Marielle é para a população mareense, não somente no campo político, mas também no campo simbólico e afetivo. Mais adiante no texto retornarei para este contexto do território, aqui destaco que foi lá que, depois de tantos anos sentindo um incômodo de não pertencimento à cidade que habito, que finalmente me reconheci. Lá também foi onde encontrei uma forma mais afetiva e comprometida com o trabalho e com o *fazer política* nas transformações sociais. Assim, foi através da Maré que também acabei reconhecendo a Marielle e tudo que ela semeava.

Em 2021, o Instituto Marielle Franco⁴, abriu uma chamada para consultoria de memória, tendo como objetivo apoiar no processo de criação do *Centro de Memória e Ancestralidade Marielle Franco*. Já haviam sido feitas algumas iniciativas para fomentar a sua criação, mas tudo ainda se encontrava no campo do desejo de sua família⁵. Nesta chamada, acabo passando para a consultoria junto a três amigas, mulheres negras do campo da cultura. Todo o processo da consultoria, que se deu

⁴ O *Instituto Marielle Franco* é uma organização sem fins lucrativos, criada pela família de Marielle, com a missão de inspirar, conectar e potencializar mulheres negras, pessoas LGBTQIA+ e periféricas a seguirem movendo as estruturas da sociedade por um mundo mais justo e igualitário. (Instituto Marielle Franco, s.d)

⁵ **Doações para o Instituto Marielle.** Disponível em: <https://odia.ig.com.br/colunas/informe-odia/2020/08/5979901-doacoes-para-o-instituto-marielle.html>. Acesso em: 06 abr. 2025.

em duas fases – uma em 2021 e outra entre 2023 e 2024 – me transformou profundamente. Ao receber o anúncio da vaga em 2021, logo percebi que não seria capaz de realizar tal atividade sozinha, afinal naquela época tinha, e sigo tendo, vínculo empregatício CLT de 40 horas semanais, e ainda estávamos passando pela pandemia da Covid-19 que afetou, sobretudo, as populações que são socioeconomicamente mais vulneráveis – pessoas pobres, faveladas, periféricas, quilombolas, indígenas e ribeirinhas. Esta informação pode ser acessada mais a fundo no relatório “Impacto de Covid-19 em organizações da sociedade civil lideradas por mulheres e pessoas trans no Brasil”⁶, elaborado pelo ELAS+ Doar para Transformar⁷ junto a ativistas de diversas organizações, movimentos sociais e coletivos de todo o Brasil que são apoiadas pelo fundo.

Na época, o meu trabalho estava voltado para olhar as questões de raça, gênero e território que afetam a saúde mental de crianças, jovens e adolescentes de territórios afetados pela violência armada em parceria com o UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Com isso, as demandas de trabalho aumentaram exponencialmente, extrapolando a carga horária semanal formal. Além disso, estava em processo de luto pela morte do meu pai que, ao dar entrada na internação em um hospital público de Recife após ter sofrido um AVC, foi transferido para o Hospital Agamenon Magalhães⁸, que, apesar da superlotação e falta de recursos, era um dos únicos hospitais públicos que poderia atendê-lo da melhor forma. Ali, ele contraiu o vírus da Covid-19 e veio a falecer.

Diante de todos os contextos pessoais e sociais, conversei com minha amiga Gisele e logo entendemos que ambas possuíam o forte desejo de, ainda assim, fazer parte desse processo, mas de uma forma coletiva. Nos reunimos com mais duas amigas e criamos o Cultura Coletivas, nos candidatamos à chamada e fomos contempladas. Nosso coletivo era voltado, à princípio, para atender o projeto do Instituto Marielle Franco na criação do Centro de Memória e Ancestralidade Marielle

⁶ Impacto de Covid-19 em organizações da sociedade civil lideradas por mulheres e pessoas trans no Brasil. Disponível em: <https://www.fundosocialelas.org/ativismo-e-pandemia-no-brasil/uploads/publicacao-ativismo-e-pandemia-no-brasil.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2025.

⁷ Elas+ Doar para Transformar é o primeiro fundo filantrópico brasileiro que apoia iniciativas lideradas por mulheres e pessoas trans.

⁸ Nos hospitais públicos de Pernambuco, o cenário é de descaso, corredores superlotados, macas no chão, famílias e pacientes angustiados. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/saude-e-bem-estar/2022/04/15000891-nos-hospitais-publicos-de-pernambuco-o-cenario-e-de-descaso-corredores-superlotados-macas-no-chao-familias-e-pacientes-angustiados.html>. Acesso em: 05 jan. 2025.

Franco, mas acabamos mantendo a nossa atuação. Somos quatro pessoas negras, dentre elas, três são produtoras culturais e uma museóloga. Depois da primeira etapa da consultoria, através da memória e do legado de Marielle Franco, percebi que toda a minha trajetória acadêmica na museologia poderia ir ao encontro de minha experiência profissional nos direitos humanos e, só nesse momento, decidi voltar à academia para cursar o mestrado em Memória Social do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, o PPGMS/UNIRIO. Assim, esta dissertação visa compreender como se deu a construção de narrativa sobre a história de Marielle Franco a partir da narrativa de sua mãe, dona Marinete da Silva, durante o seu depoimento no julgamento dos executores do crime.

Para mim, havia um estigma que me impedia seguir em uma trajetória acadêmica, e, mesmo eu já tendo consciência racial e sabendo que o racismo cria, sistematicamente, uma imagem das pessoas negras enquanto “vagabundas” e “preguiçosas”, quando na realidade a população negra sempre foi e continua sendo essencial para o funcionamento da engrenagem social deste país, uma profecia autorrealizadora me dizia – e às vezes ainda me diz – que o meu corpo não deveria estar no lugar da Pós-graduação.

Historicamente, a raça sempre foi uma forma mais ou menos codificada de divisão e organização das multiplicidades, fixando-as e distribuindo-as ao longo de uma hierarquia e repartindo-as dentro de espaços mais ou menos estanques – a lógica do curral (Mbembe, 2018, p. 74).

É provável que este estigma seja causado, em parte, pelo período em que o Brasil percebe que, mesmo a contragosto, precisa acabar com a escravidão. Aqui, o racismo foi sendo estruturado ao longo dos tempos desde o final do século XIX. O mesmo poder que encerra o regime de escravidão começa a implementar medidas, inclusive de cunho legislativo, para fomentar a marginalização de pessoas negras. Como a lei complementar à Constituição do Império (2º Ato Oficial) de 1824, que proibia negros de frequentar escolas, somada ao artigo 6º, item 1, da Constituição de 1824, que não reconhecia pessoas negras escravizadas, em sua maioria africanas de nascimento, enquanto cidadãos brasileiros e, por isso, eram impossibilitados de frequentar a escola formal que, no caso, era restrita por lei aos brasileiros⁹.

⁹ As cotas como medida de reparação histórica. Disponível em: <https://www.trf5.jus.br/index.php/noticias/leitura-de->

Nós tínhamos, até 1888, um regime de escravidão. Uma escravidão que era justificada através de teorias científicas que diziam que os negros eram de raça inferior e, por conta disso, a possibilidade de você escravizar pessoas, abaixo de tortura, de muita violência, porque a escravização é isso (Sylvia, 2019, n.p).

Esses movimentos colocaram às margens, geográficas e sociais, a população negra, tirando o direito a terra, aos estudos, a uma possibilidade de vida digna. Em 1850, D. Pedro II institui a Lei de Terras, que tinha enquanto objetivo a consolidação da estrutura fundiária baseada no latifúndio, determinando também a propriedade privada no Brasil. Esta lei foi constituída para que imigrantes pobres, sobretudo negros e indígenas fossem impedidos de terem acesso à propriedade da terra.

[...] desde 1822, a terra se tornava propriedade de quem chegasse primeiro e a ocupasse. Por exemplo: a Lei de terras (1850) impedia que os negros se tornassem donos de terras, como vinha ocorrendo com os colonizadores. A partir dessa lei, só poderia ter acesso à terra quem a comprasse. Isso também colaborou para empurrar cada vez mais a população negra, no período pós-abolição, para o que hoje conhecemos como favelas (Menezes, 2010, p. 26).

Sem direito à terra, ao estudo e ao trabalho digno, pois o Brasil, pensando no embranquecimento de sua nação, toma medidas para trazer migrantes, sobretudo italianos e alemães, para serem a mão de obra do mercado de trabalho formal. Neste momento, os negros estão legalmente livres mas, sob medidas severas de exclusão, permanecem numa dinâmica de escravidão, sobrando subempregos, desqualificação e áreas impróprias para moradia, fazendo com que acontecessem estratégias de resistência e sobrevivência como presenciamos hoje em quilombos, periferias e favelas.

Em termos geográficos, a periferia não será definida pela distância física entre um pólo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade. Esta depende essencialmente da existência de vias de transporte e da possibilidade efetiva de sua utilização pelos indivíduos, com o objetivo de satisfazer necessidades reais ou sentidas como tais. Mas a incapacidade de acesso a bens e serviços é, em si mesma, um dado suficiente para repelir o indivíduo e também, afirma, a uma situação periférica (Santos, 1979, p. 229).

Os efeitos deste racismo institucionalmente estruturado podem ser visualizados todos os dias e em todos os marcos histórico-sociais do tempo contemporâneo. Ora, aqui volto aos tempos da pandemia da Covid-19, onde os sistematicamente

marginalizados, os negros, foram a maioria no exercício de funções de trabalho que não pararam ou porque foram tidas enquanto essenciais, ou devido à informalidade e, conseqüentemente, a falta de garantias de direitos trabalhistas. Foi o caso dos profissionais da área da economia do cuidado (muitos dos trabalhadores e trabalhadoras domésticas não tinham vínculo empregatício formalizado ou perderam este vínculo durante a pandemia), que morreram cinco vezes mais do que os brancos. Ao longo do período pandêmico ficou escancarado o abismo social entre a população negra e a população branca quando determinadas funções trabalhistas consideradas “essenciais” eram, em sua maioria, ocupadas por pessoas negras, e a demanda por esses serviços precarizados advinha da população mais favorecida econômica e socialmente, isto é, majoritariamente pessoas brancas.

Marielle Franco é¹⁰ cria da favela da Maré. A sua trajetória de vida atravessou todas estas barreiras sociais que se reinventaram com o passar dos anos. A sua luta no campo da política e do ativismo era pela e para as populações marginalizadas. Marielle não foi assassinada pelo único e exclusivo fato de ter sido uma parlamentar, este crime não é meramente político. É importante que se leve em consideração os atravessamentos sociais e identitários de Marielle diante do contexto de seu assassinato, tendo em vista as relações de poder que existem. A simples existência de Marielle Franco enquanto mulher, negra, mãe, pessoa LGBTQIAPN+, favelada, militante e que não abaixava a sua cabeça ante repressões e discriminações incomodava. Ao mesmo tempo, por todas essas questões e devido às múltiplas intolerâncias existentes, os envolvidos no seu assassinato se autorizaram a cometer este bárbaro crime, tendo a certeza de sua impunidade.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins; Bilge, 2021, p. 15-16).

Estar no espaço acadêmico, pesquisando sobre Marielle e sua memória, é contrariar toda uma história de opressão que se atualiza e se manifesta a cada

¹⁰ A escolha de utilizar o tempo verbal no presente deve-se ao movimento político de exaltar “Marielle Presente”.

momento. No entanto, não é um lugar confortável de se estar. Em vários momentos pessoas negras, assim como eu, questionam as suas pesquisas acadêmicas e até a validade de se estar neste lugar por terem vivenciado direta e indiretamente episódios de invalidação de suas produções. Um dia, durante o período que cumpria algumas disciplinas do mestrado, decidi reler o livro da Grada Kilomba, “Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano” (Kilomba, 2019), e me deparei com elementos essenciais para dar nome às situações que vivi ao longo de minha trajetória e que me estimularam a dar continuidade à minha pesquisa acerca da memória de Marielle Franco, pensando na utilização da memória para a não repetição e um caminho para a justiça social.

A artista e intelectual Grada Kilomba (2019) afirma ser comum dizerem que o seu trabalho sobre o racismo cotidiano, apesar de interessante, não é muito científico. Para ela:

Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico (Kilomba, 2019, p.51-52).

O espaço acadêmico, por muito tempo, foi ocupado hegemonicamente por pessoas brancas e, hoje, tendo o aumento de pessoas negras ocupando este lugar, cria-se a ideia de um território em disputa, no qual há uma tentativa de manutenção das posições hierárquicas e de preservação da supremacia branca (Kilomba, 2019). Esta dinâmica cria o mito da objetividade que traz uma assimetria entre determinados grupos sociais, na busca violenta de hierarquizar e determinar quem pode falar e quem não pode falar.

Como resultado, o trabalho de escritoras/es e intelectuais negras/os permanece, em geral, fora do corpo acadêmico e de suas agendas [...] foram colocadas/os na margem por regimes dominantes que regulam o que é a “verdadeira” erudição. Considerando que o conhecimento é colonizado (Kilomba, 2019, p.52-53).

Mais adiante, nesta pesquisa, aprofundar-me-ei no conceito que Grada Kilomba traz sobre reparação. Colocarei em diálogo os pensamentos acerca da memória de Nego Bispo, a partir de suas entrevistas, participações em eventos e seus escritos nos livros “Colonização, Quilombos, modos e significados” (Bispo, 2015) e “A terra dá, a terra quer” (Bispo, 2023) com conceito de escrivência de Conceição Evaristo, e de oralitura e tempo espiralar de Leda Maria Martins, para

definir o que é memória. E, para discutir sobre identidade e olhar de forma conceitualizada para os signos que Marielle Franco carrega, serão trazidas as ideias de Stuart Hall em seu livro “Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais” (Hall, 2013) junto aos entendimentos acerca da interseccionalidade de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021).

Uma vez inserida em um contexto de lutas das relações de dominação política, social e cultural, a memória é uma ferramenta de poder que cria um constante embate entre aquilo que se deve lembrar e aquilo que deve ser esquecido, o que deve ser perpetuado e reconhecido e o que deve ser desmontado. Assim, a memória está no presente, no passado e, sobretudo, no futuro. Ela articula, nestes tempos, a construção de identidades, pois é também a partir dela que se pode estabelecer um vínculo entre as gerações humanas e o tempo histórico que as acompanha. Esse vínculo, que se funda no afetivo e no identitário – e, ao mesmo tempo, é o que os estabelece –, é o que nos possibilita enxergar enquanto agentes da história, sabidos de nossos direitos e compromissos com o nosso povo. Compreender a memória é reconhecer a importância do passado, preservar aquilo que não se pode esquecer para construir um futuro imaginado.

Nesta pesquisa, aponto a importância de referenciar as produções de Leda Maria Martins, Nego Bispo e Conceição Evaristo para apresentar o conceito de memória a partir de uma abordagem contracolonial frente às tradições acadêmicas a fim de “contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (Bispo, 2023, p. 3), bem como para compreendermos a memória como ela é: oral, afetiva, espiralar, sem diacronia, política, social e, sobretudo, popular.

Deste modo, proponho abandonar a hegemonia branca acerca da conceituação da memória como forma política de demarcação desta pesquisa como um objeto que vai em direção de uma resposta contra-hegemônica, baseando-a em autores que conceitualizam não só a memória, mas também a identidade, considerando as temáticas racial e contracolonial, através de uma abordagem interseccional. Assim, para fazer uma torção epistemológica, e contrariar o tido universal nas universidades, me basearei apenas em autores contra-hegemônicos negros como Franz Fanom, natural das Antilhas Francesas; e Achille Mbembe, nascido em Camarões, – além dos autores citados anteriormente – para estruturar as questões e conceitos que atravessam o objeto de pesquisa, dando base para a construção de um entendimento acerca do conceito de memória e memória social.

É importante frisar que todo esse esforço que tem sido feito desde que os brancos invadiram o Brasil, é de apagamento. Apagamento de nossas questões, de nossa teoria, de nossa cultura, mesmo eles tendo chegado aqui enquanto invasores, ladrões, estupradores, como seres violentos que esses ancestrais brancos foram. E o legado que os brancos que vivem hoje carregam, pois como sempre ouço do querido professor doutor Roberto Borges – e foi ele quem me fez esta provocação novamente nesta dissertação – que nenhum branco que vive hoje é responsável pelo que os seus ancestrais fizeram, mas todos eles são responsáveis pela manutenção e a permanência deste mal que vivemos até hoje denominado racismo, denominada exclusão, denominada desigualdade, em função de uma determinada invenção que é a questão da raça.

Nego Bispo nos faz lembrar que a terra gere a memória. Quando o intelectual destaca a importância de acordar ouvindo os cantos dos pássaros, comemorar a fartura dos frutos que a terra deu ou amanhecer na casa construída por materiais locais, em seu livro “A terra dá, a terra quer” (Bispo, 2023), ele evidencia a importância da nossa territorialidade enquanto algo que permite a nossa cosmologia, nosso modo de vida, o nosso cuidado e o acesso à nossa história através da história de nossos antepassados. Logo, a territorialidade também compõe a memória, é ela que nos permite ultrapassar os obstáculos e, sobretudo, lutar contra a tentativa de apagamento de nossa identidade.

Escutar o que Conceição Evaristo diz em suas escrituras, cujo foco conceitual é a importância da valorização da palavra negro e o esvaziamento da construção racista de seu sentido negativo (Evaristo, 2024)¹¹, é compreender que isto se faz a partir de nossas histórias e memórias. Quando, em “Becos da Memória”, Conceição diz “Sonho que é uma vontade grande de o melhor acontecer. Sonho que é a gente não acreditar no que vê e inventar para os olhos o que a gente não vê” (Evaristo, 2017), podemos entender que o sonho é uma manifestação do que é memória, pois sonhamos a partir da nossa história, considerando o nosso passado e presente para desejar que um futuro melhor aconteça para nós, e, ao mesmo tempo, só é possível sonharmos se tivermos memória. Já Leda Maria Martins reconhece a memória na encruzilhada do corpo, da performance, no ritual e tudo isso foge da cronologia linear, se manifesta em um tempo espiralar (Martins, 2021).

¹¹ Conceição Evaristo falou sobre isso em uma aula aberta no Jardim do Méier, no Rio de Janeiro, no dia 17 de agosto de 2024.

Assim como nas escrituras de Conceição Evaristo, na oralitura de Leda Maria Martins a memória é uma ferramenta essencial para a manutenção de nossa identidade ancestral (Martins, 2003). Por fim, para uma reflexão sobre justiça social, a pesquisa irá se aprofundar nos conceitos de justiça social, interseccionalidade e práxis críticas de Patricia Hill Collins (2020). Colocarei em diálogo para aprofundar sobre a interseccionalidade de Collins, as autoras Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro.

A professora doutora Pâmella Passos, no livro “Nó em pinga d’água” de 2019, em que participa com um artigo denominado “Entre o mundo acadêmico e as realidades das favelas: (des)encontros e sobrevivências de uma pesquisa que se quer junto e misturada”, reflete sobre o lugar da pessoa pesquisadora construir um discurso contra-hegemônico para contribuir na luta contra a subalternidade a partir da indagação de Spivak (2010) em “Pode um subalterno falar?”. Penso a minha ocupação acadêmica, e esta dissertação, como um movimento para contribuir nesta luta.

Nesse sentido, penso que uma pesquisa acadêmica implicada com a superação da subalternidade precisa compreender esses atravessamentos como condição da sobrevivência. Encarar as não-transparências e analisar as contradições do fazer pesquisa de forma engajada é afirmar os entre lugares que habitamos, é sobreviver frente a tantas adversidades (Passos, 2019. p. 282)

Aqui, abro mais uma vez, um breve espaço para trazer minha subjetividade nesta pesquisa. Sou uma pessoa negra, migrante, nordestina de Pernambuco, de identidade sapatão não-binária — que talvez ainda utilize os pronomes ela/dela e, raramente, ile/dile, por refletir sobre como a linguagem precisa chegar em toda e qualquer pessoa de forma acessível. Entendo que os pronomes ela/dela me cabem no sentido em que os utilizo para me nominar, antes de qualquer coisa, enquanto uma pessoa – alguém que é casada com uma pessoa transmasculina e que utiliza os pronomes ele/dele. Como já havia dito, sou museóloga e trabalho há mais de 10 anos no terceiro setor com direitos humanos, fora de equipamentos museais formalmente institucionalizados. Há quase 8 anos venho trabalhando em territórios afetados pela violência armada – mais especificamente na favela da Nova Holanda, que integra o chamado Complexo da Maré, onde há organizações sociais não governamentais relevantes na promoção e luta de garantia de direitos de pessoas que são afetadas pela violência armada e com grandes índices de vulnerabilidade social. Como podemos ler no informativo Maré de Notícias,

A favela da Nova Holanda nasceu em 1962, agregando moradores de vários lugares da cidade. Uma população diversificada que formou uma favela única, como uma colcha de retalhos. A população foi fundamentalmente formada por moradores removidos de outros territórios como as favelas Macedo Sobrinho, Praia do Pinto, Morro da Formiga, Morro do Querosene e Morro do Esqueleto. Os moradores sofriam com a perseguição à população mais pobre e com as políticas de erradicação de favelas levadas a cabo pela gestão do governador Carlos Lacerda (1960-1965), do então Estado da Guanabara (Maré de notícias, 2023, n.p).

Dentre as diversas subjetividades que carrego, e aqui escolho narrar, também sou uma pessoa sensível ao tema da nutrição e da segurança alimentar. Fui, até meados de 2024, uma pessoa vegana, por ter me deparado com o movimento afro vegano, também por conta das relações raciais e de classe com a questão da segurança e soberania alimentar. Ademais, tenho muito respeito pelas culturas africanas e afrodiaspóricas, que também são minhas, e sou uma pessoa de axé, do Candomblé. Até então, abria somente exceções às minhas restrições alimentares quando estava no ilê por entender que, neste espaço, a comida vai muito além de ser apenas algo que alimenta o corpo físico. Digo tudo isto para relatar um episódio que tive com parte da família nuclear de Marielle, para evidenciar algumas de suas características e justificar o porquê de minha escolha de pesquisa.

No dia em que passei com o seu Toinho e a dona Marinete, pais de Marielle Franco, fui com uma amiga e parceira de trabalhos e sonhos Gisele Jacob, mestra em Relações Étnico-Raciais do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (PPRER/CEFET-RJ) e atualmente coordenadora da Arena Dicró¹², na época, estávamos fazendo a primeira consultoria para o Instituto Marielle Franco, a qual tinha o objetivo de dar apoio à concepção do Centro de Memória e Ancestralidade Marielle Franco (CMAMF) e, nessa ocasião, íamos pela primeira vez acessar o que poderia vir a ser o acervo de Marielle no CMAMF.

Os objetos que variavam entre fotografias, indumentárias, cadernos, materiais de campanha e de mandato, homenagens, além de diversos itens pessoais, foram levados para a casa de seu Toinho e de dona Marinete. Parte já se encontrava lá, outra parte fora trazida, no mesmo dia, por uma das amigas e vizinha de Marielle da Maré. Essa visita para o levantamento e categorização de acervo ocorreu no dia 2

¹² A Arena Dicró, ou Arena Carioca Carlos Roberto de Oliveira, localizada no bairro da Penha, dentro do Parque Ary Barroso, é um espaço cultural criado pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2012, e tem sua gestão compartilhada entre a Secretaria Municipal de Cultura e o Observatório de Favelas, Organização Não-Governamental do Complexo da Maré.

de dezembro de 2021, durante quase todo o dia. Aqui, trazendo um contexto específico do universo do terceiro setor que, devido à alta demanda que ONGs e demais instituições sociais possuem no final de todo ano com entrega de relatórios finais, captação de recursos para o ano seguinte e outras urgências comuns da época, a equipe do IMF não pôde estar presente e, assim, precisou cancelar em cima da hora. Sem a presença deles, Gisele e eu pensávamos que seria um pouco inviável realizar essa ação, uma vez que não conhecíamos pessoalmente os pais de Marielle e que, possivelmente, eles prefeririam nos receber sob o acompanhamento de alguém do instituto.

Diante da situação, decidi escrever via *Whatsapp* para a dona Marinete, informando que a equipe do IMF havia tido um imprevisto e que talvez fosse melhor encontrarmos uma nova data para realizar esta visita que estava marcada para as dez horas da manhã. Sem jeito e com bastante receio, escrevi esta mensagem às 09:12 do mesmo dia previamente marcado. Às 09:44, dona Marinete me respondeu por áudio e, dentre as coisas que me disse, uma delas foi que estava desde as sete da manhã nos preparativos para nos receber. Já havia feito um pudim de leite condensado, duas travessas de frango assado, macarrão ao alho e óleo e alguns legumes. Perguntou-me se a gente e o pessoal do instituto não poderíamos ir à tarde, mas já adiantou que caso fôssemos realmente desmarcar e buscar uma nova data, não prepararia mais nada novamente. Ela estava nitidamente frustrada com a situação. Ao passo que esta mensagem me gerou um aperto no coração e que, ao mesmo tempo, me soou como uma bronca que minha própria mãe daria a mim estando no lugar dela ou caso ela soubesse do ocorrido, em sua mensagem, dona Marinete, também acabou resolvendo todos os receios e empecilhos possíveis que impedissem a realização da visita: eles faziam questão de nos receber.

Com isso, e ainda mais instigada a conhecer pessoalmente quem em um único áudio de apenas um minuto e dezenove segundos conseguiu resolver todas as questões e nos convencer de que era o momento mais oportuno para realizar a ação, respondi que eu e Gisele estávamos indo prontamente. Dona Marinete nos recebeu como se estivesse recebendo a sua família, com muita alegria e abundância. Ela também mobilizou a sua neta Luyara, filha de Marielle, para apoiar na logística de levantamento do acervo e na apresentação dos objetos pessoais. É importante ressaltar que, diferentemente do momento atual, em que exerce papel fundamental para a memória e o legado de sua mãe, à época, Luyara não estava à frente da direção

de memória do Instituto Marielle Franco. Hoje as ações de preservação e difusão da memória e do legado de Marielle estão em meio a um processo de priorização e estruturação, tendo uma equipe própria dedicada para esse eixo de atuação, o que não ocorria na época do encontro acima relatado, em que o Instituto contava apenas com a consultoria do coletivo que componho.

Naquela visita quase cancelada, pudemos acessar a história de Marielle por dentro da família, através de uma narrativa que ainda poucos tiveram a oportunidade de conhecer, mas que, de acordo com o desejo da família, toda e qualquer pessoa deveria acessar. Por volta do horário do almoço, a dona Marinete nos ofereceu o seu banquete, tudo e mais um pouco que havia me relatado no áudio. Na época, como já disse, o meu veganismo abria exceções apenas em ocasiões de terreiro e a Gisele era vegetariana, porém, diante da grandiosidade de dona Marinete, eu e minha amiga nos olhamos e cada uma serviu de um pedaço de frango. Nós duas não hesitamos em comer, não tivemos nenhuma questão e, ao final do delicioso almoço, dona Marinete relatou-me sorrindo que acabara de se lembrar que Anielle havia comentado com ela que nós não comíamos carne. Rimos e desde então as minhas exceções abrangem o conceito daquilo que é sagrado, no qual, agora, o afetivo e o identitário cultural fazem parte. A força e assertividade junto ao bom humor e à leveza de dona Marinete pode ser reconhecida na forma de existir e fazer política de suas filhas, Marielle e Anielle, de valores éticos sérios e comprometidos, mas que não deixam de lado o afeto.

Além disso, sempre acompanhei e admirei o trabalho político de Marielle. Participava de algumas ações por estar sempre no Complexo da Maré e em alguns movimentos feministas do Rio de Janeiro. Também encontrava Marielle nas ruas, em sambas e até na sua última festa de aniversário que comemorou na Pedra do Sal, região central da cidade do Rio. E é por me reconhecer em Marielle Franco, na sua luta e na luta de sua família, que me provoco a realizar esta pesquisa, buscando contribuir, de alguma forma, na luta pela justiça por Marielle, Anderson e pela justiça social.

Figura 2 – Fotografia de Marielle Franco na Pedra do Sal



Fonte: Instituto Marielle Franco

O percurso analítico desta pesquisa encontrou, no caminho, uma necessidade de compreender como a memória pode ser uma ferramenta para a justiça social a partir dos processos de preservação e difusão da memória de Marielle Franco, desde o seu assassinato até o julgamento dos réus confessos que ceifaram a sua vida e de Anderson Gomes, motorista de Marielle, na noite do crime. Estes processos vêm sendo potencializados pela sua família, amigos e por todas as sementes que surgiram a partir do seu legado, através do trabalho do Instituto Marielle Franco (IMF). O exercício de construir socialmente a memória de Marielle Franco já pôde ser notado através dos marcos temporais. O IMF surge no dia de seu assassinato, 14 de março de 2018, e é formalizado no dia de seu nascimento 27 de julho, abrindo possibilidades e estratégias para organizar e fortalecer o trabalho que a família de Marielle já vinha fazendo. Nas palavras de Anielle, em sua dissertação de mestrado:

Eu queria um impacto positivo na sociedade e em todas as pessoas que duvidaram de nossa capacidade de crescer, criar e nos reinventar. Construir coisas coletivamente dentro da sociedade civil era questão de honra. Como Marielle pensava sempre no coletivo, assim eu queria o instituto. Era ela ali, era nossa família ali. [...] Assim, lançamos, no dia 27 de julho de 2019, dentro do Complexo da Maré, com a presença de aproximadamente 200 pessoas, inclusive algumas deputadas negras que foram eleitas em 2018, o Instituto

Marielle Franco. Também nessa data, que desde 2018 virou uma data de resistência, se celebra o aniversário de vida de Marielle (Silva, 2021, p. 83).

Marielle e Anderson foram executados pelos ex-sargentos da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Ronnie Lessa e Elcio Queiroz, réus confessos, julgados e condenados por júri popular pela acusação de homicídio qualificado e pela tentativa de homicídio de Fernanda Chaves, única vítima sobrevivente do atentado ocorrido.

Lessa confessou que atirou nas vítimas, enquanto Queiroz dirigia o carro que perseguiu a vereadora. Marielle foi atingida por três tiros na cabeça e um no pescoço, e Anderson levou ao menos três tiros nas costas. O bárbaro crime teve repercussão mundial e expôs as rachaduras da nossa democracia, as estruturas racistas, machistas e LGBTQIAPN+fóbicas do Brasil (Nota oficial do Comitê Justiça por Marielle e Anderson, 2024, n. p.)¹³.

O julgamento dos dois executores do crime contra Marielle e Anderson ocorreu entre os dias 30 e 31 de outubro de 2024, e é utilizado enquanto objeto principal de análise desta pesquisa, levando em consideração os marcos e a narrativa construída no depoimento de dona Marinete acerca da memória de sua filha, Marielle. É importante ressaltar que é a falta de direito ao luto que traz a necessidade da família, sobretudo aqui, da sua mãe, de transformar o luto em luta. Este julgamento é apenas o primeiro resultado judicial de um longo processo que leva mais de meia década, a luta por justiça pelos dois ainda segue para a condenação dos mandantes do crime, mas também para preservar a memória e continuar o legado de Marielle Franco pela garantia de direitos de pessoas que estão à margem da estrutura de poder, que é branca, cisgênera, heterossexual e de dominância, sobretudo, masculina. A luta por justiça deste caso visa a abrir um lastro para que isso não se repita e, também, para que exista um futuro socialmente justo.

Todo o processo foi atravessado, diversas vezes, por mudanças no comando da investigação, obstruções, vazamentos de informações, desinformações, e acreditou-se que isso tenha sido feito por dentro da estrutura do próprio Estado. Até o momento da produção desta pesquisa, temos a condenação daqueles que atuaram na execução de Marielle e Anderson, e a acusação, por parte dos condenados, dos mandantes do crime, os irmãos Brazão: o deputado federal Chiquinho Brazão, eleito pelo partido União Brasil (que, na época do assassinato, também assumia o cargo de

¹³ A luta não acaba aqui! Nota pública do Comitê Justiça por Marielle e Anderson sobre a condenação de Ronnie Lessa e Elcio de Queiroz. Disponível em: <https://www.global.org.br/blog/a-luta-nao-acaba-aqui-nota-publica-do-comite-justica-por-marielle-e-anderson-sobre-a-condenacao-de-ronie-lessa-e-elcio-de-queiroz/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

vereador, assim como Marielle Franco) e Domingos Brazão, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro (TCE-RJ), além do então delegado Rivaldo Barbosa, que, segundo a Polícia Federal, ajudou a planejar o crime e atrapalhou as investigações na tentativa de garantir a impunidade aos mandantes. Ressalto que a pesquisa se aterá a falar dos envolvidos no crime apenas aqui, pois há a necessidade de situar o contexto em que Marielle foi tirada de nós, entretanto, há também uma escolha de demarcar a memória destes enquanto única e exclusivamente criminosos, não cabendo nenhum outro elemento narrativo para eles.

O crime ocorreu no bairro do Estácio, região central da cidade do Rio de Janeiro, próximo ao prédio da Prefeitura. Segundo o dossiê do caso Marielle e Anderson¹⁴, as câmeras de segurança pública do local foram desligadas e havia indícios de que a munição da arma teria sido comprada pela Polícia Federal (PF). Durante a primeira fase da investigação, que foi concluída em março de 2019, a perícia técnica da Polícia Civil do Rio de Janeiro evidenciou que oito dos projéteis encontrados eram do lote UZZ-18, de produção brasileira da marca *CBC*, e um projétil era importado, da marca colombiana *Indumil*.

Neste momento da investigação policial chegou-se a esta conclusão devido ao fato de que os projéteis brasileiros deste lote só foram vendidos para a Polícia Federal e a mais ninguém, porém, mais tarde, segundo o Relatório Final da Polícia Federal¹⁵, instaurado em 21 de julho de 2023 e finalizado em 21 de março de 2024, a empresa *CBC* produziu 100 vezes mais do que a quantidade permitida de produção de lotes de munição, que é de até 10 mil do calibre por lote, foram produzidos 1.859.000 (um milhão oitocentas e cinquenta e nove mil) cartuchos deste único lote¹⁶. Logo, pela inviabilidade de rastreio da munição do lote UZZ-18 que foi distribuída para muito além das 27 Superintendências Regionais da Polícia Federal em 29 de dezembro de 2006, ficou inviável obter concretude nesta informação.

O assassinato de Marielle Franco gerou diversas narrativas acerca de sua história em vida e morte. Poucos dias depois, a desembargadora do Tribunal de

¹⁴ Dossiê Marielle e Anderson. Disponível em: <https://casomarielleeanderson.org/dossie>. Acesso em: 20 dez. 2024.

¹⁵ Relatório Final da Polícia Federal - INQUÉRITO POLICIAL 2023.0059871-SR/PF/RJ – Inq n.º 4954/DF. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2024/03/relatorio-PF-caso-Marielle-24mar2024.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.

¹⁶ MPF questiona fabricante de munições sobre cartuchos usado para matar Marielle. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mpf-questiona-fabricante-de-municoes-sobre-cartuchos-usado-para-matar-marielle/>. Acesso em: 22 dez. 2024.

Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ), Marília de Castro Neves Vieira, publicou informações falsas sobre Marielle, onde dizia que a vereadora era “engajada com bandidos” e “eleita pelo Comando Vermelho”¹⁷. O caso foi encaminhado, e a desembargadora foi condenada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que a afastou por três meses e reduziu o seu salário¹⁸, entretanto, dias antes de completar três anos do assassinato de Marielle, a desembargadora foi absolvida pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) do crime de calúnia. Assim, a família de Marielle Franco mobilizou uma força-tarefa para combater *fake news* sobre a vereadora¹⁹.

Com base no exposto, investigar o julgamento dos assassinos da vereadora torna-se relevante para compreender as memórias que circularam e foram construídas naquele momento, tendo em vista todo o processo nebuloso da investigação de quem matou, e de quem mandou matar, Marielle Franco e Anderson Gomes. Isso trouxe a necessidade de que as suas histórias estejam, ainda mais, à luz de toda a sociedade para que *fake news*²⁰ não comprometam as suas famílias, suas memórias e seus legados no acesso à justiça.

Neste sentido, resgatar a memória de Marielle Franco é compreender, perpetuar e colocar em circulação um legado de justiça social. Olhar para Marielle é dar visibilidade àquelas pessoas que são afetadas pelas desigualdades e pelas violações de direitos. É entender, na prática, como a interseccionalidade atravessa as relações sociais e como podemos responder de maneira eficaz às violências e mover as estruturas.

Desde sua morte, diversas narrativas são compartilhadas acerca de Marielle Franco, diversos interesses políticos e sociais também rondam tais narrativas e, desde então, sua família luta para a preservação e difusão da sua verdadeira história. A proposta desta dissertação traz não apenas a Marielle política partidária, mas, sobretudo, a Marielle que foi tirada de sua família, amigos e de nós enquanto sociedade. Marielle Franco é mulher, negra, mãe, LGBTQIAPN+, socióloga formada

¹⁷ Mentiras sobre Marielle Franco continuam a se espalhar três anos após sua execução. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56367394>. Acesso em 16 de nov. 25.

¹⁸ Conselho Nacional de Justiça condena desembargadora que atacou Marielle nas redes sociais. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/conselho-nacional-de-justica-condena-desembargadora-que-atacou-marielle-nas-redes-sociais/>. Acesso em 16 de nov. 25.

¹⁹ Fake news: 5 mentiras que espalharam sobre Marielle. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/28262/cinco-mentiras-que-espalharam-sobre-marielle-equipe-da-ex-vereadora-lanca-site-contra-fake-news>. Acesso em: 16 de nov. 25

²⁰ *Fake News* são informações falsas que são transmitidas ou publicadas como notícias, motivadas por razões políticas ou para fins fraudulentos.

pela PUC-Rio, pesquisadora com mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF), esposa e cria da favela da Maré. Aos 19 anos, deu à luz a Luyara, sua única filha. A maternidade contribuiu na sua constituição enquanto lutadora pelos direitos das mulheres e debatendo esse tema nas favelas. Marielle também viveu uma trajetória enquanto uma parlamentar, vereadora da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, eleita com 46.502 votos. No ano em que foi assassinada, era Presidente da Comissão da Mulher na Câmara. E, após o seu assassinato e o de Anderson, Marielle continuou e continua trazendo impactos para o país. Quatro mulheres negras, amigas, assessoras parlamentares e faveladas foram eleitas para ocupar a Câmara dos Deputados, três enquanto deputadas estaduais da cidade do Rio de Janeiro e uma enquanto deputada federal²¹ do estado do Rio de Janeiro.

Além disso, outras mulheres negras, além da sua companheira Mônica Benício — reeleita para o cargo de vereadora na cidade do Rio de Janeiro em 2024²² — e tantos outros aliados de vida e de luta, são tidos enquanto sementes de Marielle, que iniciou a sua militância nos direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário da organização não-governamental do Complexo da Maré, Redes da Maré, e vivenciar de perto a perda de uma pessoa querida, uma amiga, vítima de bala perdida num tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré. Marielle também trabalhou em fundações e ONGs como a *Brazil Foundation* e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm)²³. Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) enquanto trabalhava com o político Marcelo Freixo e incidia em diversos coletivos e movimentos feministas, negros e de favelas.

Ressalto que esta dissertação acontece durante o processo de luta por justiça por Marielle Franco e Anderson Gomes, e se propõe a analisar o discurso de dona Marinete Francisco, mãe de Marielle, sobre a história de sua filha durante o julgamento dos assassinos confessos, Ronnie Lessa e Elcio Queiroz. A análise desta pesquisa

²¹ 'Efeito Marielle': candidatas ligadas à ex-vereadora são eleitas deputadas. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/efeito-marielle-candidatas-ligadas-a-ex-vereadora-sao-eleitas-deputadas.ghtml>. Acesso em: 22 dez. 2024.

²² 'Lutar por justiça é lutar contra os podres poderes dessa cidade', diz viúva de Marielle reeleita no Rio. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/lutar-por-justica-e-lutar-contr-os-podres-poderes-dessa-cidade-diz-viuv-a-de-marielle-reeleita-no-rio>. Acesso em: 22 dez. 2024.

²³ Quem é Marielle Franco? Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle>. Acesso em: 22 dez 2024.

se dará na construção de narrativa acerca da memória de Marielle, tendo como material de análise focal a transmissão do julgamento em si, ou seja, a narrativa de dona Marinete produzida naquele momento.

Pessoas faveladas e periféricas têm constantemente os seus direitos violados durante as operações policiais, mas também já são afetadas historicamente pela negligência do Estado e pela ausência de garantia de direito no acesso à moradia digna. Até a data de 09/12/2024 (nove de dezembro de dois mil e vinte quatro), 42 (quarenta e duas) operações policiais ocorreram ao longo deste ano só no Complexo da Maré. Em todo esse processo, as escolas permanecem fechadas, os equipamentos de saúde e de serviços sociais ficam inviabilizados, abordagens violentas acontecem e toda uma cultura de medo e desesperança se instaura. Segundo Alexandre Pereira da Rocha, doutor em Ciências Sociais, policial civil no Distrito Federal e associado do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), pode-se compreender a operação policial

[...] como um conjunto de atos coordenados, executados de forma planejada e em caráter sigiloso, desencadeados a partir de um levantamento prévio de informações, com um objetivo definido e específico, conexos a uma investigação em curso. (Rocha, s.d.)²⁴.

Todavia, o que é observado em uma operação policial é a truculência e desordem nas ações que resultam em violações de direitos, cultura do terror, depredações de lojas e casas de moradores de favelas e até mortes de cidadãos. Também não há, em sua maioria, uma transparência do processo e nem uma divulgação do objetivo dessas operações. De acordo com a organização Redes da Maré, ainda não existe “um documento oficial único disponível publicamente que regule, de maneira abrangente, os protocolos de operação policial na cidade do Rio de Janeiro”²⁵.

Marielle lutou, em toda sua trajetória, pela garantia de direitos daquelas pessoas que a sua imagem e o seu legado representam: mulher, negra, mãe, favelada, LGBTQIAPN+, política e tantos outros atravessamentos sociais, políticos e

²⁴ Operações policiais no Estado de direito democrático. Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/operacoes-policiais-no-estado-de-direito-democratico/#:~:text=Por%20opera%C3%A7%C3%A3o%20policial%2C%20poder%C3%Adamos%20entender,a%20uma%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20curso>. Acesso em: 22 de dez. de 2024

²⁵ O que é uma operação policial, afinal? Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/artigo/350/o-que-e-uma-operacao-policial-afinal>. Acesso em: 22 de dez. de 2024

culturais que contrapõem e que incomodam uma elite que ainda é dominada, sobretudo em espaços políticos, por uma maioria branca e masculina. Por isso, para aqueles que também carregam os símbolos que ela carrega, é essencial contar a história de Marielle Franco por uma perspectiva política, mas também afetiva, para que a sua memória esteja sempre presente e ativa na construção de um futuro de não repetição, mais justo e democrático.

Para refletir sobre identidade, trago as concepções produzidas por Stuart Hall em “Identidade Cultural na Pós-modernidade” (2006), que parte de três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo estava baseado em uma concepção na qual a pessoa humana é um indivíduo centrado e unificado, onde este centro corresponde a um núcleo interior que vinha à tona, inicialmente, quando o sujeito nascia e que se desenvolvia progressivamente ao longo de sua existência. Ainda que sem mudanças, permanecendo, em sua essência, o mesmo. Idêntico, continuamente e com uma mesma perspectiva individualista, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação individuais (Hall, 2006).

Já o sujeito sociológico, entendia-se que o núcleo interior do sujeito moderno não tinha autonomia e nem autossuficiência, era formado na relação com outras pessoas, refletindo assim a complexidade do mundo moderno. Neste caso, a sua identidade dialoga com valores, símbolos e práticas que formam a cultura; sua identidade interage com símbolos, valores e práticas, que formam a cultura. Deste modo, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 2006, p.11).

Na terceira concepção de sujeito, o sujeito pós-moderno, o indivíduo não possui uma identidade fixa, imutável ou permanente, nem mesmo tem uma identidade que surge de alguma essência. A identidade deste sujeito pós-moderno é constituída e continuamente transformada a partir dos diálogos de diversidade cultural que o circunscrevem, esta identidade, assim, é definida por camadas históricas e não biológicas.

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e

representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2006, p. 13)

Ainda refletindo sobre identidade, Hall (2006) traz o aspecto do caráter da mudança na modernidade tardia, entendendo a globalização como um processo de mudança que gera impacto sobre a identidade cultural. Para Hall (2006), a globalização tem enquanto resultado a diminuição das fronteiras físicas e temporais, atuando diretamente no espaço-tempo. Ou seja, uma pessoa pode apreender, tomar para si, determinada identidade estrangeira à sua cultura territorial. Assim, independente do território, do tempo, na globalização, um indivíduo está passível de se identificar com determinada cultura externa ao seu tempo e território.

[...] a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço (Hall, 2006, pp. 67-68).

Marielle foi a quinta vereadora mais votada da cidade do Rio de Janeiro; sua eleição e sua história mobiliza e inspira pessoas²⁶ do Brasil²⁷ e do mundo inteiro²⁸ até hoje. Iniciativas acadêmicas, políticas, sociais e culturais se potencializam com a sua força e carregam o seu legado, e isto é evidenciado em alguns exemplos, como a Bolsa Marielle Franco da Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins dos Estados Unidos; o prêmio Marielle Franco *Community-Design*, em Portugal; pré-vestibulares e cursinhos criados para potencializar estudantes negros; e todas as ações políticas e todas as mulheres negras na política que floresceram a partir de seu legado.

²⁶ Marielle inspira ativismo cotidiano de mulheres anônimas. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/marielle-inspira-ativismo-cotidiano-de-mulheres-anonimas/>. Acesso em 09 ago. 2025.

²⁷ Marielle Franco: conheça seis mulheres negras que se inspiram no legado da vereadora assassinada há 2 anos. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/marielle-franco-conheca-seis-mulheres-negras-que-se-inspiram-no-legado-da-vereadora-assassinada-ha-2-anos-24302492>. Acesso em: 09 ago. 2025.

²⁸ “Marielle, presente!": o legado da vereadora e ativista negra. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/marielle-presente-o-legado-da-vereadora-e-ativista-negra>. Acesso em: 09 ago. 2025.

Marielle é filha de dona Marinete Francisco, paraibana, e de seu Antonio da Silva Neto, mais conhecido como seu Toinho, filho de paraibanos migrantes. Segundo filho de um total de seis, faz parte da primeira geração de sua família que nasce no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Seu pai foi o primeiro a construir uma casa de alvenaria na Baixa do Sapateiro, uma das dezesseis favelas que compõem a Maré, e, até hoje, essa construção existe e é mantida pela sua família, mas agora tem a função de bar no território. Dona Marinete e seu Toinho se conheceram em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, quando ele foi visitar seus familiares que ainda residiam lá, mas só começaram a namorar quando ela se mudou para o Rio de Janeiro²⁹. Seu Toinho é um homem sabido, um poeta e um romântico, apaixonado por sua esposa, suas filhas e suas netas. Tive o privilégio de conversar com ele durante todo um dia quando estive na casa deles para fazer o primeiro levantamento do acervo de Marielle Franco; foi dele que ouvi e aprendi que “o conhecimento não ocupa espaço”, e então, conforme fui conhecendo cada um, entendi que esse lema se encaixa perfeitamente na família, já que eles, Marielle e sua irmã Anielle Franco, atual ministra da Igualdade Racial, sempre priorizaram os estudos.

Dona Marinete, por sua vez, é uma mulher forte, assertiva, eloquente e também muito amorosa. Advogada e membro da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil no Rio de Janeiro - OAB/RJ, é de fato a referência do ser mulher para as suas filhas. A eloquência de Dona Marinete é capaz de mover estruturas, sejam coletivas ou individuais. Pude ter a oportunidade, neste mesmo dia que estive com o seu Toinho, de conhecer de perto a sua força e me conectar com alguns elementos que a atravessam e que também atravessam a mim, desde o ser nordestina, nossas culturas, cidades, modos e valores, como também pude ver nela a minha mãe. Reconheci neste instante, na vivência, como a identidade se manifesta. Mais adiante, nessa dissertação, trago uma conceituação sobre o que é identidade.

Dona Marinete luta por justiça pela memória de sua filha assim como mães de todo o país que mantêm, através de seus ativismos, a memória de seus filhos. Assim como Mirtes Renata, mãe do menino Miguel Otávio, que aos cinco anos de idade foi abandonado sozinho no elevador pela patroa de sua mãe, e logo depois caiu do

²⁹ Pai de Marielle escreve poema para filha e lembra sua história de luta e superação. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/pai-de-marielle-escreve-poema-para-filha-lembra-sua-historia-de-luta-superacao-22540899>. Acesso em: 23 dez. 2024.

apartamento do nono andar³⁰. Enquanto a sua mãe estava ausente, a pedido de sua chefe, a ex-primeira-dama do município de Tamandaré, do estado de Pernambuco, Sari Corte-Real, para passear com os cachorros. Ou como o caso do Johnatha de Oliveira Lima, de 19 anos, que foi baleado nas costas pelo policial militar da UPP de Mangueiras (RJ) Alessandro Marcelino de Souza³¹. Ana Paula de Oliveira, a mãe do jovem negro, luta há mais de onze anos por justiça, contra a violência policial e o terrorismo de Estado no Rio de Janeiro. Ela criou, junto a outras mães, o Movimento Mães de Mangueiras.

Assim como Ana Paula, as mães atuam na contraprodução das narrativas de enquadramento burocrático que, em muitos casos, estabelece essas mortes como “auto de resistência”. Lutam para construir biografias afetivas e morais para seus filhos e para que suas mortes não sejam negligenciadas pelo Estado. O trabalho sistemático e as redes de apoio que elas constroem colaboram para que os casos em questão não desapareçam por completo frente a falta de cobertura e interesse midiático e à morosidade da justiça. Como casos como o de Johnatha sobrevivem no Judiciário brasileiro por dez anos e finalmente chegam ao júri popular? (Alves; Soares, 2024, n.p).

São mães que não têm direito ao luto, que precisam transformar as suas perdas em luta. Elas se mobilizam, se articulam e se reinventam para abafar a dor da ausência e da injustiça. Estas mães, indignadas com a inversão natural da ordem das existências, onde a mãe parte antes de sua cria, contrariam o silêncio e ecoam suas vozes por reconhecimento. Desta forma, elas carregam o peso da memória do futuro que elas gestaram. Logo, são elas a ancestralidade de um futuro que não existe mais, mas que tem o direito à memória digna.

³⁰ Caso Miguel: morte de menino no Recife mostra 'como supremacia branca funciona no Brasil', diz historiadora. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52932110>. Acesso em: 29 jun. 2025.

³¹ Caso Johnatha Oliveira completa 11 anos e família aguarda novo julgamento. Disponível em: <https://vozdascomunidades.com.br/favelas/caso-johnatha-oliveira-completa-11-anos-e-familia-aguarda-novo-julgamento/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar

Oh, pedaço de mim
Oh, metade exilada de mim
Leva os teus sinais
Que a saudade dói como um barco
Que aos poucos descreve um arco
E evita atracar no cais

Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu

Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fígada
No membro que já perdi

Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus

(Chico Buarque – Pedaço de mim)

1.1 Objetivo

Como consequência do contexto apresentado acima, o objetivo geral desta dissertação é compreender a construção da narrativa, por construção de memória, pela mãe de Marielle Franco, dona Marinete Francisco da Silva, em seu depoimento durante o julgamento por júri popular dos assassinos réus confessos Ronnie Lessa e Elcio Queiroz, realizado nos dias 30 e 31 de outubro de 2024 e transmitido via a plataforma on-line “YouTube”. Entendendo que a memória é ferramenta essencial para a justiça social e para a imaginação de um futuro de não repetição, este trabalho se debruçará, mais especificamente, na análise do discurso acerca da identidade de Marielle sob o olhar de sua mãe, aquela que veio antes, que luta pela sua memória e que cultiva o seu legado para o tempo que ainda virá.

É importante destacar que apoiar-me-ei na lente dos estudos interseccionais, para conceitualizar os materiais coletados durante o percurso analítico. Intrinsecamente, serão compreendidas características da narrativa daquela que deu a vida a Marielle, sua mãe dona Marinete da Silva. Desta forma, serão evidenciadas as histórias sobre quem era Marielle Franco em vida, considerando os seus atravessamentos sociais.

1.2 Metodologia

Tendo em vista que o objeto principal de análise desta dissertação foi acessado através do site de internet *YouTube*, esta pesquisa está caracterizada como de caráter etnográfico virtual, dentro das perspectivas da socióloga Christine Hine (2000). Em meados da década de 1990, a internet se tornou uma ferramenta de comunicação e compartilhamento de informações amplamente acessível, impactando, também, o campo da etnografia e seu desenvolvimento (Hine, 2000).

Hine (2000) define a etnografia virtual como algo que é realizado de, em e através da internet, podendo ser engendrada como um meio ou resposta adaptativa e comprometida com as relações. E, ao mesmo tempo, se apoia na conexão e não na locomoção ou localização para definir seu objeto de estudo (Hine, 2000).

Esta pesquisa também se ancora dentro da concepção de ordens de indexicalidade proposta por Blommaert (2006) e articulada por Melo e Ferreira (2017) em seu artigo “As ordens de indexicalidade de gênero, de raça e de nacionalidade em

dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014" (Melo; Ferreira, 2017), onde apresentam:

Em outras palavras, Blommaert (2006) parte das ordens do discurso foucaultianas, compreendidas como procedimentos impostos pelas pessoas e/ou pelos discursos que controlam as produções discursivas, para tratar das ordens de indexicalidade (Melo; Ferreira, 2017, p. 413-414).

A metodologia desta pesquisa se iniciou através do processo de revisão bibliográfica dos conceitos, uma vez que diversos autores relevantes contribuem na produção de sentido de determinadas ideias elencadas nesta pesquisa para dar embasamento teórico. Também utilizei registros e outros materiais coletados através de entrevistas individuais e de encontros coletivos com a equipe do IMF para sistematização de informações, de conceitos-chave, de geração de conhecimento e de planejamento para a construção do Centro de Memória e Ancestralidade Marielle Franco. Além disso, acessei arquivos do Instituto Marielle Franco junto a notícias e matérias da mídia para ajudar a compreender como a história de Marielle foi contada, como a família quer que seja contada e quais as estratégias de preservação de sua memória estão sendo utilizadas.

Tais etapas metodológicas, que antecedem o material de análise principal, têm o objetivo de trazer uma base tanto teórico-conceitual quanto acerca do contexto do objeto de pesquisa propriamente dito. Sem estas etapas e sem a apresentação de alguns elementos estudados no processo, faz com que a compreensão do resultado do julgamento dos réus confessos, assassinos de Marielle e Anderson, ficasse comprometida, uma vez que este caso foi histórico no Brasil e na luta por justiça social. É importante destacar que outros casos não tiveram este mesmo resultado, como o do assassinato da criança Ágatha Félix, em 2019. Apenas oito dias após a condenação dos executores de Marielle e Anderson, o policial militar Rodrigo José de Matos Soares, assassino de Ágatha, foi absolvido por júri popular. Ágatha tinha apenas 8 anos de idade quando foi alvejada com um tiro na favela da Fazendinha, no Complexo do Alemão, quando estava em uma kombi com a sua mãe³².

Por fim, seguimos a investigação com o objeto principal de análise, depoimento de dona Marinete da Silva dado no dia 30 de outubro de 2024 no julgamento dos réus confessos, os executores do crime Ronnie Lessa e Élcio Queiroz. O julgamento foi

³² Caso Ágatha Félix: PM apontado como autor do disparo é absolvido pela Justiça cinco anos depois da morte Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/11/09/juri-popular-decisao-pm-caso-agatha.ghml>. Acesso em: 22 dez. 2024.

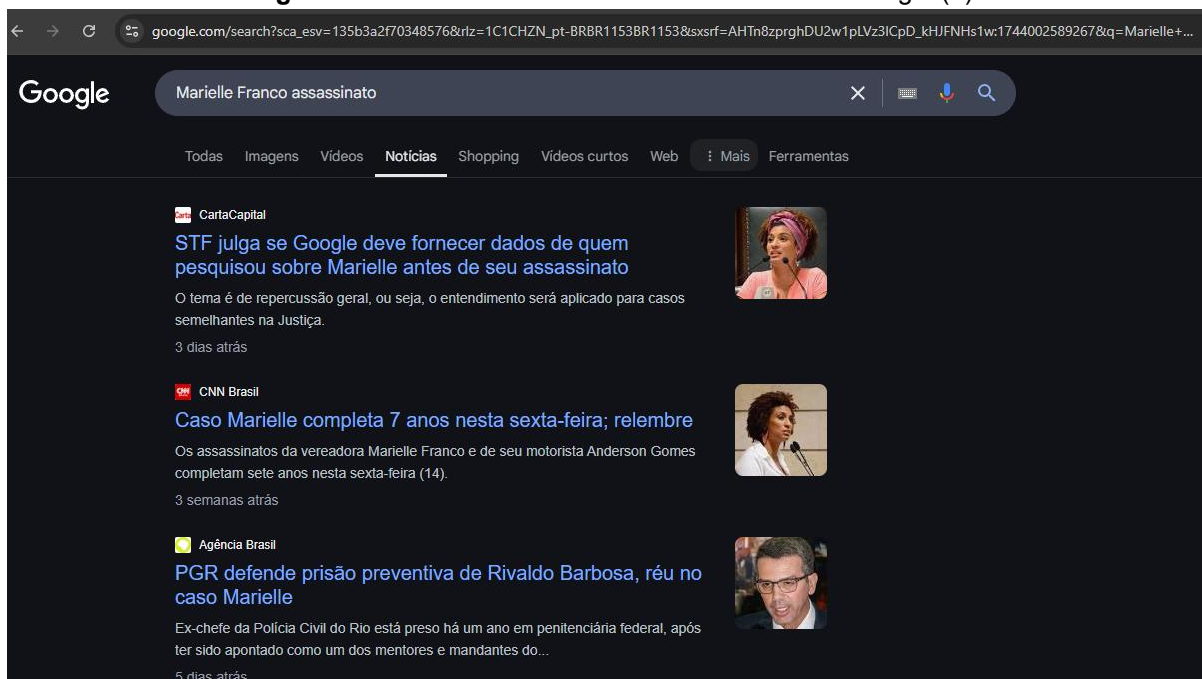
transmitido ao vivo, e ainda se encontra disponível na plataforma *YouTube* pelo Instituto Marielle Franco. A escolha do objeto principal de análise foi resultado dos apontamentos da banca de qualificação desta dissertação, que destacou a relevância de dona Marinete da Silva em todo processo de elaboração desta pesquisa. Ela se revela protagonista tanto nos relatos de minha consultoria quanto nos materiais levantados para análise. Desta forma, foi realizada uma análise de seu discurso feito em depoimento no julgamento dos executores do crime, para compreender quem era Marielle Franco para além da política institucional e daquilo compartilhado pela mídia, para compreender também Marielle Francisco da Silva. Logo, pretendo na análise destacar quem era a Marielle humana, subjetiva, a partir da memória de sua mãe. Todo o percurso metodológico visa, assim, proporcionar nesta dissertação um maior entendimento do processo de construção de narrativa.

[...] é o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional. Um texto, então, nesta perspectiva, é discurso tornado passível de descontextualização (Bauman; Briggs [1990]2006, p. 206).

Para definir o material de análise da pesquisa, considere os apontamentos da equipe do Instituto Marielle Franco, bem como, da família de Marielle Franco para a conceituação de sua memória que dão suporte para compreendermos o discurso de dona Marinete durante o julgamento. Este processo se deu durante o período de consultoria para a construção do Centro de Memória e Ancestralidade Marielle Franco, entre setembro de 2023 e julho de 2024, logo, dentro do período em que cumpria algumas disciplinas no PPGMS. Também foram utilizadas a ferramenta Google de pesquisa e redes sociais da empresa “Meta”, como “Facebook” e “Instagram”, para coletar notícias e informações úteis sobre Marielle e seu assassinato.

Devido ao alto número de notícias e conteúdos onde, nem todas, estavam relacionados propriamente com as palavras-chaves utilizadas na busca, decidi por utilizar como parâmetro de recorte apenas as notícias que apareceriam nas primeiras duas páginas. Para o levantamento nas redes sociais, optei por selecionar apenas perfis relacionados aos seus familiares de maior alcance público, como Anielle Franco (sua irmã) e Mônica Benício (sua viúva), bem como do Instituto Marielle Franco.

Figura 3 – Printscreen de resultados de busca no Google (1)



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 4 – Printscreen de resultados de busca no Google (2)



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Dentro do período de julho de 2024 a abril de 2025, foram buscadas notícias e informações no site *Google* deste período e retroativas – desde o seu assassinato (14 de março de 2018) até junho de 2024 – através das seguintes palavras-chave: Marielle

Franco, Memória Marielle Franco, Marielle Franco assassinato, Julgamentos assassinos Marielle Franco. Já nas redes sociais, foram coletadas informações sobre o processo da memória de Marielle Franco que antecedeu a data do julgamento, bem como mobilizou para o mesmo. Como já mencionado, a coleta foi realizada nas postagens nos perfis do IMF, Anielle Franco e Mônica Benício.

Figura 5 – *Printscreen* de resultados de busca no perfil do Instituto Marielle Franco na rede Instagram (1)



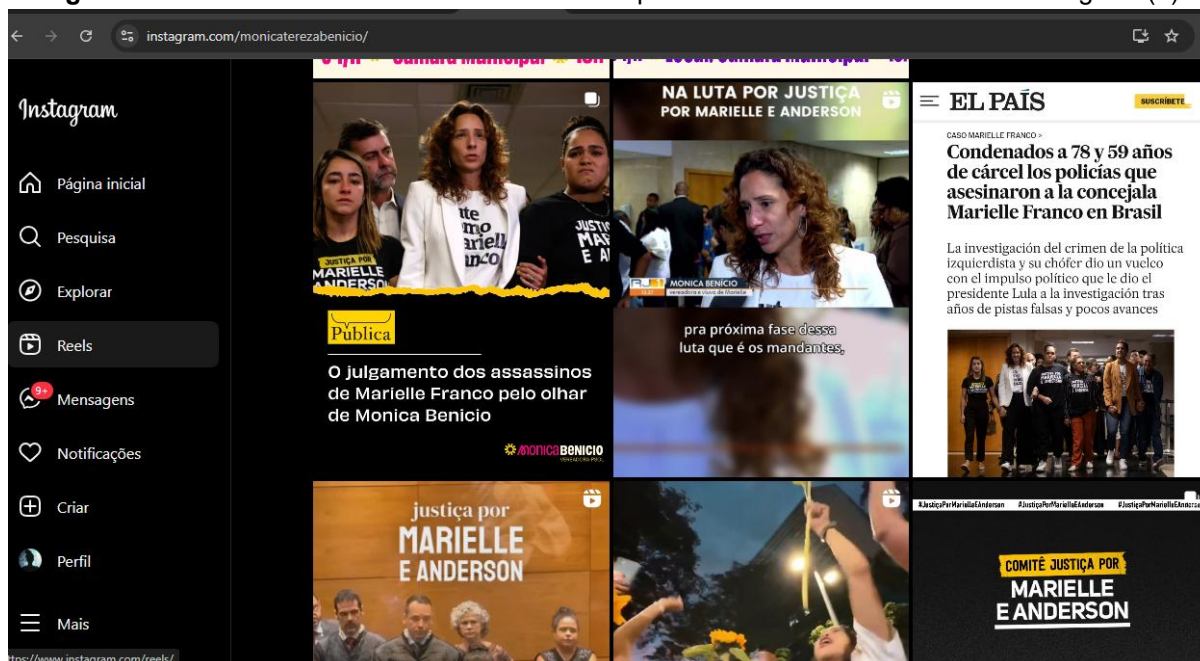
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 6 – *Printscreen* de resultados de busca no perfil de Anielle Franco na rede Instagram (2)



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 7 – Printscreen de resultados de busca no perfil de Monca Benício na rede Instagram (3)



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em suma, a filtragem das notícias e postagens sobre o tema de pesquisa, que dão suporte para compreender o contexto que se deu o julgamento dos executores do crime, onde se encontra o depoimento de dona Marinete Francisco da Silva, objeto principal de análise desta pesquisa, respeitou os seguintes critérios:

- Selecionar apenas reportagens e postagens nas redes sociais em que contemplasse, em primeiro plano, ou a memória e o legado de Marielle Franco, o caso de seu assassinato, ou o julgamento dos executores do crime;
- As fontes das notícias, bem como o seu alcance, foram levadas em consideração para seleção. Priorizando, assim, mídias e portais tradicionais;
- Foram priorizadas na seleção de notícias sobre o mesmo assunto a BBC News, G1, Folha de São Paulo, Jornal Extra e O Estadão.

O julgamento foi dividido em dois dias, 30 e 31 de outubro de 2024, respectivamente, e a sua disponibilização via “YouTube” está dividido em dois vídeos. O primeiro vídeo, referente ao dia 30 de outubro de 2024 tem duração de 11 horas, 54 minutos e 55 segundos e o segundo; o vídeo do dia 31 de outubro de 2024 dura 9

horas, seis minutos e 46 segundos. É importante destacar que no material da transmissão do julgamento dos réus confessos executores do crime, foi considerado o excerto do julgamento com o depoimento integral de dona Marinete da Silva, junto as falas da juíza Lúcia Mothe Glioch, da 4ª vara criminal do Rio de Janeiro, dos promotores de justiça Mário Lavareda e Fábio Vieira dos Santos, bem como as breves reações dos advogados de defesa dos réus Saulo Carvalho, do Ronnie Lessa e Ana Paula Cordeiro, do Élcio Queiroz. Para além dos autores citados anteriormente, utilizo também enquanto referência para a análise do discurso de dona Marinete, a perspectiva de linguagem enquanto performance, construção e ação trazida por Judith Butler (1999, p. 8), onde “nós fazemos coisas com a linguagem, produzimos efeitos pela linguagem e nós fazemos coisas para a linguagem, mas a linguagem é também a coisa que fazemos”.

Figura 8 – *Printscreen* da transmissão do julgamento dos assassinos de Marielle e Anderson no Youtube



Fonte: Arquivo pessoal da autora

No capítulo seguinte, discuto o conceito de memória a partir de um diálogo dos autores contracoloniais Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nego Bispo, Leda Maria Martins e Conceição Evaristo. Estas escolhas por autorias brasileiras também são refletidas no Instituto Marielle Franco, via consultoria, na sugestão de

referenciais teóricos para conceituar o que é memória para a criação do Centro de Memória e Ancestralidade Marielle Franco.

Em sequência, apresentarei o conceito de reparação trazido pela autora Grada Kilomba, dialogando com acontecimentos de nossa história nacional. Por fim, concluindo a etapa que antecede o objeto de análise em si, analisei o conceito de justiça social trazidos por Patricia Hill Collins para definir os três conceitos-chave desta pesquisa. Mais adiante, a pesquisa seguirá com a análise do discurso de dona Marinete da Silva sobre a sua filha, Marielle Franco, durante o julgamento dos executores do crime.

2 MEMÓRIA, REPARAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL

Como anunciei no final do capítulo anterior, apresentarei aqui uma discussão conceitual sobre memória, reparação e justiça social para compreendermos a importância da memória de Marielle Franco na luta por justiça feita por sua família. A memória abre a discussão utilizando, inicialmente, enquanto contraponto essencial, o esquecimento. Para aprofundar o conceito memória, dialogarei com outros conceitos dos autores brasileiros contracoloniais citados anteriormente; as autoras Conceição Evaristo e Leda Maria Martins, junto ao autor Nego Bispo.

Para o conceito de reparação, trarei enquanto referência, Grada Kilomba, que através de suas publicações e obras artísticas, define o termo. Por fim, para o conceito de Justiça Social, apresentarei o pensamento de Patricia Hill Collins, destacando o uso dos seus livros *“Fighting Words: Black Women and the Search for Justice”* (Collins, 2000) e *“Interseccionalidade”* (Collins; Bilge, 2021) com Sirma Bilge.

2.1 Memória

Apresento aqui uma discussão sobre memória para compreendermos a importância da memória de Marielle Franco na luta por justiça, utilizando, inicialmente, enquanto contraponto essencial, o esquecimento. A memória carrega, em seu objetivo, a propriedade de preservar algo, e cria um diálogo entre o passado, o presente e o futuro. Assim, a memória também é uma ferramenta para a produção de poder quando performa a manutenção de saberes, valores e história de um grupo, ao mesmo tempo que ela pode servir para o processo de transformações sociais e de construção de futuro. Jô Gondar (2016) em seu artigo “Cinco proposições sobre memória social” publicado na Revista Morpheus, apresenta:

A memória é, simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento. Sua única fixidez é a reconstrução permanente, o que faz com que as noções capazes de fornecer inteligibilidade a esse campo devam ser plásticas e móveis (Gondar, 2016. p.19).

A memória pode se manifestar através de símbolos, da oralidade, da escrita, do som, do audiovisual e entre outras formas de registros. E é ela que dá origem e sentido aos museus.

Os lugares de memória são primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode se apreendida

pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquiram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica (Nora, 1993, pp. 21-22).

Apesar de a memória poder ser algo individual, ela só existe a partir de um coletivo, pois a consciência da temporalidade só se pôde ser compreendida através do outro, enquanto coletivo. Desta forma, pensar acerca da memória é pensar de maneira coletiva, e é a partir de um determinado grupo que a mesma não só se faz presente, como também fundamenta e legitima a presença de um povo. Assim, avançando acerca da memória enquanto coletiva, e o coletivo enquanto sociedade, a memória é uma ferramenta essencial para a manutenção do poder, podendo servir para a opressão, mas também para a liberdade. Agregando valor à memória, a mesma pode ser entendida como sinônimo de poder. Se é a partir dela que se agrega valor a algo, é a partir deste valor que se estabelecem relações de hierarquia. É na Revolução Francesa que a memória é reinventada, revalorizada e assim recebe um novo conceito, uma nova função.

Fazendo um recorte para os museus, enquanto espaços de memória, vemos que são ferramentas essenciais e indispensáveis para uma sociedade.

A memória que foi o dispositivo detonador do novo, agora é utilizada para recordar, para comemorar, para garantir a ordem inaugurada (no passado). Utilizada para opor-se à antiga classe dominante, a memória agora é usada pela burguesia vai penetrar com ou sem sutileza nas escolas, nos museus, nas bibliotecas, nos arquivos, na produção artística, religiosa, filosófica e científica (Chagas, 2002, p. 7).

Qual o papel dos espaços culturais na manutenção da memória? Como essa estrutura pode impactar na construção de narrativas democráticas? A partir do momento em que se identifica um equipamento cultural como um instrumento de análise para o campo da cultura, entende-se que se trata de um instrumento responsável por abrigar e contemplar a diversidade, não só do campo artístico, mas também do campo simbólico, subjetivo e sensível. Para Gondar (2016) uma das preposições do campo da memória social é de que ela é transdisciplinar:

A memória social é habitualmente caracterizada como polissêmica. Essa polissemia pode ser entendida sob duas vertentes: de um lado, podemos admitir que a memória comporta diversas significações; de outro, que ela se abre a uma variedade de sistemas de signos. Tanto os signos simbólicos

(palavras orais e escritas) quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), e mesmo os signos indiciais (marcas corporais, por exemplo), podem servir de suporte à construção de uma memória. E o privilégio conferido a cada um desses sistemas de signos por uma sociedade ou por uma disciplina é capaz de trazer à memória uma significação diversa (Gondar, 2016. p. 21).

Os espaços culturais, ou instituições de cultura, devem possibilitar uma vivência cultural aprofundada através de formas diferenciadas de envolver seu público, permitindo o desenvolvimento da capacidade de cada indivíduo ao refletir sobre as diferentes linguagens artísticas (Kauark; Rattes; Leal, 2019). Durante a primeira fase da consultoria para a construção do Centro de Memória e Ancestralidade Marielle Franco (CMAMF), junto ao Instituto Marielle Franco, chegou-se ao entendimento de que o CMAMF deve ser em um espaço cultural que prioriza a participação ativa, ao invés do puro acesso e o alcance de um resultado quantitativo. Instituições culturais sob esta concepção se apresentam como uma alternativa de espaço para a participação e fruição, permitindo que os sujeitos sociais ali inseridos possam desenvolver os campos da criação, pertencimento, representatividade e alteridade. Estruturar as práticas culturais de seus frequentadores, estimulando uma relação de participação e apropriação, não apenas de seu espaço físico, como também de suas atividades e seus conteúdos, é o papel fundamental de um equipamento de cultura (Kauark; Rattes; Leal, 2019) e de memória.

Partindo do contexto em que o objeto de análise deste trabalho está inserido, destaco a importância de trazer exemplos de processos de memória do povo negro enquanto suporte para conceituação e iniciativa de preservação da memória, neste caso, em específico, a memória de mulheres negras. Conceição Evaristo (2022) traz, em toda sua obra, a importância de trabalhar o passado-presente da população afro-brasileira, pois a situação que a maioria dessa população se encontra mostra que a violência do passado escravocrata não foi expurgada nem em termos emocionais, nem em uma política concreta. Para a escritora, trabalhar esse passado, essa memória, é uma maneira também de reivindicar uma posição de dignidade no presente.

A produção literária de Conceição vem através da memória para a própria memória. Em seu primeiro romance, intitulado *Ponciá Vicêncio*, é a memória que costura a narrativa. O tempo se liga ao espaço que se constrói a história a partir da memória de Ponciá, a personagem central, que revive o passado, suas lembranças e, trazendo somado a estes elementos, alguns contextos históricos do povo negro

brasileiro. A memória para Conceição também liga o presente com o passado e com o futuro, aqueles que já não estão mais aqui com aqueles que ainda estão.

Na primeira manhã em que Ponciá Vicêncio amanheceu novamente no emprego depois do retorno à terra natal, levantou-se com uma coceira insistente entre os dedos das mãos. Coçou tanto até sangrar. Cuidou dos afazeres da casa da patroa, mas a toda hora interrompia o trabalho e levava as mãos debaixo d'água para ver se aliviava o incômodo. Ela nunca tivera nada de pele. Ao nascer, o primeiro banho tinha sido em sangue de tatu, o que deixou Ponciá imunizada para qualquer mal nesse sentido. Então, por que agora quando já grande, o surgimento daquele incômodo que coçava tanto entre os dedos? Ponciá Vicêncio cheirou a mão e sentiu o cheiro do barro. Para Ponciá, a cidade lhe parecia agora sem graça e a vida seguia sem qualquer motivo. Trabalhara, conseguira juntar algum dinheiro com o qual pudera comprar uma casinha, mas faltava-lhe os seus. Voltara à terra na esperança de encontrar qualquer vestígio da sua mãe e do seu irmão e apenas confirmara o sumiço dos dois. O que fazer agora? Perdera o elo com os vivos e com os mortos seus. O que valia agora o barraco? Quem ela levaria ali para dentro? Que pessoas vivas ou mortas? Correu lá no fundo da casa, no seu quarto de empregada, e tirou o homem –barro de dentro da trouxa. Cheirou o trabalho, era o mesmo odor da mão. Ah! Então, era isso! Era o Vô Vicêncio que tinha deixado aquele cheiro. Era de Vô Vicêncio aquele odor de barro! O homem chorava e ria. Ela beijou respeitosamente a estátua sentindo uma palpável saudade do barro. Ficou por uns instantes trabalhando uma massa imaginária nas mãos. Ouviu murmúrios, lamentos e risos...Era Vô Vicêncio. Apurou os ouvidos e respirou fundo. Não, ela não tinha perdido contato com os mortos. Era sinal de que encontraria a mãe e o irmão vivos (Evaristo, 2003, p. 74-75).

Quando promovemos uma discussão conceitual acerca da memória, precisamos levar em consideração sobre qual memória, objetivamente, estamos nos debruçando e, sobretudo, para que queremos defini-la. Assim, podemos compreender quais fatores e quais referências estarão presentes nesse discurso, pois a memória comporta diversos sentidos, de acordo com a sua ocupação. Memória não é apenas aquilo que trata de passado, a memória pode ser considerada também aquilo que se tem de futuro, pois a imaginação articula esses dois tempos de forma espiralar, sem diacronia (Martins, 2021). A memória dança com o simbolismo e com aquilo que é capaz de quebrar com a linearidade e com a necessidade da ordem evolutiva que o ocidente impõe de modo imperativo.

Este entendimento que trago aqui acerca da memória, também, a partir de Leda Maria Martins está compreendido em dois de seus conceitos, o de oralitura e o de tempo espiralar. Leda parte com o conceito de oralitura a partir das performances, buscando fomentar nelas o seu entendimento, em especial, nas performances rituais. Este conceito é uma classificação que auxilia o pensamento das performances para além da escrita, pois a oralitura aponta que a grafia do conhecimento se inscreve não apenas pela letra alfabética, mas ela se grafa também pelo corpo, pelas corporeidades

(Martins 2024), neste caso, através do corpo e da corporeidade do negro. Desta maneira esta grafia, as Afrografias, são essas inscrições do conhecimento pela prática das oralituras.

Oralitura é toda performance que rege, no caso ali do reinado, as performances orais, seja matizadas pelos cantos, pelas danças, pelo figurino, pelos cromatismos. A escrita nunca se quis como contraditória à oralidade, é o uso da escrita é que foi feito assim, como forma, inclusive, de domínio. São saberes musicais, sonoros, estéticos em geral, mas também são saberes científicos, técnicos [...], eles se restituem pelas corporeidades através das oralituras, das performances, que têm o corpo como o lugar de inscrição do conhecimento, o corpo como lugar de inscrição dos saberes, o corpo como o lugar de inscrição da memória (Martins, 2024, p.).

Em suma, a oralitura traz a ideia de que o conhecimento e a memória são carregados no corpo através da fala, do movimento e da performance, do mesmo modo que são carregados pela escrita, considerando também aqueles saberes mais abstratos, éticos sociais e culturais, filosóficos e, dentro das diversas filosofias, aquela que diz deferência ao tempo. Indo em divergência da lógica sistêmica do tempo, que protagoniza a ideia de uma linearidade, Leda nos apresenta a ideia de o tempo espiralar.

Ela é uma estrutura na qual se assenta a ancestralidade, e que nos dá outra perspectiva de experiência de temporalidade. O que funda a ideia do tempo espiralar é o movimento. O movimento, sim, permanente. Não apenas em uma única direção, nem num único sentido, um movimento também curvilíneo. Por isso ele agrega tanto o mais velho quanto aquele que ainda vai nascer, como constitutivos do presente e do agora (Martins, 2024, n.p)

Esse tempo espiralar cunhado por Leda Maria Martins (2024) é um tempo que se movimenta para frente e para trás de forma simultânea. Ele carrega no presente o pretérito do passado com o pretérito do futuro, ou seja, os nossos que já faleceram, mas que ainda aqui estão porque participam do agora, assim como aqueles que ainda vão nascer; tudo no presente (Martins 2024). Neste pensamento, aqueles que já faleceram e aqueles que ainda estão por vir nos configuram, nos constituem, não em forma de repetição, mas sim como uma forma de carregar a memória e o futuro no presente.

A memória de Marielle é uma memória coletiva e está viva no dia a dia, no amanhecer³³, na sua família e nos seus amigos, em quem votou nela, a cada dia 14³⁴

³³ Amanhecer por Marielle e Anderson. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/amanhecer-por-marielle-e-anderson/>. Acesso em: 05 jan. 2025.

³⁴ Marielle foi assassinada no dia 14 de março de 2018, desde então, no dia 14 de todo mês é trazida a memória de Marielle por parte de seus familiares e Instituto Marielle Franco.

e dia 27³⁵, em todo o símbolo que ela carregava e que a partir dela foi criado, nos relatos das pessoas que cruzam suas narrativas com a história de Marielle, nas casas das famílias que colocam a sua placa em destaque nas janelas e paredes para demarcar o sonho de um futuro em que não haja repetição, mas sim reparação, firmando, assim, um compromisso com a esperança e com uma mudança profunda que leve a um mundo justo e digno.

Toda essa memória de Marielle está carregada nos corpos de sua família. Sua mãe, dona Marinete, narra no seu corpo e com a sua voz, a história de sua filha, conta não só para a mídia e sociedade, mas também para as suas netas, Luyara, Mariah e Eloah quem era Marielle, ao mesmo tempo em que elas também carregam a Marielle. Luyara enquanto filha, Mariah enquanto afilhada e Eloah enquanto aquela que ainda ia vir a nascer quando a Marielle faleceu. Elas curvam o tempo, pois carregam as suas ancestralidades e se movimentam para diversas direções, fazendo com que ele, o tempo, não se repita e nem, empiricamente, progrida em linha reta, pois a trajetória de Marielle só poderia ser seguida por ela.

As três, junto a dona Marinete, fazem com que o tempo se movimente para diversas outras configurações, produzindo outros sentidos, outras vivências, outros saberes que se cruzam com os de Marielle Franco. Dona Marinete, que carrega no seu corpo as suas memórias, o quanto ela conhecia a sua filha e o tanto de saberes que ela a ensinou, desde o dia 14 de março de 2018, toma para si a responsabilidade política, social e afetiva de narrar quem é Marielle para além da política, a Marielle filha, mãe, mulher e tudo que ela sabe sobre a sua filha e que assim traz a sua humanidade.

Preservar a memória de Marielle também é um processo de humanização de um corpo que foi desumanizado tantas vezes, para além do instante de seu assassinato e dos tempos que ainda seguem. Frente às disputas de narrativa sobre quem era Marielle, mas também durante toda a sua vida. Ser mulher, favelada, negra, mãe e LGBTQIAPN+ grafa no seu corpo violências sociais de desumanização. Marielle sofreu racismo assim como a sua mãe. Dona Marinete sofreu e vem sofrendo racismo, assim como também a sua neta Luyara sofreu e vem sofrendo. Assim como toda e qualquer pessoa negra quando nasce sofre. O racismo mata, literalmente, todos os dias – segundo o Atlas da Violência, a cada 12 minutos, uma pessoa negra

³⁵ Marielle nasceu no dia 27 de julho de 1979. Desde o seu assassinato, a sua família e o Instituto Marielle Franco fazem eventos para promover a sua memória.

é morta ³⁶ – e, desde o primeiro dia de sua vida, cada pessoa negra tem que lutar para sobreviver, material, psicológica e espiritualmente. Marielle viveu lutando por ela e por uma transformação social efetiva. Sua memória carrega o seu legado de luta e afrografia, a partir de sua família, amigos e de todas as suas sementes, um futuro de não repetição.

Em confluência com Leda Maria Martins, Nêgo Bispo também traz a dimensão da memória com o presente em relação com o passado e com o futuro. No livro “Colonização, Quilombos, modos e significados” ele compartilha a ideia de que o presente é interlocutor do passado e um locutor do futuro (Bispo, 2015). Bispo nos quer dizer que a vida é começo, meio e começo, geração vó, geração mãe e geração neta. Para ele, que se coloca enquanto um dos relatores destes saberes através da escrita e da oralidade, este livro é uma forma de conversar com os seus mestres – seus ancestrais – quando ele estava passando por uma dificuldade ou apenas para estar na escrita aquilo que primeiro existe na oralidade. Também é uma forma de manter presente os seus ancestrais no presente e no futuro.

Relato, a seguir, um episódio narrado por Nêgo Bispo, para apresentar um pouco mais do seu pensamento sobre a memória, além de ressaltar o modo de compartilhamento de saberes que ele buscava fazer, notadamente através da contação de histórias, memórias e poesias. No vídeo do Itaú Cultural “Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola”³⁷, Bispo conta uma passagem de sua vida na qual considera um rito de passagem de um de seus grandes mestres, seu tio Norberto Máximo, deste plano para a ancestralidade, onde demonstra a ideia da memória enquanto o presente em relação com o passado e com o futuro.

Em um dado momento, tio Norberto o chama no quarto e diz que a comida não o alimenta mais e que ele enfraquece a cada dia que passa. O remédio que fazia uso, naquele momento, não enfraquecia mais a sua doença, logo, ele estava partindo para o outro plano. Bispo pergunta a ele sobre o que tem a dizer e o seu mestre diz que apesar de não ter tido filhos, ele criou muitos filhos. Disse também que nunca foi rico, mas sempre comeu e deu de comer. Neste momento, tio Noberto começa a chorar e

³⁶ Uma pessoa negra é morta a cada 12 minutos, diz Atlas da Violência. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/06/18/uma-pessoa-negra-morta-a-cada-12-minutos-diz-atlas-da-violencia.ghtml>. Acesso em: 21 jun 2025.

³⁷ Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>. Acesso em: 22 jun. 2025.

enquanto o ouvia, Nêgo Bispo o pergunta do porquê do choro, já que ele se dizia satisfeito com a vida, contemplado com a sua partida. E o seu mestre responde:

[...] eu estou chorando porque lhe ensinei tudo o que sabia, mas eu não sabia tudo o que eu queria lhe ensinar, mas mesmo assim quero lhe dizer que enquanto você passar para as outras gerações aquilo que eu passei para você, mesmo que eu esteja enterrado, estarei vivo. Mas no dia que você deixar de passar para as outras gerações isto que eu recebi de outras gerações e estou lhe passando, mesmo que eu esteja presente, eu estarei morto. Então a minha vida a partir de hoje está nas suas mãos. A minha vida está na sua vida (Itaú Cultural, 2021, n.p).

Encruzilhando esta passagem com o que Leda Maria Martins traz com a oralitura, o conhecimento e a memória são carregados no corpo através da fala, da performance e do movimento. Para Bispo, este episódio do rito de passagem de um de seus mestres, o tio Noberto, diz o quanto é importante para o povo negro, para o povo quilombola, o saber. Mais ainda, quanto faz se sentir bem em passar esse saber o compartilhando.

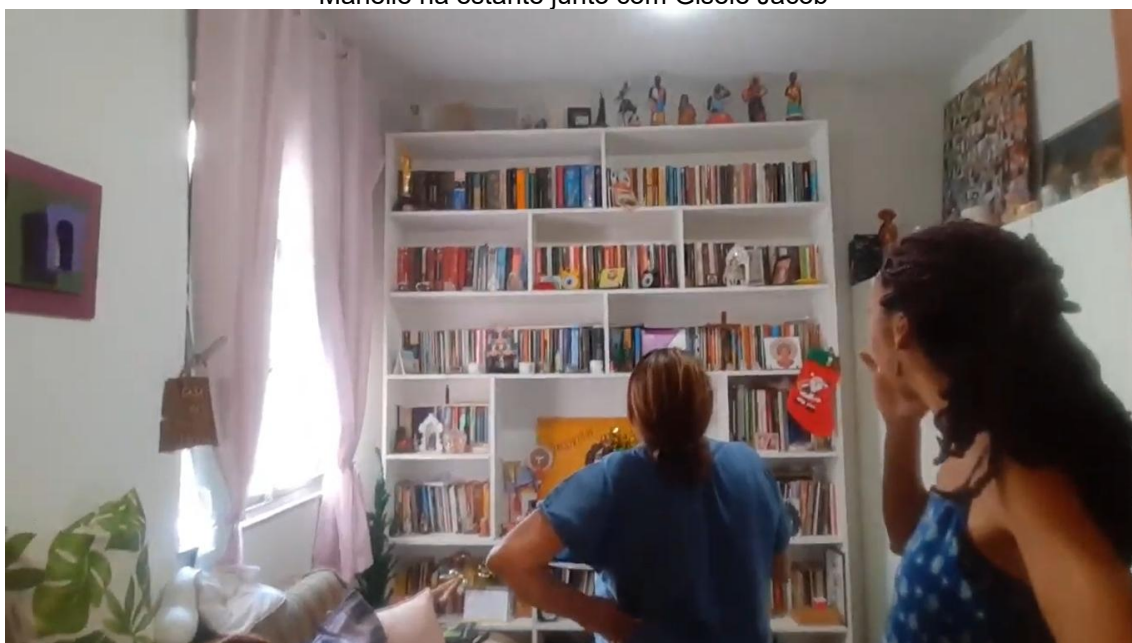
Bispo (2015) defende que a mercantilização do saber é um dos grandes problemas da sociedade, pois, em comunidade, as pessoas compartilham o saber e não os vendem. E, ao compartilhar o saber, a pessoa acrescenta algo para este saber. Desta forma, o saber não apenas cresce, mas nós e os nossos ancestrais estarão no tempo presente e no tempo futuro, sem repetição, mas caminhando para outras direções e realizando outros movimentos.

A família da Marielle faz do saber uma ferramenta do movimento. A fala de seu Toinho sobre o conhecimento não ocupa espaço, o esforço de toda a família para priorizar os estudos conflui com este entendimento. Um dos primeiros empregos da Marielle foi na UNISUAM, que na época havia também o ensino regular, onde pôde acessar uma escola particular através de seu trabalho. Anielle, que tem duas graduações, dois mestrados e até o momento da produção desta dissertação está no doutorado, foi estudar ainda muito jovem nos Estados Unidos através do vôlei. E Luyara, mesmo recém-ingressa no curso de graduação em Educação Física na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) quando sua mãe foi assassinada, conclui a sua formação. Isto é um retrato dos movimentos da valorização das memórias e dos saberes dos avós, dos filhos e dos netos.

Aqui volto para o episódio no qual vou até a casa dos pais da Marielle para conhecer os objetos que a sua família guardou e que poderia vir a ser acervo do CMAMF. Dona Marinete, naquele instante, transforma a sua casa no próprio centro

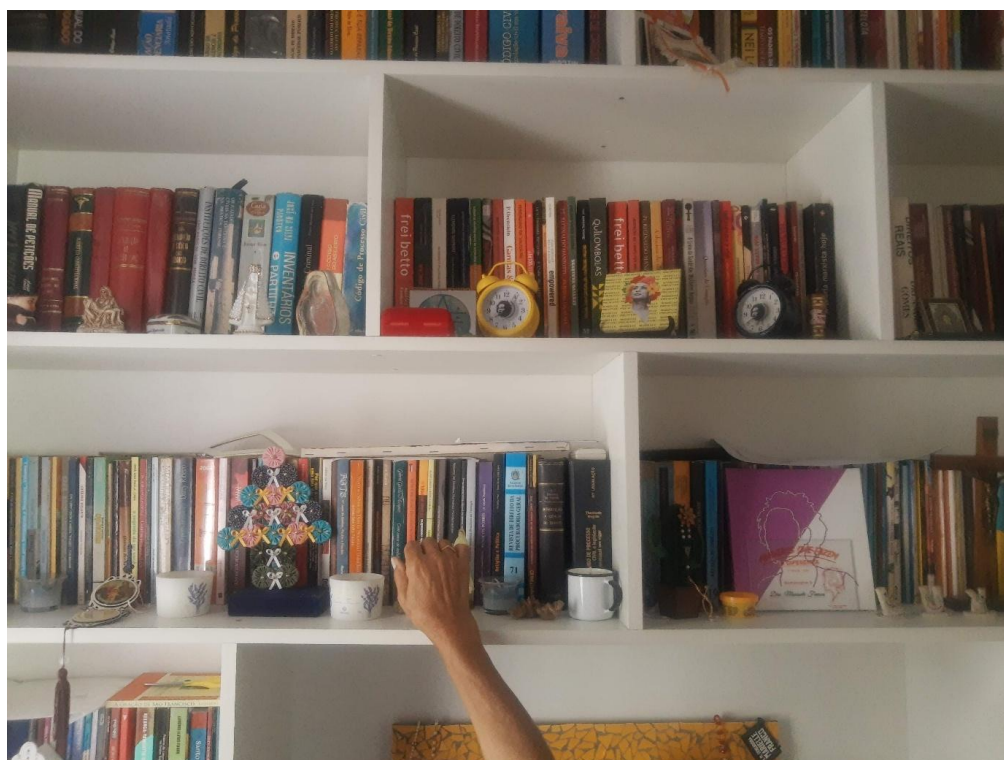
de memória. Ela nos convida para uma visita mediada pelos cômodos de sua casa para contar quem era Marielle Franco a partir de suas memórias em um cruzamento com os objetos de sua filha. Ela divide o seu acervo em espaços: as indumentárias em um dos quartos; os objetos pessoais de trabalho, de campanha política e homenagens no escritório – como pode ser visto nas figuras de 9 a 12; e as fotografias na sala. Esta, preenchida de gente – com a presença de Luyara e seu Toinho – para compartilhar suas memórias destes registros, como observado na figura 13.

Figura 9 – Frame de um vídeo produzido pela autora de dona Marinete procurando um objeto de Marielle na estante junto com Gisele Jacob



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 10 – Foto da mão da dona Marinete pegando um objeto de Marielle na estante



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 11 - Foto dona Marinete mostrando uma faixa de homenagem a Marielle doada para a família



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 12 – Dona Marinete mostrando uma foto impressa da Marielle



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 13 – Frame de um vídeo produzido pela autora dessa dissertação com dona Marinete procurando um objeto de Marielle na estante junto a Luyara e seu Toinho



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Dona Marinete entende a importância dela mesma contar a história de sua própria filha, para que se conheça a Marielle para além do seu assassinato, para mostrar para a sociedade quem foi tirada dela, de toda a família, amigos e de nós. É dar a Marielle o direito e o tamanho de sua humanidade. É combater, através de sua memória narrada, todas as violências que em vida e legado, Marielle enfrentou por ela e por nós.

Para o objeto de análise desta pesquisa, o depoimento de dona Marinete no julgamento dos executores do crime, é importante apresentar o pensamento de Regina Abreu sobre a compreensão da memória enquanto uma atividade dinâmica entre o ato de lembrar e de esquecer:

É crucial entendermos que a memória não retém tudo, mas que se define como matéria viva, plástica, maleável, sujeita a interferências. Por isso, podemos perceber a memória como um espaço/tempo que vive das pausas, dos momentos de silêncio, lugar “entre” movimentos. E, sendo pausa, lugar do “entre” o que já foi, o que está sendo e o que será, é também lugar de

pensamento. Porém, ao selecionar, ao reter algo num conjunto mais amplo de fatos e acontecimentos que serão relegados ao esquecimento, a memória também produz novos mundos. Entretanto, eles somente podem existir a partir da experiência do sujeito que transforma os acontecimentos não em fatos – informações mortas sobre o que já se foi –, mas sim em maneiras singulares de apropriação de experiências (Abreu, 2016. p. 47-48)

Tendo isso em vista, a análise do discurso de dona Marinete no julgamento, objeto principal desta pesquisa, leva em consideração que há lacunas na memória de dona Marinete sobre Marielle Franco no ato de seu depoimento. Ao mesmo tempo em que entre memória e esquecimento, os acontecimentos serão preenchidos também por apropriações de experiências de quem os narram.

2.2 Reparação

Dentro de minha pesquisa, utilizo Grada Kilomba como referência primordial para a estruturação de conceitos-base que darão contorno às questões profundas que o racismo traz para a nossa sociedade e como podemos responder a elas. Em um processo de justiça, aqui nesta pesquisa, investigada dentro do espectro da justiça social, algumas etapas são necessárias, como: não esquecer; responsabilizar; fazer com que se reconheça o problema; reparar; lembrar para que não se repita. A partir desta abordagem, Grada (2019) apresenta o exercício de trazer aquilo que está no inconsciente para o consciente e o que é invisibilizado para o visível, para que aquilo que não é nomeado passe a sê-lo.

Em sua obra denominada “O Barco”, Grada faz este exercício com o processo de colonização. Para a artista, o barco é utilizado globalmente como um símbolo — tendo em vista que a colonização é um fenômeno global —, em que muitas vezes figura a ideia de liberdade, de expansão, de aventura e, sobretudo, de glória. Assim, o barco gera no inconsciente uma relação com o descobrimento, o que é evidenciado em nosso vocabulário. Voltando o olhar para os processos de colonização, a artista busca provocar, no trabalho “O Barco”, a noção de que um continente com milhões de pessoas não pode ser descoberto, mas sim, invadido e explorado. Esta obra torna visíveis as questões que são muitas vezes invisibilizadas na nossa história, dos processos de colonização e, ao mesmo tempo, faz com que a pessoa que se depare com “O Barco” questione o porquê de nos ensinarem tais invasões como descobrimentos e, ainda, reflita se isso faz parte de um passado ou se faz presente nos dias de hoje.

Figura 14 – Obra “O Barco”

Fonte: Contemporanea.pt - Foto de Bruno Simão. Cortesia da Bienal BoCA

Grada cruza suas produções artísticas com as acadêmicas. Em seu livro “Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano” (Kilomba, 2019), publicado no Brasil em 18 de junho de 2019 pela editora Cobogó, a autora sistematiza conceitos como o de reparação — que utilizarei nesta pesquisa — a partir de episódios cotidianos de racismo, os escrevendo sob a forma de histórias, as quais analisa à luz da psicanálise. Grada Kilomba entende que existe um processo a ser caminhado para que se chegue à reparação.

O racismo tem uma capacidade de se adaptar a diferentes contextos e tempos, tornando-se assim sempre uma norma. Não é por acaso que determinadas violências sejam normalizadas, é uma construção histórica que a todo momento está se reinventando. Por isso, Grada defende a importância de analisar criticamente aquilo que é dito enquanto norma para que tomemos consciência do racismo. Por mais que faça parte do cotidiano das pessoas, segundo a autora, é muito provável que seja uma herança colonial³⁸.

³⁸ Grada Kilomba: ‘O racismo está sempre se adaptando ao contemporâneo’. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/grada-kilomba/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

A autora defende que o processo de consciência do racismo é um processo psicológico implicado e não moral, o qual exige trabalho para ser desmantelado. O racismo é uma consequência de uma ficção que estabelece uma relação de poder entre povos. Em uma aula eletiva que fiz no PPRER-CEFET/RJ, ouvi do professor doutor Roberto Borges que as pessoas brancas contemporâneas não têm culpa pelo racismo de seus antepassados, mas sim possuem responsabilidade, agência, do que vão fazer em relação a ele. Como vão negociar com o racismo que os privilegia e de que forma buscarão se relacionar para responder a esta herança. O antirracismo é uma ação na contramão do racismo. A não ação é se deixar levar pela correnteza que o beneficia.

Em “Memórias da Plantação - Episódios do Racismo Cotidiano” Grada (2019) evidencia cinco etapas do processo de responsabilização do racismo. São eles: negação; culpa; vergonha; reconhecimento; reparação. Processos psicológicos que partem de uma tomada de consciência para uma ação. Faz parte do processo de responsabilização a negação, recusar que o racismo existe e, contraditoriamente, dizer que isto está no outro. Ou seja, há uma projeção no outro sobre aquilo que não se quer ser, tirando de si a responsabilidade. Desta forma, recusa-se a aceitar e admitir que o racismo existe. E esta recusa só existe pois quem nega carrega o poder, o privilégio de não ter que lidar com a questão do racismo e da desigualdade.

A Negação (denial) é seguida por dois outros mecanismos de defesa do ego: cisão e projeção. (...) o sujeito nega que ela/ele tenha tais sentimentos, pensamentos ou experiências, mas continua a afirmar que “outra” pessoa os tem. A informação original - “Nós estamos tirando o que é delas/es” ou “Nós somos racistas” - é refutada e projetada sobre as/os “Outras/os”: “Elas/es vêm aqui e retiram o que é Nosso”, “elas/eles são racistas” (Kilomba, 2019, p. 43, grifos da autora).

Já na etapa seguinte, a culpa, há um conflito interno entre o ego e o superego, entre aquilo que o sujeito racista fez ou faz com aquilo que ele deveria ter feito. E logo, isso se volta para a vítima: o sujeito racista acaba manifestando este conflito interno através da culpabilização da vítima, do outro, em um processo de não acreditar e fazer pouco-caso dessa pessoa, dizendo que ela é “exagerada” ou “sensível” demais. Também faz parte da etapa da culpa respondê-la com a racionalização e intelectualização do ocorrido, do racismo, quando há

[...] a tentativa do sujeito branco de construir uma justificativa lógica para o racismo; ou descrença, assim o sujeito branco pode dizer: “Nós não queríamos dizer isso nesse sentido”, “você entendeu mal”, “para mim não há

negras/os ou brancas/os, somos todos humanos.” De repente, o sujeito branco investe tanto intelectual quanto emocionalmente na ideia de que a “raça”, na verdade, não importa como estratégia para reduzir os desejos inconscientes agressivos em relação às/aos “Outras/os”, bem como seu sentimento de culpa (Kilomba, 2019, p. 44-45).

Depois da culpa, vem a vergonha, um outro conflito interno, mas esse, segundo Grada, é extremamente positivo. Continua sendo um conflito entre o ego e o superego, mas leva em consideração o exterior ao ser, ou seja, o conflito, aqui, é entre o seu “eu” e como os outros o veem e não como ele se vê, como acontece na culpa, mas como ele é enxergado fora dele, pelos outros. A autora traz a ideia de que é um conflito em que uma identidade de privilégios questiona a sua existência. Na vergonha vem o medo do ridículo e o questionamento de si mostra que este medo do ridículo está evidenciando o comportamento, crenças ou modos de viver de acordo com o seu ideal, do próprio ego.

Enquanto a culpa ocorre se o indivíduo transgredir uma interdição derivada de seu exterior, a vergonha ocorre quando o indivíduo falha em atingir um ideal de comportamento estabelecido por si mesma/o. A vergonha está, portanto, conectada intimamente ao sentido de percepção. Ela é provocada por experiências que colocam em questão nossas concepções sobre nós mesmas/os e nos obriga a nos vermos através dos olhos de “outras/os”, nos ajudando a reconhecer a discrepância entre a percepção de outras pessoas sobre nós e a nossa própria percepção (Kilomba, 2019, p. 45).

Logo em seguida, na quarta etapa apresentada por Grada, o sujeito branco começa o processo de reconhecimento. Reconhecer toda essa complexidade das coisas, das várias definições, produções de conhecimento e vocabulários. Ele reconhece o que ele sabe sobre aquilo que protege a sua identidade política, mas não as outras perspectivas. Aqui ele reconhece a sua branquitude e/ou o seu racismo, saindo da ideia de fantasia e trazendo para a realidade, “já não se trata mais da questão de como eu gostaria de ser vista/o, mas sim de quem eu sou; não mais como eu gostaria que as/os “Outras/os” fossem, mas sim quem elas/eles realmente são” (Kilomba, 2019, p. 46).

No fim deste processo de reconhecimento do racismo, vem a etapa de reparação. De maneira geral, reparar é consertar algo que foi estragado, seja individual ou coletivamente. A etapa de reparação busca sarar algo que foi infectado, atacado. É negociar a realidade, a norma estabelecida. É interromper leis, instituições, linguagens, manutenção de estruturas. É mudar e transformar. “Nesse sentido, esse último estado é o ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de

estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios” (Kilomba, 2019, p. 46).

No processo de reparação, existem vários caminhos a serem seguidos que dependem do contexto do racismo. Existe a reparação emocional, reparação financeira, reparação das estruturas que privilegiam certos corpos e vulnerabilizam outros, é quebrar com a dinâmica e, de alguma forma, recompensar os que sofreram violências para que suas existências cheguem a um estado de equidade com as demais. Ou, em casos em que há um dano impossível de ser revertido – como o caso do assassinato de Marielle Franco para os seus familiares, amigos e sociedade – que a justiça seja feita e que as pessoas ou sociedades que sofreram com o ocorrido sejam minimamente recompensadas através de um legado de reconhecimento, não esquecimento, indenização e políticas efetivas que interrompam estes tipos de violência.

Um exemplo concreto que nos ajuda a compreender o processo de reparação na prática e que, ao mesmo tempo, dialoga com a obra “*O Barco*” é o inquérito civil público que foi aberto por parte do Ministério Público Federal (MPF) no Rio de Janeiro, contra o Banco do Brasil, para investigar o envolvimento da instituição bancária nos processos de escravização e tráfico de pessoas negras africanas durante o século XIX. Trazendo o contexto, traficantes de pessoas escravizadas ganhavam, pelo menos, cinco vezes mais do que os senhores de engenho, tornando esta uma das atividades de maior retorno financeiro em curto prazo na época. “Uma única viagem de um navio negreiro podia enriquecer um traficante”, afirma uma reportagem da BBC Brasil (2023) sobre o tema. No dia 27 de setembro de 2023, o MPF notificou o Banco do Brasil sobre a abertura deste inquérito que surgiu a partir de um documento enviado por 14 historiadores de 11 universidades que pesquisaram a relação do banco com o processo de monetização de corpos negros africanos escravizados³⁹.

O tráfico de pessoas africanas escravizadas para o Brasil se iniciou por volta do ano de 1560. A força de trabalho de pessoas africanas escravizadas foi substituindo gradativamente a força de trabalho forçado indígena que foi utilizada nos primeiros engenhos de açúcar do país durante o período de 1560 a 1620 (Portal Geledés, 2016). Foi o mercado do açúcar que impulsionou o tráfico, tendo a Europa enquanto destino final de consumo do produto. A produção de açúcar se expandiu

³⁹ Banco do Brasil é alvo de inquérito inédito sobre papel na escravidão e MPF pede reparação. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c89w05408pjo> . Acesso em: 05 jan. 2025.

para o Caribe Oriental no início da década de 1640, e o aumento constante do consumo do açúcar na Europa fez com que o sistema escravista se expandisse para o oeste do continente das Américas por dois séculos, avançando pela América do Norte tropical e subtropical. Com a descoberta de ouro no território de Minas Gerais e, em sequência, de Goiás e de outras partes do Brasil, a expansão do tráfico de pessoas africanas escravizadas se expandiu no território no final do século XVII.

A quantidade de pessoas africanas escravizadas transportadas em navios negreiros chegou ao número de trinta mil por ano na década de 1690 e, em 1790, essa quantidade foi para oitenta e cinco mil⁴⁰. Foi criado um imaginário de que as pessoas que foram escravizadas eram homens vencidos em batalhas de invasões territoriais, todavia, os Arquivos Nacionais Britânicos, do Serviço de Arquivos Públicos de Londres, cederam algumas imagens de seu acervo e o site Geledés publicou em seu portal os primeiros registros de resgates de pessoas africanas pela Marinha Real Britânica de navios negreiros, com destaque para o fato de que muitas dessas pessoas eram apenas crianças.

⁴⁰ Primeiras viagens negreiras. Portal Geledés, 22 jul. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/primeiras-viagens-negreiras/> Acesso em: 05 jan. 2025.

Figura 15 – Pessoas escravizadas em navio



Fonte: Portal Geledés - Imagem cortesia dos Arquivos Nacionais Britânicos, Serviço de Arquivos Públicos, Londres

A escravidão não é apenas um episódio histórico ocorrido e findado nos séculos passados, é uma realidade concreta que permanece ainda no século XXI. Desta forma, é importante olharmos para os processos de escravização de pessoas negras para que seja compreendido o que nós somos hoje, de onde viemos e o que desejamos ser no futuro. Por isso que é tão importante este movimento institucionalizado do Ministério Público Federal, de pedido de reparação ao Banco do Brasil, para a população brasileira afrodescendente, que o mesmo reconheça a ação e repare as vítimas diretas ou que, em consequência do que foi vivido pelos seus antepassados, foram e ainda são impactados⁴¹.

Tanto o processo de justiça por Marielle Franco quanto o caso do Banco do Brasil são movimentos importantes em direção ao combate ao racismo. Nacionalmente, estamos vivendo um momento histórico e não é por acaso que Anielle Franco ocupa, desde o início do atual governo federal, o cargo de Ministra da

⁴¹ MPF cobra do Banco do Brasil reparação por apoio à escravidão. Agência Brasil EBC. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-10/mpf-cobra-do-banco-do-brasil-reparacao-por-apoio-escravidao> Acesso em: 05 jan. 2025.

Igualdade Racial. O Banco do Brasil já pediu desculpas ao povo negro pelos atos das gestões anteriores da instituição bancária, mas o reconhecimento é apenas uma das etapas. Assim, o MPF expediu uma recomendação ao banco para que indiquem recursos e pautas prioritárias para reparação da escravidão através de um programa social junto ao Ministério da Igualdade Racial (MIR) e ao Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC)⁴².

2.3 Justiça Social

Marielle é uma feminista negra que moveu, e ainda move, as estruturas sociais e políticas em nosso país através de sua memória e legado. Poucos instantes antes de sua morte, Marielle estava em um evento denominado "Jovens Negras Movendo as Estruturas", na Casa das Pretas⁴³, localizada na Rua dos Inválidos, no bairro da Lapa, região central do Rio de Janeiro. Em seu discurso de abertura, Marielle lembrou que o lugar que é dado pelo racismo, neste caso, através do discurso de parlamentares brasileiros para mulheres negras no campo político, mas também no campo econômico, cultural e social, é o lugar de negação. Por isso, naquele dia, ela destacou a importância de seu mandato estar pautado junto aos movimentos sociais, junto à sociedade civil organizada e junto a quem está fazendo para fortalecer o grupo social de mulheres negras (Franco, 2014)⁴⁴.

A política de Marielle Franco era uma política de resistência. Resistência pautada pelo afeto, pelo acolhimento e escuta, sem deixar de levar em consideração o corpo, a raça, o gênero, a sexualidade, a classe e o território das pessoas. Não é por acaso que Patricia Hill Collins, uma das principais intelectuais do feminismo negro, traz brevemente em seu livro, *"Interseccionalidade"*, a importância de Marielle Franco na luta por justiça social.

[...] como sugere a morte prematura de Marielle Franco (1979-2018), a construção de um movimento de mulheres afro-brasileiras não é fácil, tampouco chegou ao fim. Marielle era uma mulher negra e bissexual que cresceu em uma favela do Rio de Janeiro. Foi uma das ativistas e políticas

⁴² MPF recomenda ao BB e ao MIR que indiquem recursos e pautas prioritárias em programa de reparação da escravidão. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/rj/sala-de-imprensa/noticias-rj/mpf-recomenda-ao-bb-e-ao-mir-que-indiquem-recursos-e-pautas-prioritarias-em-programa-de-reparacao-da-escravidao>. Acesso em: 10 dez. 2024.

⁴³ A Casa das Pretas é um lugar de formações contra-hegemônicas, ou seja, um lugar de resistência e de re-existências. Disponível em: <https://casadaspretasrj.org/>. Acesso em: 06 jul. 2025.

⁴⁴ Vídeo mostra Marielle Franco em evento na Lapa momentos antes de ser assassinada. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=2022850831087919>. Acesso em: 06 jul. 2025.

mais sinceras de sua geração no Brasil. Eleita para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 2016, presidiu a Comissão de Defesa das Mulheres e condenou ferozmente os assassinatos cometidos por policiais e a violência policial contra as mulheres. A forte capacidade de mobilização popular e a presença na mídia social fizeram dela uma defensora altamente eficaz dos direitos de mulheres negras, jovens e LGBTQs. O assassinato político de Marielle Franco fez dela um ícone da resistência democrática e da luta pela justiça social no Brasil e no exterior. Defensora dos direitos humanos, sua vida e sua morte nos lembram a importância da interseccionalidade para os movimentos de justiça social (Collins; Birge, 2021, p. 45).

O pensamento de Collins sobre justiça social dialoga diretamente com o conceito de interseccionalidade, entendendo que há atravessamentos sociais como de raça, gênero, classe, sexualidade e território que precisam ser olhados de forma integrada, pois geram especificidades que precisam ser consideradas para garantirmos a justiça social. Ou seja, quando ela reflete sobre este conceito, Collins não fala apenas de uma ideia abstrata, mas sim de uma realidade prática. É preciso levar em consideração que os elementos interseccionais situam determinados corpos em uma relação de desigualdade social, política e econômica. Nesta dissertação apresento o conceito de Justiça Social trazida por Patricia Hill Collins construído dentro do campo do feminismo negro.

Realizing that Black feminist demands for social justice threaten existing power hierarchies, organizations must find ways of appearing to include African-American women—reversing historical patterns of social exclusion associated with institutional discrimination—while disempowering us. Ideas become critical within this effort to absorb and weaken Black women's resistance. Regardless of their placement in social hierarchies, other groups also encounter these pressures (Collins, 2000, p. 284-285).

Na contramão das abordagens neoliberais que entendem a justiça como um ideal normativo, institucional e igualitário, Collins provoca entendê-la como um processo político, coletivo, ético de equidade, sempre orientado às transformações das estruturas interseccionais de dominação que atravessam o contexto de vida social.

Muitas pessoas acreditam que os ideais sociais, como a crença na meritocracia, na justiça e na realidade da democracia, já foram alcançados. Para elas, não há crise global de desigualdade social, porque a desigualdade econômica é o resultado de uma competição justa e de instituições democráticas em pleno funcionamento. A desigualdade social pode existir mesmo não sendo socialmente injusta. [...] A justiça social também é ilusória onde aparentemente as regras são aplicadas de maneira igual a todos, mas, ainda assim, produzem resultados desiguais e injustos: nas social democracias e nos Estados-nação neoliberais, todos podem ter o “direito” de votar, mas nem todos têm igual acesso para fazê-lo, e os votos têm pesos diferentes (Collins; Birge. 2021, pp. 48-49).

Logo, para conceituar a justiça social, Collins toma enquanto ponto de partida o conceito de interseccionalidade, onde as opressões sociais, políticas e econômicas não ocorrem de maneira isolada, não são elementos desagregados, pelo contrário, elas articulam, entre si, uma matriz de dominação. Este conceito de matriz de dominação

se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas. Independentemente das intersecções específicas em questão, domínios de poder estruturais, disciplinares, hegemônicos e interpessoais reaparecem em formas bastante diferentes de opressão” (Collins, 2019, p. 57).

Assim, a justiça social está no enfrentamento transversal, integrado, dessas estruturas de dominação.

Rethinking Black feminism as a social justice project involves developing a complex notion of empowerment. Shifting the analysis to investigating how the matrix of domination is structured along certain axes—race, gender, class, sexuality, and nation—as well as how it operates through interconnected domains of power— structural, interpersonal, disciplinary, and hegemonic— reveals that the dialectical relationship linking oppression and activism is far more complex than simple models of oppressors and oppressed would suggest. This inclusive perspective enables African-American women to avoid labeling one form of oppression as more important than others, or one expression of activism as more radical than another. It also creates conceptual space to identify some new linkages. Just as oppression is complex, so must resistance aimed at fostering empowerment demonstrate a similar complexity. (Collins, 2000, p. 288-289).

Collins acredita que a promoção da justiça social passa pela valorização das experiências e dos saberes dos grupos sociais não hegemônicos, que, em seu trabalho, retrata sobretudo as mulheres negras. Tais saberes que resistem e se forjam às margens do poder hegemônico, denunciam não apenas a injustiça, mas também oferecem epistemologias alternativas e práticas de resistência. Ou seja, apenas é possível ter justiça social se compreendermos onde está a injustiça sofrida e quais são as alternativas de resistência criadas por estes grupos sociais. É importante dizer que apesar de ser construído o contrário no imaginário hegemônico, as populações marginalizadas resistem e não atacam; se defendem e não ferem. São estes corpos que estão em perigo e sofrem cotidianamente violências profundas e não a população branca, cisgênero, heteronormativa.

O trabalho de quem pratica a interseccionalidade mostra não apenas a que ponto a justiça social é crítica, mas como o trabalho de promoção da justiça social contesta as fronteiras entre o trabalho acadêmico e o ativismo. Por exemplo, ao contestar o mito de que a democracia racial foi alcançada, ou que o movimento negro podia lidar com as preocupações de gênero das mulheres, ou que o feminismo brasileiro era adequado para todas as

mulheres, o ativismo pela justiça social do movimento das mulheres negras no Brasil fornece um ângulo de visão novo sobre a desigualdade social e a justiça social (Collins; Birge, 2021, p. 261).

Para Collins (2000), empoderar mulheres negras implica a revitalização do feminismo negro – neste caso da autora que fala do contexto estadunidense – enquanto projeto de justiça social. Este projeto está organizado a partir de dois objetivos: o primeiro de empoderar mulheres negras afro-americanas e o segundo com intuito da promoção da justiça social em um contexto transnacional. Estes objetivos visam, assim, responder às opressões contra mulheres negras e aos domínios inter-relacionados de poder.

Tal pensamento reconhece que o mundo é um lugar dinâmico, no qual o objetivo não é apenas sobreviver, ajustar-se ou ir levando; o mundo, ao contrário, é um lugar do qual devemos nos apropriar e pelo qual devemos nos responsabilizar. A existência do pensamento feminista negro sugere que sempre existe escolha e poder para agir, não importa quão desoladora pareça a situação. Reconhecer que o mundo está em formação chama atenção para o fato de que cada uma e cada um de nós é responsável por transformá-lo. Também mostra que, embora o empoderamento individual seja fundamental, somente a ação coletiva pode produzir efetivamente as transformações institucionais duradouras que são necessárias para que tenhamos justiça social (Collins, 2019, p. 516-517).

Refletindo sobre a justiça social, as relações sociais cotidianas, levando em consideração as práticas de resistência e saberes dos grupos sociais vulnerabilizados, é possível compreender o conceito a partir de Collins no campo político e epistemológico. Assim, a justiça ocorre não apenas no campo legal, judicial, mas também em ações e estratégias de reconstrução de dignidade, memória, legado e reparação. Deste modo, os conceitos de justiça social de Patricia Hill Collins, e de reparação de Grada Kilomba, dialogam ao mesmo tempo que apontam para um ponto de convergência em seus entendimentos.

Os três conceitos escolhidos nesta pesquisa orientam a análise do depoimento de dona Marinete da Silva, mãe de Marielle Franco, no julgamento dos executores do crime que tirou a vida de sua filha e de Anderson Gomes, mas que não foi capaz de acabar a sua memória e legado. O depoimento de dona Marinete é uma memória individual, que constitui parte da história de Marielle Franco, sua filha. Entretanto demonstra também uma articulação com a memória e resistência coletiva, tanto de sua família, dos amigos de Marielle, das sementes plantadas e germinadas com a sua luta, mas também com a luta de todas as mães que perderam os seus filhos pela

violência, todas as mulheres negras, pessoas LGBTQs, filhas, irmãs e todas as pessoas que se identificam com a história, a memória e o legado de Marielle Franco.

A narrativa de dona Marinete da Silva, quando ocorre neste lugar judicial, penteia, a contrapelo, o silenciamento histórico imposto pela estrutura hegemônica branca, cisgênero, hétero e masculina às mulheres negras e todos os corpos marginalizados. A fala de sua mãe faz com que este caso ultrapasse às instâncias legais de reparação, traz a memória de Marielle para um lugar histórico no país e no mundo. A memória de Marielle Franco é uma ferramenta política viva de mudanças sociais efetivas que se articulam entre o presente e passado, o pessoal e o coletivo, o afeto e a política, para o desejo de um futuro de não repetição, sem violências e com respostas efetivas para a transformação social.

3 MARIELLE POR MARINETE E MARINETE POR MARIELLE

Neste capítulo será apresentada a análise do discurso acerca da história de Marielle Franco a partir das memórias relatadas no depoimento de sua mãe, dona Marinete da Silva, no julgamento dos réus executores do crime. O depoimento, objeto de análise, aconteceu no primeiro dia do julgamento, dia 30 de outubro de 2024, e está disponível no canal do Instituto Marielle Franco na plataforma YouTube⁴⁵. Dona Marinete depõe de 1:37:23 a 2:22:30, é a segunda pessoa do primeiro dia de julgamento a falar. Antes dela, depõe, de forma remota, a assessora e amiga de Marielle, Fernanda Chaves. Depois do depoimento de dona Marinete, depõe a viúva de Marielle, a vereadora da cidade do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Monica Benicio. Por ser o objeto principal desta pesquisa, a transcrição integral do depoimento de dona Marinete poderá ser acessada em anexo ao final desta dissertação.

Neste excerto do depoimento participam – por ordem de aparição – o promotor de justiça do Ministério Público do Rio de Janeiro, Eduardo Moraes Martins; a juíza Titular da 4ª vara Tribunal do Juri do Rio de Janeiro, Lúcia Mothe Gliocche; dona Marinete Francisco da Silva; o promotor de justiça membro da Força-Tarefa Marielle Franco e Anderson Gomes (Gaeco/FTMA), Mário Lavareda; o promotor titular do Júri da 2ª vara Tribunal do Rio de Janeiro, Fábio Vieira dos Santos; e os advogados de defesa dos réus, Saulo Carvalho, em defesa do Ronnie Lessa; e Ana Paula Cordeiro, em defesa do Élcio Queiroz. Além deles, reproduções de áudios de *WhatsApp* e imagens como fotografias e *prints* de conversas via *WhatsApp* serão exibidos durante o depoimento de dona Marinete. Por motivos de melhor fruição da leitura da transcrição, os mesmos serão referenciados a partir, unicamente, de seu primeiro nome próprio.

3.1 Análise de Discurso: abordagem

A compreensão da narrativa como performance, tal como desenvolvida por Melo e Moita Lopes (2014, p. 547), estrutura o núcleo teórico-metodológico desta pesquisa. Os autores afirmam que “consideramos o contar histórias como um lugar

⁴⁵ AO VIVO - Julgamento Assassinos de Marielle e Anderson. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5BP8o2tPzvY&t=8564s>. Acesso em 07 de jun. de 2025.

situado de conhecer ou saber mais sobre a vida social e sobre os [...] efeitos discursivos que o ato de contar uma história provoca notadamente na construção de identidades sociais, subjetividades ou sociabilidades”.

Nessa perspectiva, a narrativa é compreendida como prática discursivo-social situada, que possibilita a (re)construção de identidades e a transformação de normas e práticas sociais. Como defendem Bauman (1986), Threadgold (2005), Thornborrow e Coates (2005) e Moita Lopes (2006; 2009), compreender a narrativa como performance significa reconhecer que o narrador está “envolvido na encenação da performance no momento de narrar ou na experiência de relatar a história” (Thornborrow; Coates, 2005 *apud* Melo; Moita Lopes, 2014, p. 550).

Segundo Melo e Moita Lopes (2014, p. 550), trata-se de “um ato performativo, em que sujeitos sociais podem ser reinventados e modificados; por meio delas, as práticas e normas sociais podem ser transformadas, já que é uma performance discursiva ou um fazer pela linguagem”. Essa encenação envolve também *posicionamentos interacionais* (Wortham, 2001) que indicam o papel assumido pelo narrador e atribuído à audiência, sinalizados por pistas como predicação, referência, citação, índices avaliativos e modalizações.

Outro elemento central na abordagem é a *entextualização*, definida como “a capacidade reflexiva do discurso de ser compartilhado em todos os sistemas de significação” (Bauman; Briggs, 1990 *apud* Melo; Moita Lopes, 2014, p.549). Cada recontar de uma história altera o seu enquadramento, contexto e sentidos, tornando-a única.

Essa lente, formulada por Melo e Moita Lopes, a partir do diálogo com autores como Austin (1990), Derrida (1988) e as Teorias Queer (Sullivan, 2003; Barnard, 2004; Wilchins, 2004), é particularmente relevante para analisar narrativas marginalizadas. Como destacam, “conceber as narrativas e descobertas, desconstruir dicotomias e binarismos, ou seja, desafiar, queerizar as berdades cristalizadas e dolorosas vivenciadas por muitos sujeitos sociais” (Melo; Moita Lopes, 2014, p. 551).

No caso desta dissertação, essa abordagem orienta a análise do depoimento de dona Marinete da Silva no julgamento dos executores do crime que tirou a vida de sua filha, permitindo compreender como, ao narrar, dona Marinete reinscreve a memória da filha Marielle Francisco da Silva para além da Marielle Franco vereadora, conhecida publicamente, sem deixar de tensionar discursos hegemônicos sobre raça e gênero.

É importante destacar que uma longa trajetória foi percorrida para que dona Marinete chegasse no momento de narrar, ser escutada e legitimada sobre quem é a sua filha em um Tribunal. Dona Marinete fala a partir de seu olhar e de sua vivência com a sua filha, mas a sua fala carrega ainda a luta dos familiares e amigos de Marielle, de toda uma mobilização social e exposição midiática que faz com que as pessoas se reconheçam e se sensibilizem com a sua história e pela sua memória.

Sem os movimentos de memória da família da Marielle, de seus amigos e do IMF a fala de dona Marinete não seria possível de ser escutada. Dona Marinete é advogada e membro da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil no Rio de Janeiro - OAB/RJ. No momento de seu discurso, ela desloca a sua autoridade em meio jurídico para a sua maternidade. É através de sua memória, afeto e luta por justiça de sua filha que ela ocupa esse espaço, naquele momento, e faz com que o seu depoimento seja legitimado.

Analisar o depoimento de dona Marinete, neste contexto, busca identificar não apenas como ele contribuiu em mais um passo pela luta por justiça por Marielle e Anderson, mas, sobretudo, observar como a sua fala anuncia quem era Marielle Franco para além de sua vida política, sob a perspectiva daquela que lhe deu a vida e que segue lutando para que sua filha tenha uma boa morte, mesmo depois de sua partida.

Como fizeram As Poderosas da Bahia [...] propiciar a boa morte [...] mães desses meninos que foram mortos porque dizem que eram bandidos, porque eram facínoras, porque eram não sei o quê [...] E o que elas fazem é dar a eles uma boa morte, mesmo depois que eles já morreram. Morrer como homens, dizer que eles eram filhos, eles eram amados, eles não eram o que as pessoas estão dizendo deles (Werneck, 2025, n.p)

Analisar o discurso de dona Marinete no depoimento do julgamento implica em pensar nas relações entre linguagem, poder e memória em um contexto no qual o discurso se torna instrumento e campo de disputa por justiça. Aqui também é de suma importância refletir sobre quem pode falar. Em uma sociedade patriarcal e racista, o discurso legitimado é o discurso do homem branco cisgênero. O processo de reflexão acerca de como as outras falas, como as de mulheres negras, pessoas LGBTQIAPN+ e indígenas, que são muitas vezes deslegitimadas, colocadas enquanto “outro”, evidencia como dona Marinete quebra com a lógica hegemônica, sobretudo no ambiente judicial, que valida as falas de corpos brancos e os têm norma, referência. É importante refletir que este regime de autorização discursiva impede que estes

“outros” façam parte deste regime e tenham o mesmo direito à fala. Entendendo que, é esta fala que dá o contorno à existência e ao pensar discurso de uma maneira mais ampla em uma sociedade, logo, é discutindo a fala que se discute o poder.

Quando estamos falando de lugar de fala, estamos nos referindo a um lugar social, sobre a localização de poder dentro da estrutura. Não estamos discutindo propriamente quem pode falar sobre determinadas vivências ou experiências individuais, mas sim como que as pessoas negras, por fazerem parte deste grupo, compartilham experiências em comum e como essas experiências são atravessadas dentro dessa matriz de dominação racista e patriarcal que impedem que este grupo exista em determinados espaços. A autoridade dada a dona Marinete neste contexto judicial causa, neste caso, uma quebra desta estrutura.

3.2 Sob os olhos da fala de sua mãe: a sua ausência

Uma narrativa, dentre muitas coisas, é também uma veste da linguagem. Judith Butler em “Discurso de ódio: uma política do performativo” (Butler, [1997] 2021), traz a ideia de que a linguagem nos fere por sermos seres linguísticos que necessitam da linguagem para existir. Logo, a linguagem é uma ação das práticas sociais e ela só existe para que possamos viver em relações sociais. Em um processo judicial, a acusação e a defesa performam a linguagem para, assim, disputar uma narrativa diante de um ocorrido. Ao performarem a linguagem, elas encenam performances, fazem ações ao enunciarem e ao usarem o corpo com olhares e gestos. Na “*teoria dos atos de fala*” apresentada por Butler:

O ato de fala ilocucionário performatiza seu feito no momento do enunciado e, uma vez que o momento é ritualizado, ele nunca é simplesmente um momento único. O ‘momento’ no ritual é uma historicidade condensada: ele excede a si mesmo em direção ao passado e ao futuro, é um efeito de invocações prévias e futuras que simultaneamente constituem a instância do enunciado e dela escapam (Butler, 2021[1997], pp. 14-15).

No material de análise, dona Marinete está sendo filmada em diagonal, podendo ver em seu perfil parte do seu rosto, mãos e pés. Dona Marinete depõe no dia 30 de outubro de 2024. No material analisado – vídeo disponibilizado no perfil do Instituto Marielle Franco na plataforma *Youtube* – não é possível localizar o horário em que o depoimento ocorre, entretanto, devido a saudação do promotor Eduardo Moraes no início do depoimento, o mesmo ocorre a tarde. A história de Marielle Franco

mobilizou e mobiliza pessoas no Brasil e no mundo, sua memória preservada, e narrada pela sua família e amigos, apresenta elementos aos quais pessoas que não a conheciam se identifiquem com ela.

No depoimento de dona Marinete, o promotor Eduardo Moraes Martins pergunta entre as linhas 53 e 74 – localizado entre os minutos 1:40:52 a 1:42:00⁴⁶ – quem era a Marielle para além da vereadora, mas sim quem era a Marielle na vida, enquanto filha, em sua infância, nos estudos e trabalhos. É importante destacar que durante o processo jurídico que resultou no julgamento, dona Marinete teve encontros com o Ministério Público Federal, com os promotores de justiça, e participou do processo da construção das perguntas que conduziram o seu depoimento.

Excerto 1

53	Eduardo:	É... vou começar me desculpando de trazer a
54		senhora aqui, mas, na verdade, é importante
55		pro Ministério Público, aqui, hoje, a
56		Marielle Franco, a Marielle do mandato,
57		essa a gente, as pessoas já conhecem, as
58		pessoas sabem pela mídia, as pessoas
59		ouviram aqui da Fernanda e eu queria
60		mostrar pros senhores jurados, aqui hoje, a
61		Marielle Francisco da Silva, né? A pessoa
62		que a senhora batizou, a pessoa que a
63		senhora criou essa pessoa que foi vítima.
64		Porque a Marielle vereadora, a discussão é
65		outra. Nós vamos discutir a vítima. Eu
66		queria saber, então, portanto, vou começar,
67		inclusive, assim, vamos falar de coisas
68		agradáveis como é que era a Marielle, Dona
69		Marinete? Assim, como é que era, como é que
70		foi a infância dela? Foi uma infância
71		fácil? Tinha tudo que ela queria? Foi uma
72		infância brigada? Ela teve que trabalhar e
73		estudar...? Como é que foi isso? Eu queria
74		que a senhora contasse pra gente.

É importante ser observado no excerto 1 que o depoimento de dona Marinete se inicia para apresentar ao júri a Marielle Francisco da Silva, a Marielle para além da vereança, para além da Marielle Franco. O promotor Eduardo Moraes inicia a sua pergunta se desculpando, pois, acessar memórias sobre quem já não está aqui, sobretudo as memórias de uma mãe sobre a sua filha que já partiu, é mexer com sentimentos profundos, dores de uma ferida ainda permanece aberta também, mas não só, por não ter alcançado a justiça e dar o direito a uma boa morte à sua filha. O

⁴⁶ Escolho localizar apenas o tempo em que as perguntas se iniciam, para situar as pessoas que quiserem ver o depoimento para além da transcrição.

promotor orienta dona Marinete para a construção de memória da criança Marielle Francisco da Silva, sua filha.

Entre as linhas 75 e 135, dona Marinete narra o início de tudo, do seu casamento com o seu Toinho à infância de Marielle, exaltando que ela foi uma filha muito desejada. No dia do nascimento, dona Marinete pinta as suas unhas, queria estar arrumada para receber a sua filha. A sua mãe vem da Paraíba, para estar perto da neta, então para ela foi uma alegria ter a presença da sua mãe no nascimento de sua filha. Marielle era uma criança desejada não apenas pelos seus pais, a vinda de sua avó para acompanhar o seu nascimento demonstra o quanto ela era aguardada e já amada. Além disso, dona Marinete destaca o quanto Marielle aprendeu com a família a valorizar a educação, o conhecimento. Desde cedo buscava se destacar, queria ser a professora, aquela que detém o conhecimento e que o compartilha. E, aos onze anos, já se tornara estagiária para conseguir estudar numa escola particular e, ao mesmo tempo, reduzir os custos financeiros da família.

Excerto 2

75	Marinete:	Olha, a Marielle foi uma criança desejada.
76		Apesar de chegar um ano e cinco meses
77		depois do meu casamento. Foi uma criança
78		saudável, uma gravidez boa e nasce um ano e
79		cinco meses depois que eu casei. Então
80		Marielle chega com todo o carinho que uma
81		mãe podia ter, né. Teve a graça de ter a
82		avó dela <presente>, <ela> veio. Levou três
83		dias de ônibus de João Pessoa até aqui para
84		vir ver eu parir a minha filha. Eu era, eu
85		sou a única... Eu era a última filha que
86		casei. De sete mulheres e quatro homens,
87		dos 11 filhos. Então foi uma alegria ter
88		minha mãe aqui no dia que a Marielle
89		nasceu. E foi um dia bonito. Eu ainda fui
90		fazer minhas unhas, eu fui me arrumar para
91		poder parir minha filha. É que a gente tem
92		essa vaidade de tá bonito para receber, que
93		é o primor que a gente tem, é uma dádiva de
94		Deus que Deus pôde me conceder foi parir a
95		Marielle. Então, foi um dia... E umas cinco e
96		pouco da tarde eu já comecei... estourou a
97		bolsa e meu marido chegou pra gente ir pra
98		maternidade. Graças a Deus, já cheguei lá
99		com a menina já quase coroando, com seis e
100		meio de dilatação, e foi assim que a
101		Marielle nasceu. Nove e pouca da noite,
102		minha filha nasceu. Ee...<teve> uma infância
103		muito boa, graças a Deus. A gente tem...
104		primava pela educação, né? Pela sabedoria
105		que ela tinha desde muito nova. Por todo o
106		amor que a gente dedicou a essa menina
107		desde o dia em que ela chegou ao mundo. E

108 foi um encadeamento de coisas boas que
 109 aconteceram. Marielle nova já sentia muita
 110 vontade de ser aquela menina que ia se... se
 111 destacava sempre! Mesmo pequena ela nunca
 112 queria ser nem a aluna e nem a menina que
 113 tomasse, né, como uma outra qualquer. Ela
 114 queria sempre ser a professora. Queria ser
 115 a mãe. Então era essa postura que a
 116 Marielle teve desde muito nova. Com onze
 117 anos, a minha filha foi estagiária, né, já
 118 ajudando dentro da família. A gente... Era
 119 uma coisa normal, não tinha o que a gente
 120 entende hoje de que estaríamos, né, fazendo
 121 uma coisa errada em relação aos filhos,
 122 muito pelo contrário, né. Ela já tava para
 123 fazer a primeira comunhão e já se dedicava
 124 muito na escola porque queria muito ser
 125 monitora de dentro da sala de aula. E com
 126 isso também fez com que a gente aderisse
 127 esse processo dela com naturalidade, porque
 128 a gente conseguiu diminuir, né, o salário...
 129 o salário não, a conta, né, elas estudavam
 130 numa escola pública, mas vai para uma
 131 escola particular. E, ali, a gente
 132 consegue... Marielle já ajudando
 133 financeiramente dentro de casa. Que não
 134 era, não era anormal isso na época. A irmã
 135 menor...

Dona Marinete segue narrando a trajetória de estudos e trabalho de Marielle entre as linhas 136 e 193 em resposta às perguntas feitas pelo promotor Eduardo Moraes. A realidade de Marielle não era singular, Lélia Gonzales (2020), em seu livro “Por um feminismo afro-latino-americano”, narra episódios similares ao de Marielle, onde diz que buscou ser a primeira aluna da sala e quando criança já trabalhava:

LÉLIA GONZALEZ: A única saída que eu encontrei para superar esses problemas foi ser a primeira aluna da sala. É aquela história, “ela é pretinha mas é inteligente” .

MARA TERESA: E você trabalhava naquela época?

LÉLIA GONZALEZ: Quando criança, eu fui babá de filhinho de madame, você sabe que a criança negra começa a trabalhar muito cedo (Gonzalez, 2020, p. 298).

No excerto 3, apresentado na página seguinte, é enfatizado o senso de responsabilidade e compromisso de Marielle, como também apresenta a forma com a qual ela fazia o seu trabalho: “Fez um teste para ser recreadora na prefeitura aqui do Rio de Janeiro e fez isso também com muito carinho”. É possível, ainda, refletir que este trecho também serve de pista para perceber a forma como Marielle pautou a sua atuação política institucional e de existência: uma política pautada pelo afeto.

Excerto 3

136 Eduardo: Desde os onze anos...

137 Marinete: Desde os onze anos. <Com> onze anos ela foi
138 estagiária dentro da escola de aplicação
139 que hoje é a UNISUAM, né. Que hoje... na
140 época era colégio de aplicação e a
141 universidade. Hoje só tem a universidade.
142 Foi ali que Marielle começou, entendeu, a
143 ter esse olhar tanto na educação como na
144 ajuda com a irmã, como na ajuda financeira
145 da casa... então ela ia se destacando, sempre
146 com muita responsabilidade e muito
147 compromisso. Eu tinha uma preocupação
148 porque o Dr Arapuan tinha uma dedicação,
149 tinha um carinho enorme pela minha filha,
150 pela responsabilidade que ela tinha. Ela
151 inclusive fazia depósito bancário, que o...
152 o banco era dentro da UNISUAM mesmo. Então
153 não tinha nenhum perigo ali dentro. Mas era
154 uma menina de confiança, desde aquela
155 época, com onze anos de idade.

156 Eduardo: E fez faculdade, né?

157 Marinete: Fez.

158 Eduardo: Ela trabalhava e fazia faculdade ao mesmo
159 tempo?

160 Marinete: Trabalhava e fazia faculdade. Mas antes de
161 chegar no trabalho <formal>, ela trabalhou
162 muito em outras coisas, né. Marielle... Nós
163 fizemos feira de Itaipava. Marielle tem uma
164 família que é toda dedicada... E ainda são
165 sapateiros aqui no Rio de Janeiro. Então a
166 gente fazia... A gente vendia as coisas.
167 Marielle teve uma dedicação enorme de casar
168 cedo, mas ter um compromisso muito grande.
169 Dirigia a Kombi quando precisava. E era
170 cobradora quando precisava, depois de
171 casou. A Luyara nasce e ela tinha 19 anos,
172 né. Muito muito nova. E esse... esse período
173 foi um período mais difícil. Marielle foi
174 também... trabalhou na prefeitura. Fez um
175 teste para ser recreadora na prefeitura
176 aqui do Rio de Janeiro e fez isso também
177 com muito carinho. Já ajudando (ainda) que
178 a filha tenha nascido, né. Se separa,
179 também, muito cedo. Então essa mulher, né.
180 Essa menina que a gente traz, né, para
181 gente julgar, que eu tenho aqui o maior
182 carinho, o maior prazer de falar da
183 história que foi... da história... na verdade,
184 não foi, a história é a história da
185 Marielle. Então a gente vem nesse tempo,
186 né, contando essa história. Falando o
187 quanto Marielle era e é importante, né.
188 Trabalhou cedo, teve uma separação cedo..
189 criou! Era uma boa mãe, uma excelente
190 filha. A gente vem para esse lugar para
191 dizer que é inadmissível que a gente não
192 tenha um desfecho disso aqui, que a gente
193 tá tendo hoje.

Logo a seguir, no depoimento – entre as linhas 194 e 204, dona Marinete é perguntada sobre a vereança de Marielle. Mesmo contra, dona Marinete responde – entre as linhas 205 e 246 – que entende a importância deste movimento da filha, que apesar de sempre respeitar e obedecer a sua mãe, mesmo sabendo que ela era contra, seguiu com a decisão de seguir uma carreira política partidária. Aqui, dona Marinete ressalta que Marielle já sabia quem era e o que queria, uma mulher adulta, autônoma e responsável já não carecia de permissões de sua mãe e dona Marinete sabia disso, respeitava e valorizava quem sua filha se tornara. Criou sua filha para o mundo e, pelas desejo de defender as pessoas, Marielle se movimenta em direção da política institucionalizada, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Excerto 4

194	Eduardo:	Dona Marinete, a senhora veio falando disso
195		tudo, né, a gente percebe aí alguém que
196		sempre trabalhou, que sempre ajudou em
197		casa. Boa mãe, boa filha. Quando acontece o
198		que a gente tá julgando aqui hoje... a
199		Marielle tava no primeiro mandato dela, né?
200		Ela tinha... tinha sido eleita. A gente
201		pode dizer que, profissionalmente, era o
202		melhor momento da vida dela? Assim, um
203		momento onde ela tava, profissionalmente
204		falando, mais feliz?
205	Marinete:	Era um momento importante, sim. Eu acho que
206		a Marielle... Como ela vem de um lugar, né...
207		Que tem esse entendimento de direitos
208		humanos, Marielle faz isso com muita
209		propriedade, entendeu? Quando ela chega
210		naquele lugar. É claro que quando a
211		Marielle foi convidada para ser vereadora,
212		eu fui contra. Acho que é público isso, que
213		eu fui contra. Eu não sentia coisa boa no
214		meu coração em relação a um mandato
215		partidário. A gente nunca teve partido,
216		então, isso me preocupou bastante. Mas era
217		quem era eu, naquela época, para para
218		contrariar aquela mulher com quase 38 anos?
219		Então era uma mulher que tinha decisões.
220		Uma filha que obedecia, mas naquela aquela
221		hora era o que ela queria, né. O partido
222		não tinha nenhuma mulher negra como
223		candidata e chegou na hora que ela sai de
224		uma comissão de direitos humanos por 10
225		anos entendendo que ela podia fazer muito
226		mais. Foi o que ela fez. Foi o que ela fez
227		todo tempo. Defender o outro, né. Não
228		defendia só a mim porque era esse o
229		trabalho dela, então eu não tive como parar
230		para dizer que aquele não era o momento.
231		Foi o momento sim. Foi o momento da
232		Marielle ter, né. O que a gente viu hoje,
233		Marielle que a gente viu e vê todos esses
234		anos. Que ela foi candidata, foi uma uma

235 mulher eleita na primeira eleição com
 236 46.502 votos, que <estava> mudando a
 237 história daquele país. Ela estava feliz
 238 porque ela tava fazendo o que ela queria,
 239 que era defender as pessoas, fazer o
 240 trabalho dela e ter esse reconhecimento
 241 como uma parlamentar que mudou a estrutura
 242 daquele lugar que ela ocupou, por muito
 243 pouco tempo, né. Se não fosse o que
 244 aconteceu, não fosse a barbaridade que
 245 esses homens entenderam que ia... talvez,
 246 nunca chegar a esse momento.

Ao analisar o depoimento de dona Marinete no julgamento dos executores do crime que tiraram a presença física de sua filha, é possível perceber elementos que fazem com que as pessoas se identifiquem não só com a história da Marielle, mas também se reconheçam ou sintam os sentimentos que dona Marinete compartilha em seu processo de luto. Dos movimentos de mães que lutam pelos direitos de seus filhos, a qualquer ser humano que perde uma pessoa querida, todo mundo está sujeito ao luto. Aqui destaco a importância de apresentar o luto também enquanto um guarda-chuva complexo de sentimentos onde, nele, as pessoas enlutadas se movimentam em sentimentos positivos e negativos, de dor, mas também de alegria, saudade, amor etc. E este elemento é importante no processo de identificação e sensibilização.

Entre as linhas 255 e 259 o promotor de justiça membro da Força-Tarefa Marielle Franco e Anderson Gomes (Gaeco/FTMA), Mário Lavareda, inicia a sua participação no depoimento de dona Marinete perguntando a ela sobre a falta que a Marielle faz dentro da família. Dona Marinete responde nas linhas de 260 a 318 sobre essa falta que causa uma dor indefinível, a falta que Marielle faz enquanto mãe para Luyara e enquanto irmã mais velha para Anielle, que foi muito cuidada por ela. Neste excerto, dona Marinete reforça o recorte religioso, católico, que vem da família e, mais uma vez, ressalta a valorização da educação que é passada de geração em geração. Também destaca o quanto sua filha valorizava o bem-estar da família.

Excerto 5

255 Mário: Querida, queria começar perguntando qual é a falta
 256 que a Marielle faz, mas dentro da família
 257 da senhora? Principalmente dela como mãe,
 258 < que > infelizmente foi tirada da Luyara
 259 tão cedo.
 260 Marinete: Olha, a falta a minha filha faz é
 261 imensurável. A gente vem de uma família
 262 pequena, né. Eu tive a minha filha.
 263 Marielle teve a filha dela. E Ani tem as
 264 duas filhas dela. Então vi uma família de

265 mulheres. Então falar o quanto a minha
 266 filha faz falta, o que fez falta nesses
 267 seis anos e sete meses... não tem como
 268 definir. Não tem como definir a minha dor,
 269 não tem como definir o quê que eu passei
 270 esses anos, né. Passei por um câncer, tive
 271 quatro cirurgias e tô aqui hoje, né, para
 272 dizer o quanto isso é importante dentro da
 273 minha vida, dentro da minha família, dizer
 274 que a Marielle fez falta como mãe, porque
 275 teve a Luyara, né, muito cedo. Uma mulher
 276 que teve essa superação depois de criar
 277 aquela filha, voltar para a minha casa com
 278 ela <Luyara> com três anos e pouco... então a
 279 falta que Marielle faz, desde... da parte
 280 financeira, que era onde sempre nos ajudou,
 281 na parte física que é o mais doloroso pra
 282 gente. É conviver com a falta de uma filha
 283 que podia hoje está aqui, entendeu? Uma
 284 mulher que se dedicava totalmente ao que a
 285 gente vive. Uma mulher que traz um recorte
 286 de uma família católica, que prima pela
 287 educação. Que primava pelo bem-estar da
 288 família inteira. Que ajudou a criar uma
 289 irmã, porque tem 5 anos de diferença entre
 290 ela e a Ani... então essa falta que a gente
 291 sente. Dizer o quanto isso foi doloroso e
 292 tá sendo até hoje conviver com esse vazio.
 293 É um vazio. E ninguém pode, a não ser que
 294 alguém tenha passado pela mesma dor que eu.
 295 Então a falta que uma filha faz... Ela era a
 296 minha primogênita, a minha primeira filha.
 297 Era uma filha que eu me dediquei a vida
 298 inteira para criar. Com muito sacrifício!
 299 Como não é diferente das mães que sofreram
 300 e sofrem até hoje pelos filhos. Então é
 301 isso que a gente traz, o que eu trago
 302 dentro do meu coração. Aquilo ali foi um,
 303 foi um... é uma dor, é uma faca. A cada dia
 304 que eu penso na minha filha é como se
 305 transpasse uma faca dentro do meu coração.
 306 Lhe dizer que tiraram um pedaço de mim, foi
 307 um pedaço que foi tirado. Então é isso que
 308 a gente... que eu trago, entendeu? Cada vez
 309 mais dói, dói muito. Imagina que dói pra
 310 Ani, dói pra Luyara. Você perder uma mãe,
 311 como Luyara perdeu. A gente não imaginava,
 312 nunca, em nossa mente, né, o que aconteceu
 313 com a minha filha. Então é uma dor é, uma
 314 dor, é uma falta, entendeu? É um vazio,
 315 entendeu? É um coração que tem um pedaço,
 316 entendeu, que foi arrancado injustamente,
 317 covardemente, naquela noite de 14 de março
 318 de 2018.

Dona Marinete teve que transformar o seu luto em luta. E ainda foi e é o porto seguro de sua família. Nas linhas que sucedem – as linhas de 319 a 375 – o depoimento de dona Marinete se aprofunda sobre a sua dor e sobre a ausência

sentida por toda sua família. Como a ausência repentina de Marielle provoca a desesperança que a família se movimenta contra, como uma família – não apenas a nuclear que reside no Rio de Janeiro, mas também a família que está em João Pessoa – que é composta por tantas mulheres, sentem esta ausência, perdem um símbolo importante para elas. Neste excerto, dona Marinete narra a sua dor e a sua luta. Realizou quatro cirurgias para combater um câncer enquanto ajudava na criação de sua neta Luyara e lutou para manter a sua família em pé.

Excerto 6

319	Mário:	A senhora, ou algum dos seus familiares,
320		consegue passar um dia sem se lembrar dessa
321		brutalidade?
322	Marinete:	Não consegue. Não consegue. Não consegue
323		porque, é isso, eu pari a Marielle, né? A
324		gente quando o filho... O filho vem de suas
325		entranha, o filho é dádiva que Deus te dá!
326		Então só ele que podia tirar a vida da
327		minha filha, entendeu? Até porque Marielle
328		sempre foi isso dentro da família. Marielle
329		foi uma menina que viajou para João Pessoa,
330		<conheceu> todas as minhas irmãs. A família
331		inteira conhecia, a minha mãe conheceu a
332		Marielle, ela só morre depois Marielle já
333		tava com quase 5 anos, então essa falta, é
334		esse vazio que traz a família toda, porque
335		como é uma família de muitas mulheres,
336		aquela mulher também era um símbolo, né,
337		dentro daquela família. Porque começou... As
338		primeiras viagens dela para conhecer a
339		família ela tinha um ano e oito meses de
340		idade quando eu levei Marielle para
341		conhecer João Pessoa. Então é essa falta
342		que a família inteira, entendeu, que ficou
343		esses anos todos, que eu fiquei até agora
344		me mantendo também por eles. Me mantendo
345		por quem chegou, por quem ficou comigo até
346		agora... então é dizer que não tem... Eu não
347		tenho, eu não tenho palavras para dizer a
348		falta que a Marielle de faz. Dizer o que é
349		que eu senti depois de sete anos e seis
350		meses... e 7 meses, né? Que eu tô sem a minha
351		filha. É não... Eu não tenho... eu não tenho,
352		não tenho. Porque, primeiro, não tem nome,
353		né? É uma dor, é uma dor que ninguém, a não
354		ser que tenha passado pelo mesmo, possa
355		avaliar o que é isso. Então é a falta que
356		faz, desde ter a sua filha ajudando em
357		tudo. Como você tê-la presencialmente.
358		Porque, na verdade, as pessoas... não foi...
359		não foram só esses homens tirar a vida da
360		minha filha, foi tirar a esperança de uma
361		vida. Foi tirar a esperança da Luyara. Foi
362		tirar a esperança do que a gente vinha
363		enquanto parlamentar. Então é duro a gente
364		tá aqui hoje pra gente ter uma justiça

365 digna. E dizer que a falta não tem nome,
 366 essa dor também não tem nome. É exatamente
 367 isso que eu sinto nesse momento. E eu senti
 368 esses esses seis anos lutando, superando,
 369 desde a minha saúde. De passar por um
 370 câncer de quatro cirurgias, entendeu? De
 371 ajudar na criação da Luyara. De ajudar com
 372 impossível pra gente sobreviver e manter
 373 essa família viva até hoje, para estarmos
 374 aqui nesse dia.
 375 Mário: Muito obrigado.

No trecho seguinte o promotor de justiça Eduardo Martins retorna à condução do depoimento com materiais de suporte. A partir de reproduções mensagens de *WhatsApp* em formato escrito e em áudios trocados por Marielle e dona Marinete são disparadas perguntas acerca do luto de dona Marinete, que permanece escrevendo via *WhatsApp* para Marielle 45 dias depois de seu assassinato. Neste trecho, localizado entre as linhas 376 e 542 da transcrição integral – que pode ser encontrada no Anexo A desta dissertação e – recortada abaixo, mostra também a troca de mensagens entre as duas no dia anterior do crime – 13 de março de 2018 – onde dona Marinete e Marielle passam o dia juntas. Em um dos episódios do dia, as duas peregrinam na cidade em busca de um colírio para a conjuntivite que Luyara estava tendo naquele momento. Aqui Marielle já estava em vereança e era conhecida como Marielle Franco, mas dona Marinete segue reforçando que a pessoa que está sendo narrada aqui é a sua filha, Marielle Francisco da Silva, que extrapola as instâncias de uma pessoa pública parlamentar.

Excerto 7

376 Eduardo: Dona Marinete, eu vou...só segura um
 377 pouquinho, aí, tá Marquinho? Eu vou exibir
 378 aqui umas fotos, um documentário... A
 379 senhora... posso exibir? A senhora se sente à
 380 vontade?
 381 Marinete: Tranquilo.
 382 Eduardo: Marquinho, coloca a primeira foto, por
 383 favor. A senhora se recorda disso, dona
 384 Marinete? Ée...40... não. Só segura esse aí,
 385 por favor. Eu queria voltar no primeiro.
 386 45 dias depois do atentado, a senhora
 387 mandou uma mensagem pro WhatsApp da
 388 Marielle, é isso?
 389 Marinete: É verdade.
 390 Eduardo⁴⁷: E que situação foi isso? Meia... Meia noite e
 391 três...
 392 Marinete: É, a gente... Tipo assim... éer... O que fizeram

⁴⁷ Neste momento o promotor de justiça Eduardo apresenta uma imagem da mensagem que dona Marinete enviou ao celular de Marielle 45 dias após o seu assassinato.

393 e o que a gente podia tirar de de lição
 394 naquele momento, entendeu? Eu me vi... é
 395 nitidamente que é um... é um delírio, né? De
 396 uma mãe, né? Um delírio de uma mãe,
 397 naquele momento, de imaginar que aquilo
 398 tudo não podia ser verdade. Era muito pouco
 399 tempo, era muito sofrimento... E eu, às
 400 vezes, pensava que eu não me recordava
 401 daquela noite, né? Daquelas noites que eu
 402 passei. Então a gente tá vendo aí que eu...
 403 éér... seria uma insanidade, de uma mãe,
 404 achar que a filha tava viva? Não. Era a dor
 405 que ultrapassava meu peito, ainda, em tão
 406 poucos dias.

407 Eduardo: Marquinho, vamos botar o... Eu queria que a
 408 senhora... A gente vai ouvir uns áudios aqui...

409 Reprodução⁴⁸: Oi, mãe, bença! Acabei de falar de falar
 410 com tia Solange. Liguei pra falar que dei
 411 um alô. Aí não falei contigo porque aí
 412 também já tô aqui na rua [Música]. Bença,
 413 beijo. Tudo bem, aí? [Música]

414 Reprodução: Ah, tá tudo bem. Eu não tava em casa não.
 415 Eu saí na rua. Tá tudo bem, graças a Deus.
 416 tá bom? Beijo grande, tá? Tchau tchau.

417 Reprodução*: A última pessoa daqui da casa a estar com
 418 Marielle, antes de falecer foi eu. [Música]
 419 ela perguntou "Mãe, cê tá aonde?". Eu tenho
 420 esses áudios. Aí ela <respondeu> "eu tô tô
 421 aqui do outro lado. Então vem pra cá que eu
 422 tô aqui. Vem para cá que eu tô aqui, tô
 423 aqui na escadaria, na praça central.

424 Eduardo: Éér... pode parar, por favor? Marquinho,
 425 por favor. éér... vou pedir desculpa, de
 426 novo, pra senhora. Eu queria começar com
 427 esse áudio, assim, eu vejo "Oi mãe,
 428 bença". Essa criação era... Essa... Isso é
 429 muito... Eu fui criado no subúrbio também. É
 430 muito ali do subúrbio, né? De se... Era... Ela
 431 era sempre assim? Ela tinha essa de falar
 432 com a senhora, com o pai, com os mais
 433 velhos dessa forma?

434 Marinete Sempre, sempre. Marielle sempre foi muito
 435 respeitosa. A gente traz isso muito da
 436 nossa criação, né? Da criação dos meus
 437 pais, né? Da mãe... então a gente... Mãe é
 438 sagrado dentro da minha casa! Sempre foi,
 439 né? Isso é muito... hoje tá, em algumas
 440 famílias, tá em desuso, né? Mas não devia
 441 ser, porque, eu acho, que abençoar seu
 442 filho é o que você mais pode fazer. Que é
 443 ela dá a bença e você abençoar. Isso era
 444 uma coisa muito corriqueira nossa e
 445 continua sendo até hoje. A gente não sai
 446 sem uma benção. Uma coisa que eu faço até
 447 com outras pessoas. Acho que quem me
 448 conhece já viu que eu tenho essa coisa de
 449 falar. E eu criei as minhas filhas assim.
 450 Então aquele dia, né, que a Marielle tinha

⁴⁸ O que está denominado enquanto reprodução nos excertos são áudios trocados entre Marielle e dona Marinete via *WhatsApp*.

451 marcado de me encontrar foi o dia 13 (de
452 março de 2018). Acho que foi uma graça que
453 eu também recebi, tá? Eu fiquei mais tempo.
454 Eu fui a última pessoa da família que ficou
455 com a minha filha pessoalmente, né? Com ela
456 e com o Anderson. Eu fiquei com eles até
457 mais de dez horas da noite. Então essa
458 bença mãe, esse olhar, esse aconchego, que
459 a gente traz da família, era uma coisa
460 muito natural. E continua sendo até hoje,
461 né. Todos os dias a gente abençoa. Eu
462 abençoo a Ani, abençoo a Luyara... Isso é uma
463 coisa normal. E era assim que a minha mãe
464 fazia. Quando você abençoa teu filho ou
465 qualquer pessoa... Eu gosto de fazer isso
466 também [fazendo o sinal da cruz na testa]
467 ... é uma coisa que vai, é muito natural,
468 né. Não só por uma família nordestina, que
469 traz essa tradição, mas porque é isso, a
470 benção de Deus que te acompanhe. Então era
471 isso que eu fazia com as minhas filhas. E
472 esse dia foi um dia muito especial pra
473 gente. Para mim e para ela, né. Porque eu
474 chego na Câmara. Eu vou pelo outro lado,
475 né. Quem conhece a Câmara, tem uma entrada
476 principal e tem uma entrada, onde a gente
477 se identifica e entra. Eu tava naquele lado
478 e ela me perguntou "onde é que a senhora
479 tá?" e nós tínhamos marcado quando eu falei
480 "eu tô do lado onde eu entrei da outra
481 vez.". Ela fez "não, vem para cá que eu tô
482 na escadaria". Ela tava na escadaria, né,
483 com um assessor dela. E foi ali que nós nos
484 encontramos. A gente tava vivendo um dia
485 muito difícil porque tava um surto muito
486 grande de meningite. Luyara com meningite...
487 os colírios tinham acabado aqui no Rio de
488 Janeiro, então nós ficamos eu e ela...
489 fizemos uma via cruz, né, dentro do Rio
490 de Janeiro, com mais de 20 farmácia, à
491 procura de um de um colírio para Luyara. E
492 a gente viveu isso. Aquilo foi foi
493 preparado para mim, né. E pena que gente
494 tava numa função de procurar um remédio,
495 pra gente, pra ela curar a filha dela.
496 E fomos em vários lugares. Eu acho que
497 aquela noite, designada que disse assim
498 "fica com a tua filha. Aproveita ao
499 máximo!" Nós conversamos sobre tudo! Nós
500 tivemos muito tempo juntos. Saí, eu saía
501 algumas vezes com ela do carro. O Anderson
502 ficava às vezes, às vezes também saía
503 algumas vezes do carro conosco, com a
504 gente. Andamos o centro da cidade, a Tijuca
505 e eu levo a minha filha até a porta da
506 academia. Ela tinha alguns exames para
507 fazer no dia seguinte. Ela esquece o tênis,
508 eu acho que tudo foi preparado, e eu vou
509 aonde ela tá, entrego o tênis para ela,
510 abraço a minha filha. Então foi o último...
511 é, é uma, é uma lembrança que eu tenho e

512 que hoje, entendeu, eu me pergunto como
 513 Deus foi bom o tempo todo. Como esses 38
 514 anos que eu vivi, intensamente com a minha
 515 filha, foi importante e é importante até
 516 hoje. Pra gente estar aqui e dizer que
 517 aquela noite foi preparada para mim. Foi
 518 preparada para a Marielle. Foi pra gente
 519 dizer, assim, o quanto isso era
 520 significativo sem saber o que o que seria o
 521 dia de amanhã. Você não sabe o dia de
 522 amanhã. E (eu) nunca imaginava passar o que
 523 eu passei no dia seguinte. Menos de 24
 524 horas depois... Eu tava como tivesse um
 525 pássaro... Eu tava com ele na mão e esse
 526 pássaro foi... Saber da morte da filha no dia
 527 seguinte. Então é isso que a gente traz... é
 528 abençoando. Não que eu não tivesse
 529 abençoado naquele dia, muito pelo
 530 contrário, eu abençoei cada vez mais, mas
 531 quem seria eu para questionar o desígnio
 532 daquela noite do dia do dia 14 de março?
 533 Não sou eu, entendeu? Tanto é que a gente
 534 traz isso. Eu trago isso no presente. Eu
 535 acho que o que deus me concedeu naquela
 536 noite, nos anos que a minha filha teve
 537 conosco. Com a filha, com a irmã, com o
 538 pai, é tudo que a gente tem hoje, presente,
 539 do que representa Marielle aqui nesse júri,
 540 com vocês, com toda a sociedade. Que o que
 541 a gente quer e precisa seguir com uma
 542 condenação justa para minha filha.

Neste excerto 7 dona Marinete responde enquanto “um delírio de uma mãe”, em relação a mensagem que envia a Marielle quarenta e cinco dias depois de seu assassinato. Ao falar da mensagem, ela revela a sua dor, uma dor que mexe com as suas faculdades mentais, onde às vezes pensava que não se recordara do acontecimento da noite do 14 de março de 2018. Para ela, era muita dor e, ao mesmo tempo, muito pouco tempo para processar esta perda tão importante de sua vida, a vida de sua filha primogênita. Aqui, desta forma, podemos compreender que esta perda antes de ser coletiva, era uma perda visceralmente pessoal que contrariava a lógica natural da vida humana. Uma mãe, aquela que veio antes, lidar com a partida de sua filha, aquela que veio depois.

Ainda no excerto 7, dona Marinete relata sobre o dia anterior ao assassinato de Marielle, onde as duas passam o dia inteiro juntas. Dona Marinete, muito religiosa, elabora aquele dia como um dia que foi preparado para ela, como uma espécie de despedida inconsciente que foi preparada pelo divino, como um presente de Deus, que se revela como tal apenas depois. Neste episódio, o tempo cronológico se curva ao tempo da memória, da ancestralidade e da espiritualidade:

[...] o gesto e a voz da ancestralidade encorpam o acontecimento presentificado, prefigurando o devir, numa concepção genealógica curvilínea, articulada pela performance. Em outras palavras: o tempo, em sua dinâmica espiralada, só pode ser concebido pelo espaço ou na espacialidade do hiato que o corpo em voltejos ocupa. Tempo e espaço tornam-se, pois, imagens mutuamente espelhadas (Martins, 2022, p. 133-134).

A benção dada por dona Marinete para suas filhas e netas também é dada para ela. Esta benção

é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar que retorna, restabelece e, também, transforma, e que em tudo incide [...] A ancestralidade é a responsável por definir de modo estruturante a cosmopercepção negro-africana, dispersa pelas suas inúmeras e diversas culturas (Martins, 2022, p. 58).

Logo, a benção, algumas vezes, destacada no discurso de dona Marinete e manifestado no cotidiano, é um símbolo central da identidade da família. É possível perceber que a benção, o ato de abençoar, é, para elas, uma tradição, de afeto e proteção que permanece essencial mesmo após a morte.

A ideia de cuidado transmitida pela oralidade e pela performance – como quando dona Marinete demonstra o sinal da cruz na testa como gesto de quem abençoa – é algo que é praticado por muitas pessoas e causa a sensação de reconhecimento – como comenta o promotor de justiça Eduardo Martins. O depoimento de dona Marinete reconstrói quem foi Marielle como filha, a sua humanidade que faz com que reconheçamos os caminhos que estruturam este símbolo político que é Marielle. Dona Marinete está comprometida em construir uma memória positiva e de luta para a sua filha.

O promotor de justiça Eduardo Martins, entre as linhas 543 e 556, revela uma de suas principais intenções com o depoimento de dona Marinete. Durante o processo que resultou no julgamento dos réus confessos executores do crime, ele e os demais colegas do Ministério Público puderam ouvir dona Marinete. Para ele, era importante que os jurados a ouvissem também, sobretudo sobre o lado humano de Marielle e de sua família.

Excerto 8

543	Eduardo:	Eu ia exatamente fazer essa pergunta pra
544		senhora, né. O que que a senhora esperava
545		de hoje. Eu acho que a senhora já
546		respondeu, né, que a senhora espera a
547		justiça... éer eu vou terminar, eu só vou
548		agradecer a senhora por ter vindo e só

549 dizer pra senhora que nós, do Ministério
550 Público, tivemos a oportunidade de estar
551 com a senhora outras vezes e, por isso, a
552 gente achava tão importante que os jurados
553 percebessem isso também. Percebessem o lado
554 humano da sua família e de onde essa vítima
555 veio, né? Não é só a vereadora, é a sua
556 filha. Muito obrigado.

Dona Marinete adiciona que para além de contar quem era Marielle, ela está enquanto mãe, uma mãe que perdeu a sua filha e sofre, desde então, com essa ausência que contraria a lógica do ciclo de vida humano. No excerto 9, composto pelas linhas de 557 a 600, dona Marinete demonstra a sua revolta frente ao ocorrido. A sua indignação apresenta elementos do quanto Marielle foi uma filha desejada, o quanto ela lutou na vida e pela vida. Assim, sua vida ser ceifada da forma que foi, é uma barbárie. E é por isso que dona Marinete, sua família e amigos se mobilizaram e mobilizam pessoas – e muitas outras pessoas se mobilizaram pela história de Marielle – para também lutar por justiça.

Excerto 9

557 Marinete: Eduardo, só um adendo em relação a isso.
558 Acho que eu não tô aqui para falar da
559 Marielle enquanto parlamentar, enquanto
560 símbolo de resistência que essa mulher é
561 hoje no Brasil e no mundo. Eu tô aqui como
562 uma mãe que sofreu, esses anos todos, com
563 a falta da filha. Tô aqui para dizer o
564 quanto é importante que pessoas saibam quem
565 era minha filha. Quem é a Marielle. O que
566 que a Marielle fez durante todo esse tempo.
567 Qual foi a criação que essa menina teve. De
568 lutar, estudar, chegar onde ela chegou,
569 entendeu? E hoje a gente ter, né, covarde...
570 uma... Essa covardia! Porque aquilo foi uma
571 barbárie! Aquilo não se admite para filho
572 de ninguém. Não com a minha filha, nem com
573 filho com nenhuma dessas mães que passam
574 por isso hoje. Então isso eu também quero
575 agradecer a oportunidade, enfim, agradecer
576 essa confiança que o MP teve conosco, né.
577 De tá hoje aqui enquanto... Isso eu falo como
578 uma mãe que tá há 6 anos e 7 meses lutando
579 por justiça e espero justiça digna para ela
580 e pro Anderson. É isso que eu quero. Eu
581 também quero agradecer essa oportunidade.
582 Eu não podia deixar de estar aqui. Não.
583 Não, porque as pessoas não sabem. Sabem da
584 Marielle enquanto símbolo. Sabem da
585 Marielle enquanto parlamentar. Sabe da
586 Marielle como a mulher guerreira que ela
587 era, mas não sabe quem foi e quem era a
588 família da Marielle. Então, por isso, que

589 eu tô aqui para dizer o quanto isso é
 590 importante. Dói. Dói porque não tem como,
 591 né. Como eu falei, a minha dor não tem
 592 nome. Aqui não tem como alguém mensurar o
 593 que é isso. Mas eu vou estar aqui para
 594 dizer que eu tô aqui para isso. Para pedir
 595 justiça para Marielle para o Anderson.
 596 Independente de qualquer coisa, eu vou
 597 estar aqui como mãe, vou continuar pedindo,
 598 porque não fica. A gente não acaba nisso
 599 aqui. A gente tem muita coisa para fazer
 600 ainda. Muito obrigada.

O depoimento segue agora conduzido pelo promotor titular do Júri da 2ª vara Tribunal do Rio de Janeiro, Fábio Vieira dos Santos, que está na assistência de acusação do julgamento. Dona Marinete, neste momento que se inicia na linha 602 com a primeira fala do promotor Fábio Vieira e segue até a linha 830, abre ainda mais espaço para falar de sua dor, olhando para os momentos que sucedem a morte de sua filha, mas também olhando para trás, para a sua trajetória de maternidade com Marielle, do retorno de sua filha para o seu lar quando se separa e, junto com Luyara, Marielle volta a morar com os seus pais. Dona Marinete evoca Deus, é para ele que ela recorre para ajudar a lidar com a sua tristeza, dor e revolta. Para ela, perder uma filha já sendo uma idosa faz com que a dor seja ainda maior.

Excerto 10

602 Fábio: Alô, minha querida Marinete. Eu falava no
 603 início aqui com o Ministério Público e eles
 604 disseram "Fábio, a gente pode se
 605 emocionar". Impossível não se emocionar.
 606 Marinete: Impossível.
 607 Fábio: Impossível. De ouvir a senhora falando pros
 608 jurados... nas perguntas... não tem nome, não
 609 dá para descrever. Não tem como pedir para
 610 mensurar a dor de uma mãe diante de uma
 611 morte cruel, dessa que praticaram contra a
 612 Mari, contra o Anderson. A senhora frisou
 613 bem toda a formação católica que é muito
 614 importante quanto isso é forte... Sempre com
 615 terço, o sofrimento da falta. E nós que
 616 temos acompanhado as famílias nesses mais
 617 de seis anos, eu queria que a senhora
 618 descrevesse, porque às vezes eles não têm
 619 dimensão do quanto é sofrido esse caminho
 620 pela justiça, pela busca da justiça. Das
 621 inúmeras vezes em que a senhora bateu a
 622 porta dos órgãos, veio aqui em audiências.
 623 Das lágrimas que derramou. Das noites que
 624 ficou sem dormir. Dos abraços com Luyara,
 625 com Anielle, com seu Antônio e com tantos
 626 amigos. Só quem vivenciou isso muito perto
 627 da senhora e da sua família sabe. Embora eu
 628 tenha a clareza que é impossível descrever

629 tamanha a dor, eu queria pedir pra senhora,
630 se for possível, para a senhora descrever
631 como foi o transcorrer pra gente chegar até
632 hoje aqui. O decurso de tantos embates de
633 tantas manifestações, de tantas reuniões,
634 de tantos movimentos da sociedade civil e
635 de todos os parceiros de todas as esferas,
636 para que nós pudéssemos, finalmente, chegar
637 aqui, ao primeiro julgamento dessas mortes...
638 De uma forma tão cruel e bárbara.

639 Marinete: Doutor Fábio, acho que é um prazer enorme
640 também vê-lo e ter nos acompanhado até
641 hoje. Teve muita coisa, né? A gente passou
642 por muita situação difícil. A gente passa
643 por uma situação desde querer matar
644 minha filha também fora da vida, não só
645 tirar a Marielle, tirar aquele... abater a
646 minha filha, como ela foi abatida
647 covardemente, como eu já acabei de falar,
648 mas é saber que o que a gente tinha pela
649 frente. Nós tínhamos dois homens que são
650 réus confessos hoje, mas tinha também a
651 esperança de saber, e de ter, esse dia que
652 chegasse, como a gente, tá sendo, tá tendo
653 aqui hoje. Então foram várias coisas, né.
654 foram vários momentos de muita dor,
655 entendeu? De muita insistência... de passar
656 por cinco delegados, de passar mais de uma...
657 né... Dentro do Ministério Público... então o
658 que a gente traz hoje aqui, eu não posso
659 dizer que eu agradeço... não só pela minha
660 insistência, pela minha fé. Eu tenho isso
661 muito e tenho a minha família toda porque
662 eu não cheguei aqui rezando sozinha, né, eu
663 tenho minhas irmãs lá de João Pessoa que
664 tem isso. Tem a minha família aqui, minha
665 família católica. Uma coisa que eu respeito
666 muito. E foi muito duro chegar até aqui. Eu
667 nunca desisti desse dia. Eu nunca desisti
668 de estar, de ganhar essa confiança tanto do
669 senhor, né. A defensoria passou a ser uma
670 extensão da minha casa, uma extensão da
671 minha história com a com a minha filha.
672 Então, é importante que a gente, que eu
673 tenha isso, sabe? E eu tenho, né. Que por
674 mais que a gente teve sofrimento. A gente
675 teve tanta fake news minha filha. A gente
676 teve tanto ataque, né. Ataque a Ani, ataque
677 a chegar a dizer que foi pouco, podia ter
678 sido queimada, sabe? Isso é muito duro,
679 minha gente. E a gente, eu não desisti, eu
680 nunca desisti. Nunca desisti da instituição
681 que tava comigo. Nunca desisti que a gente
682 pudesse chegar esse dia. Eu nunca desisti
683 de estar cobrando, porque eu já fui, eu ia
684 todo dia... então me atende, me atende porque
685 eu quero saber como que está. Então isso é
686 muito perseverante numa mãe, no sofrimento,
687 do que eu vivi. Do que eu vivi não, do que
688 eu vivo. Então eu não deixei ninguém cair.
689 Eu não deixei a minha família parar. Eu não

690 deixei Luyara, que volta para a minha casa
691 e a gente constrói... eu tinha, eu tinha
692 construído o caráter da Luyara quando ela
693 volta com 3 anos para a minha casa e a
694 gente consegue construir a Luyara depois do
695 que a gente viveu. A gente traz a Luyara
696 pra gente, né. Naquele momento, era o que
697 eu podia fazer. Luyara perdeu a mãe recém-
698 saída da adolescência, com 19 anos. A Ani
699 começando a vida, lutando, trabalhando em
700 cinco colégios e a gente com essa...
701 entendeu... com essa dor profunda de lidar
702 com dor, com doença, que eu tive uma doença
703 grave. É isso que acontece com as mães,
704 esse somatório de dores é o que ele traz
705 pra gente. Eu não sou a primeira nem fui a
706 única. Eu tô aqui, eu sobrevivi e muitas
707 nem sobrevive. Às vezes não é nem pela dor
708 de um câncer, mas é por outras dores. De
709 depressão, de arrasar numa bebida, a gente
710 sabe que aconteceu isso, a gente sabe
711 disso. Então é isso que a gente traz hoje
712 aqui. Eu venho, sabe, de uma família de
713 muita luta. Eu venho de uma família de
714 muitas mulheres, né. De mulheres que se
715 superaram a cada dia. Então a superação da
716 nossa família, hoje, enquanto mãe de uma
717 filha, de passar por uma violência que eu
718 passei... Aquilo foi muito violento, dr
719 Fábio. Aquilo foi de uma crueldade, né,
720 você imagina o que é você saber que alguém
721 planejou ou que alguém foi pago, ou de
722 alguma maneira, tirou a vida do seu filho.
723 Um filho que você... não é só... não é só
724 parir, é criar. É formar. Eu formei o
725 caráter das minhas filhas. Eu formei o
726 caráter da Luyara. Então tá aqui hoje, é
727 dizer que a gente vai continuar essa luta,
728 entendeu? A falta, a dor, mas a
729 perseverança de estar cada vez mais
730 consciente de que a justiça tem que ser
731 feita. Isso não é normal na vida de
732 qualquer mãe. Não é o ciclo vida. Não é
733 normal uma mãe enterrar um filho para
734 ninguém, entendeu? A nossa cultura não traz
735 isso, entendeu? A gente não traz esse esse
736 olhar, de achar que não importa a data ou a
737 idade que seu filho partiu, mas é o teu
738 filho, entendeu? É uma dádiva que você
739 recebeu e muita gente queria e não tem.
740 Deus não dá essa dádiva para todo mundo,
741 tem mulheres que querem ter filho e que
742 adotam e são mulheres que estão aí lutando
743 também para ter essa consciência, de que o
744 filho não é só o filho quando você pari, é
745 o filho do coração. Mas eu pari a minha
746 filha, né? Eu pari a minha filha. Lutei,
747 criei. A gente vem... Eu caso num dia e venho
748 para aqui no outro. Com um ano e cinco
749 meses a minha filha nasce. Então é tudo
750 muito presente pra gente dizer. Eu não

751 tinha rede nenhuma, não tinha apoio nenhum,
752 não tinha família <por perto>. Então é
753 muito duro. Gente, o que eu passei com a
754 Marielle, né. E com a criação dentro da
755 Maré, dentro da periferia, dentro de um
756 lugar que supostamente gente não... mas
757 naquela época a gente vivia no Conjunto
758 Esperança, gente. É ali que eu formo as
759 minhas filhas dentro da Maré que formo a
760 Marielle e a Ani. Então eu tenho muito
761 orgulho de estar hoje aqui, dizer o quanto
762 isso é importante de eu dizer quem é e quem
763 continua sendo a Marielle e a Ani, porque
764 eu botei no mundo eu criei, eu eduquei,
765 entendeu? Eu formei o caráter dela e formei
766 o caráter da Luyara também. Porque é para
767 lá que ela volta quando a minha filha se
768 separa. Minha filha separa <e> eu eu
769 continuo, né. Eu recebo as duas quando ela
770 se separa. Então é isso que a gente traz
771 hoje. Eu quero cada vez mais agradecer essa
772 oportunidade de estar dizendo, falando,
773 quem é Marielle, entendeu? Para quem não
774 sabe, para esses jurados que estão aí. Para
775 fazer o papel deles dentro da sociedade.
776 Isso é fundamental pra gente, que a gente
777 tenha isso. E vou continuar falando porque,
778 é isso, eu não vou, a gente não para por
779 aqui, entendeu? Não é o fim. Como a morte
780 da minha filha também não é o fim. A
781 morte Marielle não é o fim. A gente
782 acredita que nunca foi o fim. Se fosse o
783 fim eu não estaria hoje aqui. Nós não
784 estaríamos hoje aqui para ter uma
785 condenação por ela. Para não normalizar o
786 que a gente viveu e que a gente continua
787 vivendo até hoje. Então é isso que eu
788 trago, entendeu? [áudio corrompido] mas eu
789 vou tá. E consegui, eu já vou fazer 73
790 anos, eu perdi a minha filha velha. Eu
791 perdi minha filha e já eu era uma idosa. Eu
792 não perdi minha filha com 40 anos 30. Eu
793 perdi já bem velha. Então é uma dor muito
794 maior, né. Não desmerecendo quem perdeu seu
795 filho com 40, 50, não importa, mas a minha
796 foi muito mais profunda. A minha é
797 profunda. Eu era uma idosa quando eu perdi
798 minha filha. Nunca a gente imagina que
799 isso vai acontecer, mas eu perdi. Parecia
800 surreal, parecia uma... parecia uma... sabe o
801 que é um conto de fadas? Foi assim que eu
802 me senti naquela noite. Então a gente não...
802 Nunca imaginava, né. Mas quem sou eu para
803 questionar, né? Eu acho que os propósitos
803 de Deus, eu não tô aqui para questionar. Eu
804 não criei ódio no meu coração, eu criei
805 muita dor. É claro que em algum momento
805 você fica...tem tristeza, tem revolta mas a
806 minha formação católica, o que eu aprendi
807 com a minha mãe, com os meus avós, não é
808 nunca, sabe? Quem sou eu para te questionar

809 a Deus porque, entendeu? Ele não queria
 810 isso, mas o livre arbítrio daqueles homens,
 811 daqueles covardes, entendeu? Foi o que eles
 812 fizeram. Porque isso é o livre arbítrio do
 813 homem, né? A gente passa por essa mazela
 814 porque o homem faz isso, né. Deus não
 815 queria isso, de jeito nenhum. Ele não
 816 queria. Nem à minha filha, nem ao filho de
 817 ninguém, nem ao Anderson, entendeu? Mas,
 818 infelizmente, a gente tá vivendo isso e
 819 vamos estar aqui para dizer que vamos ter
 820 uma vitória, sim. Não é tudo, mas é o que a
 821 gente precisa. Porque eu espero como mãe, a
 822 família espera, a sociedade, os eleitores
 823 dela, entendeu. E toda essa rede que vem
 824 hoje nos ajudando e caminhando conosco como
 825 o senhor e a defensoria que tem feito esse
 826 trabalho, de todo o apoio, de toda a
 827 solidariedade, né. Por todas as equipes que
 828 passaram e a gente vai estar e dizer que é
 829 importante, sim, essa condenação. É o que
 830 eu espero e a sociedade também espera.

Segundo o depoimento de dona Marinete, nas linhas de 851 a 961, Marielle desde cedo se dedicou à sua família. Ajudou na criação de sua irmã, Anielle, e assumiu responsabilidades familiares, como a sua participação nas reuniões de catequese para representar a família. Com base forte de sua família católica, Marielle, sem imposição dos pais, tinha o desejo de casar-se. Casou jovem e teve sua filha, Luyara, aos 19 anos.

Dona Marinete sorri ao lembrar que falava para Marielle que ela estava sendo rígida com a Luyara. Mesmo também sendo rígida, dona Marinete destaca que a sua filha chegava a ser ainda mais. Para ela, isto é uma característica do povo nordestino. Marielle se dedicou na criação da filha, no trabalho e nos estudos de forma simultânea. Durante o seu mestrado na UFF, dona Marinete ia todas as noites cuidar da Luyara para que sua filha conseguisse estudar.

Marielle tinha vontade de viver, de melhorar a sua vida e a vida de sua família: “A dedicação que ela tinha, né...de viver...de ter aquele sonho, um sonho melhor pra filha dela e pra gente. Marielle nos ajudava enquanto família, sempre ajudou!”. Para dona Marinete, o amor de Marielle à sua família poderia ser reconhecido em seus movimentos de cuidado, na educação da filha, no seu trabalho para trazer desconto na escola para ela e sua irmã, ao ajudar na criação de sua irmã quase cinco anos mais nova do que ela. Marielle aprendeu com a sua base familiar, e por ela se dedicou a viver uma vida religiosa; frequentava as missas dominicais e foi madrinha de batismo de sua sobrinha Mariah. O excerto 11 contempla o conjunto de linhas entre 831 e 963

e a fala de dona Marinete junto com a pergunta do promotor Fábio Vieira, que antecede a sua fala.

Excerto 11

831	Fábio:	Dona Marinete, eu agradeço muito. Queria
832		fazer mais uma pergunta. Só. Isso a senhora
833		fica à vontade para falar. A gente já sabe
834		que a Marielle era trabalhadora,
835		batalhadora, digna. Os valores cristãos,
836		ali, sedimentados da formação da sua
837		família, mas eu queria que a senhora
838		falasse que a gente já entoa todo esse
839		amor, como era a relação da Marielle com a
840		Luyara, com a Anielle e com o seu Antônio.
841		O amor que ela tinha, o cuidado com a
849		filha, parceria com a irmã... O amor pelo
850		pai... Eu queria que a senhora falasse.
851	Marinete:	Dr Fábio, o amor da Marielle... Marielle fica
852		quase 5 anos sozinha, né? Marielle era o
853		grande trunfo que nós tínhamos. Era o
854		grande troféu que nós tínhamos até, quase,
855		até Ani chegar. Então a dedicação que a
856		Marielle tinha de ajudar a criar a Ani... Pro
857		senhor tem uma ideia, a Marielle tem
858		autorização para assistir a reunião de
859		catequese, representar a gente, muito nova,
860		porque eu fiquei 9 anos trabalhando fora do
861		Rio de Janeiro. Então o amor que ela tinha
862		por essa família é o que a gente vê hoje
863		nas pessoas que se dedicam a essa história.
864		Era um amor que não tem... não tem, não tem
865		nome, não tem nome para dizer o tanto desse
866		amor, né? Porque ela muito cedo... Ela tem
867		esse entendimento da família! É isso que a
868		gente traz. De primar pela educação, de
869		criar aquela filha. Ela foi mãe com 19
870		anos. O que era, o que pode ser normal, mas
871		numa família católica... Uma família que a
872		gente vem... entendeu? Com todos aqueles
873		valores, entendeu... Marielle casa cedo. Ela
874		teve o desejo de casar. Ela quis casar.
875		Então a gente nunca impôs assim: "casa ou
876		não casa", não, ela disse: tenho vontade de
877		casar. E viveu aquilo, né? Com muita
878		intensidade. Então o amor que Marielle
879		tinha, né... A criação que ela dava pra
880		Luyara... Eu muitas vezes dizia: "tá pior do
881		que eu!" E olha que eu dava uma criação
882		rígida porque nordestino traz isso, né?
883		Trazia assim. Ela tava pior do que eu com a
884		Luyara e ela sabe disso, as pessoas sabem o
885		que ela trazia ali. Então primar pela
886		educação, primar por aquele amor... Ela se
887		dedicava àquela filha... trabalhando,
888		entendeu? Marielle fez o mestrado dela na
889		UFF! Eu vinha, eu vinha? pra casa dela para
890		tomar conta da Luyara todas as noites.
891		Então foi muito. Entendeu? A dedicação que
892		ela tinha, né... De de viver... De ter aquele

893 sonho, um sonho melhor pra filha dela e pra
894 gente. Marielle nos ajudava enquanto
895 família, sempre ajudou! Sempre ajudou
896 dentro de casa. E tanto é que ela trabalhou
897 cedo... Ela não trazia o dinheiro, mas ela
898 trazia um desconto na escola dela, da irmã.
899 Então isso é um amor que a gente não tem
900 como, entendeu? É só quem tem uma mãe com
901 uma primeira filha criando como a gente
902 criou é que sabe o amor que uma filha se
903 dedica, porque, é isso! A gente tava
904 caminhando. Eu não caminhei para o fim, eu
905 caminhei para o início. E por isso que nós
906 estamos aqui hoje, né. Eu não parei! Ela
907 não parou na dificuldade que ela teve
908 quando ela teve a filha dela... Se dedicar de
909 criar Luyara... Viver... entendeu?
910 Intensamente até os 19 anos com aquela
911 filha, se dedicando, trabalhando, para dar
912 o melhor para construir... Aquele sonho ser
913 continuado... é como a Luyara fala. Então a
914 dedicação que ela teve tanto com a gente
915 enquanto pai como (com) a irmã. Ela ajudou
916 a criar, a formar, a Ani tem esse respeito
917 pela irmã e não é à toa, né? Ela tem o
918 respeito porque ela ajudou a criar aquela
919 irmã. 5 anos, quase 5 anos de diferença de
920 uma para outra... Tudo era referência! Tudo,
921 tudo! Toda a história que a gente traz,
922 traz a Marielle como referência, de filha,
923 de uma mulher que (como se) diz... Não é só
924 superar, né? O que a gente viveu enquanto
925 família, uma família pequena, uma família
926 que a nossa dedicação com aquele amor era...
927 Era nos domingos, era uma uma mulher de...
928 Uma mulher de oração! Uma mulher de missa
929 dominical. Então aquilo ali, pra gente, era
930 continuidade daquele sonho. Era a
931 continuidade de ver Marielle melhor, de ver
932 a Ani melhor... De gente construir, né,
933 dentro de um lugar que a gente... muito...
934 muito pelo contrário que as pessoas achavam
935 que... O quê que saía? O quê que sai da Maré,
936 o quê que sai? Não, saiu aquela mulher,
937 saiu essas duas mulheres que eu pari. Então
938 é isso que a gente traz. A gente traz isso,
939 né? De uma dedicação, de um amor, de um
940 carinho... De uma uma mãe que muitas vezes eu
941 me pegava (dizendo): "cara tu tá muito... Tá
942 pegando pesado com a Luyara!" Que foi
943 assim... que é assim... é lógico que vem o
944 pesar como o amor, e era recíproco. Da
945 dedicação, do carinho que ela tinha com a
946 gente... De se dedicar, de ajudar
947 financeiramente, de ajudar em tudo era um
948 suporte, né? Ela... Eu tive a minha filha não
949 tão nova quanto ela mas a gente não tinha
950 rede nenhuma aqui. Então é esse carinho,
951 esse zelo, esse amor que a gente sente
952 falta, que a gente fica hoje pensando onde
953 é que nós podíamos estar hoje, né... Com a

954 Marielle? Com a Luyara, né... Com 25 anos,
 955 com a Ani... a... não, não, não, não teve, não
 956 vai ter o prazer de conhecer as sobrinhas.
 957 Viu a Mariah até (os) 2 anos, que era
 958 madrinha de batismo. Então isso tudo são um
 959 amor que deixou de existir por conta dessa
 960 atrocidade, dessa barbaridade que a gente
 961 vive hoje.
 962 Fábio: Muito obrigado pela sua coragem, pelo seu
 963 relato.

O depoimento de dona Marinete se demonstra eloquente. Uma das defesas dos réus confessos verbaliza seu desejo de registrar a solidariedade a ela. Nenhuma das defesas faz qualquer pergunta a ela, é estabelecido um silêncio por parte da defesa dos acusados. Por fim, dona Marinete se encerra com um último ato que demonstra a sua força e resistência. Mesmo dispensada a sua presença, dona Marinete afirma que ficará no julgamento para acompanhar a sentença. Este momento está registrado nas linhas de 964 a 987, no último excerto de número 12. Nele participam a juíza Lúcia Gloche, dona Marinete Francisco e os advogados de defesa Saulo Carvalho e Ana Cordeiro.

Excerto 12

964 Lúcia: A defesa do acusado Ronnie tem a palavra.
 965 Saulo Marinete eu não tenho perguntas mas eu
 966 gostaria de registrar, aqui, a minha
 967 solidariedade à senhora, tá?
 968 Marinete: Obrigada.
 969 Lúcia: A defesa do acusado Élcio.
 970 Ana: Sem perguntas, excelência.
 971 Lúcia: Eu indago aos senhores jurados, se querem
 972 formular alguma pergunta para a testemunha?
 973 Não? Indago a defesa e ao Ministério
 974 Público se nós podemos dispensar a
 975 testemunha ou se será necessário que ela
 976 fique incomunicável para eventual futura
 977 acareação?
 978 Saulo: Sem oposição, excelência.
 979 Lúcia: Sem oposição?
 980 Ana: Sem oposição.
 981 Lúcia: Ministério Público? Senhora Marinete, eu
 982 agradeço o seu comparecimento com a justiça
 983 e finalmente a senhora fica dispensada. A
 984 senhora pode ir embora para ficar onde
 985 quiser, onde se sentir melhor.
 986 Marinete: Eu vou ficar, tá? Muito obrigada! Eu vou
 987 ficar, não tem como.

É representativo as defesas dos acusados não realizarem nenhuma pergunta. Em um julgamento onde os réus são confessos e a defesa não explora a testemunha, a condenação já está posta. Entretanto, o resultado esperado pela acusação é

conseguir a maior sentença aos acusados. Por fim, destaco a última frase que dona Marinete faz questão de falar, ela diz “eu vou ficar, não tem como”. Dona Marinete em seus 73 anos demonstra a sua força e urgência de continuar no julgamento, mesmo tendo encerrado a sua participação ativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo compreender como se deu a construção de narrativa sobre a história de Marielle Franco a partir das memórias de sua mãe, dona Marinete da Silva, tendo o objeto de análise o seu depoimento no julgamento por júri popular dos assassinos réus confessos executores do crime, realizado nos dias 30 e 31 de outubro de 2024. A partir dessa análise, foi possível perceber que o discurso de dona Marinete se estabelece enquanto um gesto político de memória, um movimento que demonstra a humanidade de Marielle, resgatando as suas raízes, sua história para além da narrativa midiática que tantas vezes a reduzem. Falar de Marielle é falar de nós, das pessoas que ela representava, daqueles que ela inspirou e que seguem resistindo para que a sua memória não seja esquecida e o seu legado siga contribuindo para um mundo socialmente justo. Este foi e seguirá sendo o compromisso ético, político e social que guiou todo o percurso deste trabalho e de minhas contribuições acadêmicas e sociais.

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação partiu de uma metodologia fundamentada na análise do discurso e em referenciais teóricos, em sua maioria, contra hegemônicos, negros e contracoloniais. Escolher autoras e autores como Conceição Evaristo, Leda Maria Martins e Antônio Bispo dos Santos – Nego Bispo, caminha na direção política e epistemológica de contrariar a hegemonia acadêmica calçada em referências brancas eurocentradas. Esta opção, convocando também Grada Kilomba e Patricia Hill Collins, busca trazer à luz as vozes negras a partir de uma *práxis* crítica e interseccional (Collins, 2021).

Foi a partir da perspectiva interseccional e contracolonial que foi possível demonstrar como a memória pode ser uma ferramenta para reparação contribuindo na justiça social. Como Grada Kilomba nos traz, o processo de reparação necessita de reconhecimento da violência e transformação das estruturas que a sustentam. Neste sentido, a memória de Marielle, cultivada por sua família, amigos e sementes, aponta para um futuro de não repetição. Dessa forma, em suma, esta dissertação apresenta a memória de Marielle Franco, a partir do discurso de sua mãe, enquanto uma ferramenta de reparação e um instrumento de justiça social. A memória aqui não é somente aquilo que se lembra, mas também reivindicação de existência e de direito à narrativa. Como traz Conceição Evaristo (2017), é pela escrevivência — pela palavra

que nasce do corpo e da experiência — que se reconstroem identidades e se rompem os silenciamentos impostos pela colonialidade.

Dona Marinete performa em seu depoimento um movimento político afetivo. Utilizando uma metáfora poética, ao evocar a imagem de um passado que voa de suas mãos ao retratar o anúncio da morte de sua filha, ela busca nomear aquilo que para ela é impossível de ser traduzido: a ausência de Marielle. Dona Marinete se movimenta para dar uma boa morte para sua filha. É através de suas memórias que ela e sua família lutam por justiça por Marielle, e dão continuidade ao seu legado na luta por um futuro em que violências como esta, e outras violações de direitos, não se repitam.

O discurso de dona Marinete não se restringe a uma evocação do passado, é um desejo de futuro, uma luta contra o esquecimento e para a justiça social. Escutar dona Marinete é compreender a presença de Marielle. As bençãos que ainda são ditas por ela são uma forma de esperar e semear o futuro lutado por Marielle; é manter Marielle viva a partir de seu legado. A escolha de análise do discurso de dona Marinete durante o julgamento dos executores réus confessos do assassinato de Marielle Franco, sua filha, se deu pelo desejo de analisar os percursos para práticas de justiça social a partir da memória, mas, sobretudo, a partir de uma memória carregada de afeto, como era o fazer político de Marielle e que permanece em seu legado.

Durante o percurso investigativo, foi possível dialogar com a memória de Marielle Franco, com diversas lutas por direitos humanos, como o direito à memória, justiça e boa morte das mães periféricas que perderam seus filhos e os processos históricos de exclusão que estruturam o racismo no Brasil. Tais reflexões propostas fortalecem a ideia de que a memória, quando compreendida sob uma perspectiva interseccional, reconta o passado a partir da verdade e projeta um futuro socialmente justo, com verdade, reparação e não repetição.

Ainda que o julgamento dos executores do crime que ceifou a vida de Marielle Franco represente um avanço simbólico, jurídico e social, ele não encerra a luta por justiça. Responsabilizar os mandantes do crime e transformar as estruturas de poder que permitiram o assassinato de Marielle e Anderson continuam urgentes. Esta pesquisa, assim sendo, insere-se em um campo de disputa de narrativas, práticas e movimentos de memória, desejando contribuir com o legado que é também um instrumento de luta e transformação.

Outros caminhos que podem ser desdobrados no campo desta pesquisa são novos estudos sobre processos de memórias sociais que constroem narrativas interseccionalizadas contra o esquecimento – como as mães de vítimas da violência do Estado. Além disso, indica-se o Centro de Memória e Ancestralidade Marielle Franco (CMAMF), quando constituído, enquanto um espaço potente de articulação de saberes interseccionais, práticas culturais e movimentos ativistas de memória, apresentando um caminho metodológico e político para futuras contribuições no campo da memória social.

Por fim, esta dissertação também é para mim – enquanto autora – um ato de memória. Encerro esta etapa com a certeza de que pesquisar sobre Marielle Franco é também caminhar e resistir com ela. É a partir de dona Marinete e de sua família que compreendo a possibilidade de atravessar a dor com dignidade. Dona Marinete em seu discurso, e em todos os seus movimentos, nos mostra que lembrar é um gesto de resistência e amor. Finalizo, aqui, rememorando também o que Conceição Evaristo nos ensinou: “Sonho que é uma vontade grande de o melhor acontecer. Sonho que é a gente não acreditar no que vê e inventar para os olhos o que a gente não vê.” Também é recusar a estrutura que nos violenta e lutar por um futuro em que a justiça social seja uma realidade plena. Desta forma, espero que esta pesquisa, ao contribuir na luta por justiça através da memória, contribua também na imaginação e invenção de futuros mais justos, onde vidas como a de Marielle Franco não sejam mais interrompidas, e sim, potencialmente semeadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Filipe; SOARES, Dandara. Mães em luta: o caso Jonatha e a busca por justiça. **Nexo Jornal**. 25 mar. 2024. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniaao/2024/03/25/maes-em-luta-o-caso-johnatha-e-a-busca-por-justica>

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília/DF: INCTI/UNB, 2015.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BLOMMAERT, J. **Social linguistics scales**. London: Working Papers Urban Language & Literacies. London: King's College, 2006.

BORBA, Rodrigo. **Injurious signs**: The geopolitics of hate and hope in the linguistic landscape of a political crisis. Making sense of people and place in linguistic landscapes, p. 161-181, 2019.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo Ed. Unesp, 2021

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132. dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Fighting words**: black women and the search for justice. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. Para além da interseccionalidade: o feminismo negro como pensamento crítico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 509–533, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2016v24n2p509>. Acesso em: 6 jul. 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. “A questão do negro não é para nós resolvermos, é para a nação” - **Revista Marie Claire** | CULTURA. [s.

d.]. Disponível em:

<https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2019/11/conceicao-evaristo-questao-do-negro-nao-e-para-nos-resolvermos-e-para-nacao.html>. Acesso em: 30 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

ESCUTE AS MAIS VELHAS: **Jurema Werneck**. Entrevistada: Jurema Werneck. Entrevistadoras: Sueli Carneiro e Neca Setubal. [S.l.]: Fundação Tide Setubal, 3 de jun. 2025. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4OFBm3LONC6J70fRFyM6IO?si=3553b5cf81664142>. Acesso em: 3 de jun. 2025.

HALBWACHS, Maurice. 1990. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Adriana C.; FACINA, Adriana; SILVA Daniel. **Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem**. Organizadores:. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis [SC] : Insular, 2019.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, n. 6, p. 63–81, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Leda Maria Martins – Trajetórias**. Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y8T02-dasUc&t=678s>

MELO, G. C. V.; MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa de uma blogueira: “tornando-se preta em um segundo nascimento”. **Alfa Revista Linguística**, Araraquara, v. 58, p. 541-56, 2014.

MELO, G. C. V.; FERREIRA, J. T. R. As ordens de indexicalidade de gênero, de raça e de nacionalidade em dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 17, n.3, p. 405-426, 2017

OLIVEIRA, Maria Sylvia Aparecida de. Entenda o que é RACISMO ESTRUTURAL! Canal Preto, **YouTube**, 2019.

PINTO, Ana Flávia Magalhães; SANTOS, José Eduardo Ferreira; SANTANA, Tiganá. Temporalidades, História e Memória. In: CARNEIRO, Natália; SANTANA, Bianca (Orgs.) **Insumo para ancoragem de memórias negras**. São Paulo :

Oralituras, Fundação Rosa Luxemburgo, Casa Sueli Carneiro, 2022. Cap 1, p. 14-44.

GAIA, Gabriela (Org). **Insumo para ancoragem de memórias negras**. 1. ed. São Paulo: Oraliteraturas, Fundação Rosa Luxemburgo, Casa Sueli Carneiro, 2022.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, v. 2, n. 3, 1989.

KAUARK, Giuliana, RATTES, Plínio e LEAL, Nathalia (Orgs.). **Um lugar para os espaços culturais: gestão, territórios, públicos e programação**. Salvador: Edufba, 2019. 407p. (Coleção Cult)

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. *In*: Milton Santos [et al.] (Orgs.) **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SILVA, Anielle Francisco da. **Instituto Marielle Franco: escritórias, memória e o legado de Marielle Franco / Anielle Francisco da Silva**. — 2021.121f.: il. (algumas color.), enc.

ANEXO A – Transcrição integral do Depoimento de dona Marinete no Julgamento dos executores do crime

Excerto Julgamento dos assassinos de Marielle Franco e Anderson Gomes – Transcrição do depoimento integral de dona Marinete Francisco da Silva

1 Eduardo: Dona Marinete, antes até da juíza falar
 2 se, a senhora não estiver se sentindo bem,
 3 não quiser depor... O Ministério Público
 4 abre mão da senhora.
 5 Marinete: não, tô bem, obrigada.
 6 Lúcia: Pode começar a gravação. A senhora é
 7 Marinete da Silva, não é?
 8 Marinete: Sim.
 9 Lúcia: Boa tarde.
 10 Marinete: Boa tarde.
 11 Lúcia: Minha solidariedade a dor da senhora.
 12 Marinete: Muito obrigada.
 13 Lúcia: A senhora figura aqui como vítima, porque a
 14 senhora é mãe de umas vítimas.
 15 Marinete: Sim.
 16 Lúcia: Por conta disso, a senhora não vai prestar
 17 compromisso de dizer a verdade, embora
 18 <seja> o que se espera sempre de suas falas.
 19 Como a senhora já sabe, as perguntas
 20 transcorrem assim: O Ministério Público vai
 21 fazer perguntas pra senhora... A Assistência
 22 de Acusação vai fazer perguntas pra senhora
 23 e, em seguida, as Defesas farão perguntas
 24 pra senhora. O que a senhora não souber,
 25 diga que não sabe. O que não lembrar, diga
 26 que não lembra... se for feita alguma
 27 pergunta que a senhora não quer responder,
 28 a senhora diga que não quer responder. E se
 29 a senhora não se sentir bem em algum
 30 momento a senhora sinaliza, porque nós
 31 podemos fazer uma pausa na sua oitiva,
 32 certo? Pode? Aceitou? Pode abrir? A senhora
 33 não se opôs a falar na frente dos acusados,
 34 né?
 35 Marinete: Não.
 36 Lúcia: Pode abrir.
 37 Ah, tá. Tem alguém na escolta do acusado
 38 Ronnie? Que esteja escutando a gravação?
 39 Ele não está aparecendo na tela. O áudio
 40 tem que ser mantido fechado Mas preciso que
 41 ver que ele está presente, assistindo ao
 42 julgamento. Não... abriu o microfone.
 43 Tirou.
 44 Senhor Elcio, o senhor pode mostrar que o
 45 senhor está sem as algemas? Obrigada.
 46 Doutor Saulo, o senhor se opõe que nós
 47 iniciemos a oitiva da testemunha, apesar do
 visor do seu acusado Ronnie... ah,

48 conseguimos! Muito obrigada! Bom, pronto.
 49 Fechou o áudio. Muito obrigada. Eu dou a
 50 palavra ao Ministério Público.
 51 Eduardo: Dona Marinete, boa tarde, já, né?
 52 Marinete: Boa tarde, Eduardo.
 53 Eduardo: É... vou começar me desculpando de trazer a
 54 senhora aqui, mas, na verdade, é importante
 55 pro Ministério Público, aqui, hoje, a
 56 Marielle Franco, a Marielle do mandato,
 57 essa a gente, as pessoas já conhecem, as
 58 pessoas sabem pela mídia, as pessoas
 59 ouviram aqui da Fernanda e eu queria
 60 mostrar pros senhores jurados, aqui hoje, a
 61 Marielle Francisco da Silva, né? A pessoa
 62 que a senhora batizou, a pessoa que a
 63 senhora criou essa pessoa que foi vítima.
 64 Porque a Marielle vereadora, a discussão é
 65 outra. Nós vamos discutir a vítima. Eu
 66 queria saber, então, portanto, vou começar,
 67 inclusive, assim, vamos falar de coisas
 68 agradáveis como é que era a Marielle, Dona
 69 Marinete? Assim, como é que era, como é que
 70 foi a infância dela? Foi uma infância
 71 fácil? Tinha tudo que ela queria? Foi uma
 72 infância brigada? Ela teve que trabalhar e
 73 estudar...? Como é que foi isso? Eu queria
 74 que a senhora contasse pra gente.
 75 Marinete: Olha, a Marielle foi uma criança desejada.
 76 Apesar de chegar um ano e cinco meses
 77 depois do meu casamento. Foi uma criança
 78 saudável uma gravidez boa e nasce um ano e
 79 cinco meses depois que eu casei. Então
 80 Marielle chega com todo o carinho que uma
 81 mãe podia ter, né. Teve a graça de ter a
 82 avó dela <presente>, <ela> veio. Levou três
 83 dias de ônibus de João Pessoa até aqui para
 84 vir ver eu parir a minha filha. Eu era, eu
 85 sou a única... Eu era a última filha que
 86 casei. De sete mulheres e quatro homens,
 87 dos 11 filhos. Então foi uma alegria ter
 88 minha mãe aqui no dia que a Marielle
 89 nasceu. E foi um dia bonito. Eu ainda fui
 90 fazer minhas unhas, eu fui me arrumar para
 91 poder parir minha filha. É que a gente tem
 92 essa vaidade de tá bonito para receber, que
 93 é o primor que a gente tem, é uma dádiva de
 94 Deus que Deus pôde me conceder foi parir a
 95 Marielle. Então, foi um dia... E umas cinco e
 96 pouco da tarde eu já comecei... estourou a
 97 bolsa e meu marido chegou pra gente ir pra
 98 maternidade. Graças a Deus, já cheguei lá
 99 com a menina já quase coroando, com seis e
 100 meio de dilatação, e foi assim que a
 101 Marielle nasceu. Nove e pouca da noite,
 102 minha filha nasceu. Ee...<teve> uma infância
 103 muito boa, graças a Deus. A gente tem...
 104 Primava pela educação, né, pela sabedoria
 105 que ela tinha desde muito nova. Por todo o
 106 amor que a gente dedicou a essa menina
 107 desde o dia em que ela chegou ao mundo. E
 108 foi um encadeamento de coisas boas que

109 aconteceram. Marielle nova já sentia muita
 110 vontade de ser aquela menina que ia se... se
 111 destacava sempre! Mesmo pequena ela nunca
 112 queria ser nem a aluna e nem a menina que
 113 tomasse, né, como uma outra qualquer. Ela
 114 queria sempre ser a professora. Queria ser
 115 a mãe. Então era essa postura que a
 116 Marielle teve desde muito nova. Com onze
 117 anos, a minha filha foi estagiária, né, já
 118 ajudando dentro da família. A gente... Era
 119 uma coisa normal, não tinha o que a gente
 120 entende hoje de que estaríamos, né, fazendo
 121 uma coisa errada em relação aos filhos,
 122 muito pelo contrário, né. Ela já tava para
 123 fazer a primeira comunhão e já se dedicava
 124 muito na escola porque queria muito ser
 125 monitora de dentro da sala de aula. E com
 126 isso também fez com que a gente aderisse
 127 esse processo dela com naturalidade, porque
 128 a gente conseguiu diminuir, né, o salário...
 129 o salário não, a conta, né, elas estudavam
 130 numa escola pública, mas vai para uma
 131 escola particular. E, ali, a gente
 132 consegue... Marielle já ajudando
 133 financeiramente dentro de casa. Que não
 134 era, não era anormal isso na época. A irmã
 135 menor...
 136 Eduardo: Desde os onze anos...
 137 Marinete: Desde os onze anos. <Com> onze anos ela foi
 138 estagiária dentro da escola de aplicação
 139 que hoje é a UNISUAM, né. Que hoje... na
 140 época era colégio de aplicação e a
 141 universidade. Hoje só tem a universidade.
 142 Foi ali que Marielle começou, entendeu, a
 143 ter esse olhar tanto na educação como na
 144 ajuda com a irmã, como na ajuda financeira
 145 da casa... então ela ia se destacando, sempre
 146 com muita responsabilidade e muito
 147 compromisso. Eu tinha uma preocupação
 148 porque o Dr Arapuan tinha uma dedicação,
 149 tinha um carinho enorme pela minha filha,
 150 pela responsabilidade que ela tinha. Ela
 151 inclusive fazia depósito bancário, que o...
 152 o banco era dentro da UNISUAM mesmo. Então
 153 não tinha nenhum perigo ali dentro. Mas era
 154 uma menina de confiança, desde aquela
 155 época, com onze anos de idade.
 156 Eduardo: E fez faculdade, né?
 157 Marinete: Fez.
 158 Eduardo: Ela trabalhava e fazia faculdade ao mesmo
 159 tempo?
 160 Marinete: Trabalhava e fazia faculdade. Mas antes de
 161 chegar no trabalho <formal>, ela trabalhou
 162 muito em outras coisas, né. Marielle... Nós
 163 fizemos feira de Itaipava. Marielle tem uma
 164 família que é toda dedicada... E ainda são
 165 sapateiros aqui no Rio de Janeiro. Então a
 166 gente fazia... A gente vendia as coisas.
 167 Marielle teve uma dedicação enorme de casar
 168 cedo, mas ter um compromisso muito grande.
 169 Dirigia a Kombi quando precisava. E era

170 cobradora quando precisava, depois de
 171 casou. A Luyara nasce e ela tinha 19 anos,
 172 né. Muito muito nova. E esse... esse período
 173 foi um período mais difícil. Marielle foi
 174 também... trabalhou na prefeitura. Fez um
 175 teste para ser recreadora na prefeitura
 176 aqui do Rio de Janeiro e fez isso também
 177 com muito carinho. Já ajudando (ainda) que
 178 a filha tenha nascido, né. Se separa,
 179 também, muito cedo. Então essa mulher, né.
 180 Essa menina que a gente traz, né, para
 181 gente julgar, que eu tenho aqui o maior
 182 carinho, o maior prazer de falar da
 183 história que foi... da história... na verdade,
 184 não foi, a história é a história da
 185 Marielle. Então a gente vem nesse tempo,
 186 né, contando essa história. Falando o
 187 quanto Marielle era e é importante, né.
 188 Trabalhou cedo, teve uma separação cedo..
 189 criou! Era uma boa mãe, uma excelente
 190 filha. A gente vem para esse lugar para
 191 dizer que é inadmissível que a gente não
 192 tenha um desfecho disso aqui, que a gente
 193 tá tendo hoje.
 194 Eduardo: Dona Marinete, a senhora veio falando disso
 195 tudo, né, a gente percebe aí alguém que
 196 sempre trabalhou, que sempre ajudou em
 197 casa. Boa mãe, boa filha. Quando acontece o
 198 que a gente tá julgando aqui hoje... a
 199 Marielle tava no primeiro mandato dela, né?
 200 Ela tinha... tinha sido eleita. A gente
 201 pode dizer que, profissionalmente, era o
 202 melhor momento da vida dela? Assim, um
 203 momento onde ela tava, profissionalmente
 204 falando, mais feliz?
 205 Marinete: Era um momento importante, sim. Eu acho que
 206 a Marielle... Como ela vem de um lugar, né..
 207 Que tem esse entendimento de direitos
 208 humanos, Marielle faz isso com muita
 209 propriedade, entendeu? Quando ela chega
 210 naquele lugar. É claro que quando a
 211 Marielle foi convidada para ser vereadora,
 212 eu fui contra. Acho que é público isso, que
 213 eu fui contra. Eu não sentia coisa boa no
 214 meu coração em relação a um mandato
 215 partidário. A gente nunca teve partido,
 216 então, isso me preocupou bastante. Mas era
 217 quem era eu, naquela época, para para
 218 contrariar aquela mulher com quase 38 anos?
 219 Então era uma mulher que tinha decisões.
 220 Uma filha que obedecia, mas naquela aquela
 221 hora era o que ela queria, né. O partido
 222 não tinha nenhuma mulher negra como
 223 candidata e chegou na hora que ela sai de
 224 uma comissão de direitos humanos por 10
 225 anos entendendo que ela podia fazer muito
 226 mais. Foi o que ela fez. Foi o que ela fez
 227 todo tempo. Defender o outro, né. Não
 228 defendia só a mim porque era esse o
 229 trabalho dela, então eu não tive como parar
 230 para dizer que aquele não era o momento.

231 Foi o momento sim. Foi o momento da
 232 Marielle ter, né. O que a gente viu hoje,
 233 Marielle que a gente viu e vê todos esses
 234 anos. Que ela foi candidata, foi uma uma
 235 mulher eleita na primeira eleição com
 236 46.502 votos, que <estava> mudando a
 237 história daquele país. Ela estava feliz
 238 porque ela tava fazendo o que ela queria,
 239 que era defender as pessoas, fazer o
 240 trabalho dela e ter esse reconhecimento
 241 como uma parlamentar que mudou a estrutura
 242 daquele lugar que ela ocupou, por muito
 243 pouco tempo, né. Se não fosse o que
 244 aconteceu, não fosse a barbaridade que
 245 esses homens entenderam que ia... talvez,
 246 nunca chegar a esse momento.
 247 Eduardo: É... Eu vou, é... Eu tenho umas imagens para
 248 exibir pra senhora, mas eu vou ver se meus
 249 colegas querem perguntar e aí a gente
 250 volta.
 251 Mário: Boa tarde, senhora, Marinete.
 252 Marinete: Boa tarde.
 253 Mário: Prazer revê-la.
 254 Marinete: Prazer, também.
 255 Mário: Queria começar perguntando qual é a falta
 256 que a Marielle faz, mas dentro da família
 257 da senhora? Principalmente dela como mãe,
 258 < que > infelizmente foi tirada da Luyara
 259 tão cedo.
 260 Marinete: Olha, a falta a minha filha faz é
 261 imensurável. A gente vem de uma família
 262 pequena, né. Eu tive a minha filha.
 263 Marielle teve a filha dela. E Ani tem as
 264 duas filhas dela. Então vi uma família de
 265 mulheres. Então falar o quanto a minha
 266 filha faz falta, o que fez falta nesses
 267 seis anos e sete meses... não tem como
 268 definir. Não tem como definir a minha dor,
 269 não tem como definir o quê que eu passei
 270 esses anos, né. Passei por um câncer, tive
 271 quatro cirurgias e tô aqui hoje, né, para
 272 dizer o quanto isso é importante dentro da
 273 minha vida, dentro da minha família, dizer
 274 que a Marielle fez falta como mãe, porque
 275 teve a Luyara, né, muito cedo. Uma mulher
 276 que teve essa superação depois de criar
 277 aquela filha, voltar para a minha casa com
 278 ela <Luyara> com três anos e pouco... então a
 279 falta que Marielle faz, desde... da parte
 280 financeira, que era onde sempre nos ajudou,
 281 na parte física que é o mais doloroso pra
 282 gente. É conviver com a falta de uma filha
 283 que podia hoje está aqui, entendeu? Uma
 284 mulher que se dedicava totalmente ao que a
 285 gente vive. Uma mulher que traz um recorte
 286 de uma família católica, que prima pela
 287 educação. Que primava pelo bem-estar da
 288 família inteira. Que ajudou a criar uma
 289 irmã, porque tem 5 anos de diferença entre
 290 ela e a Ani... então essa falta que a gente
 291 sente. Dizer o quanto isso foi doloroso e

292 tá sendo até hoje conviver com esse vazio.
 293 É um vazio. E ninguém pode, a não ser que
 294 alguém tenha passado pela mesma dor que eu.
 295 Então a falta que uma filha faz... Ela era a
 296 minha primogênita, a minha primeira filha.
 297 Era uma filha que eu me dediquei a vida
 298 inteira para criar. Com muito sacrifício!
 299 Como não é diferente das mães que sofreram
 300 e sofrem até hoje pelos filhos. Então é
 301 isso que a gente traz, o que eu trago
 302 dentro do meu coração. Aquilo ali foi um,
 303 foi um... é uma dor, é uma faca. A cada dia
 304 que eu penso na minha filha é como se
 305 transpasse uma faca dentro do meu coração.
 306 Lhe dizer que tiraram um pedaço de mim, foi
 307 um pedaço que foi tirado. Então é isso que
 308 a gente... que eu trago, entendeu? Cada vez
 309 mais dói, dói muito. Imagina que dói pra
 310 Ani, dói pra Luyara. Você perder uma mãe,
 311 como Luyara perdeu. A gente não imaginava,
 312 nunca, em nossa mente, né, o que aconteceu
 313 com a minha filha. Então é uma dor é, uma
 314 dor, é uma falta, entendeu? É um vazio,
 315 entendeu? É um coração que tem um pedaço,
 316 entendeu, que foi arrancado injustamente,
 317 covardemente, naquela noite de 14 de março
 318 de 2018.
 319 Mário: A senhora, ou algum dos seus familiares,
 320 consegue passar um dia sem se lembrar dessa
 321 brutalidade?
 322 Marinete: Não consegue. Não consegue. Não consegue
 323 porque, é isso, eu pari a Marielle, né? A
 324 gente quando o filho... O filho vem de suas
 325 entranha, o filho é dádiva que Deus te dá!
 326 Então só ele que podia tirar a vida da
 327 minha filha, entendeu? Até porque Marielle
 328 sempre foi isso dentro da família. Marielle
 329 foi uma menina que viajou para João Pessoa,
 330 <conheceu> todas as minhas irmãs. A família
 331 inteira conhecia, a minha mãe conheceu a
 332 Marielle, ela só morre depois Marielle já
 333 tava com quase 5 anos, então essa falta, é
 334 esse vazio que traz a família toda, porque
 335 como é uma família de muitas mulheres,
 336 aquela mulher também era um símbolo, né,
 337 dentro daquela família. Porque começou... As
 338 primeiras viagens dela para conhecer a
 339 família ela tinha um ano e oito meses de
 340 idade quando eu levei Marielle para
 341 conhecer João Pessoa. Então é essa falta
 342 que a família inteira, entendeu, que ficou
 343 esses anos todos, que eu fiquei até agora
 344 me mantendo também por eles. Me mantendo
 345 por quem chegou, por quem ficou comigo até
 346 agora... então é dizer que não tem... Eu não
 347 tenho, eu não tenho palavras para dizer a
 348 falta que a Marielle de faz. Dizer o que é
 349 que eu senti depois de sete anos e seis
 350 meses... e 7 meses, né? Que eu tô sem a minha
 351 filha. É não... Eu não tenho... eu não tenho,
 352 não tenho. Porque, primeiro, não tem nome,

353 né? É uma dor, é uma dor que ninguém, a não
 354 ser que tenha passado pelo mesmo, possa
 355 avaliar o que é isso. Então é a falta que
 356 faz, desde ter a sua filha ajudando em
 357 tudo. Como você tê-la presencialmente.
 358 Porque, na verdade, as pessoas... não foi...
 359 não foram só esses homens tirar a vida da
 360 minha filha, foi tirar a esperança de uma
 361 vida. Foi tirar a esperança da Luyara. Foi
 362 tirar a esperança do que a gente vinha
 363 enquanto parlamentar. Então é duro a gente
 364 tá aqui hoje pra gente ter uma justiça
 365 digna. E dizer que a falta não tem nome,
 366 essa dor também não tem nome. É exatamente
 367 isso que eu sinto nesse momento. E eu senti
 368 esses esses seis anos lutando, superando,
 369 desde a minha saúde. De passar por um
 370 câncer de quatro cirurgias, entendeu? De
 371 ajudar na criação da Luyara. De ajudar com
 372 impossível pra gente sobreviver e manter
 373 essa família viva até hoje, para estarmos
 374 aqui nesse dia.
 375 Mário: Muito obrigado.
 376 Eduardo: Dona Marinete, eu vou...só segura um
 377 pouquinho, aí, tá Marquinho? Eu vou exhibir
 378 aqui umas fotos, um documentário... A
 379 senhora... posso exhibir? A senhora se sente à
 380 vontade?
 381 Marinete: Tranquilo.
 382 Eduardo: Marquinho, coloca a primeira foto, por
 383 favor. A senhora se recorda disso, dona
 384 Marinete? Ée...40... não. Só segura esse aí,
 385 por favor. Eu queria voltar no primeiro.
 386 45 dias depois do atentado, a senhora
 387 mandou uma mensagem pro WhatsApp da
 388 Marielle, é isso?
 389 Marinete: É verdade.
 390 Eduardo: E que situação foi isso? Meia... Meia noite e
 391 três...
 392 Marinete: É, a gente... Tipo assim... éer... O que fizeram
 393 e o que a gente podia tirar de de lição
 394 naquele momento, entendeu? Eu me vi... é
 395 nitidamente que é um... é um delírio, né? De
 396 uma mãe, né? Um delírio de uma mãe,
 397 naquele momento, de imaginar que aquilo
 398 tudo não podia ser verdade. Era muito pouco
 399 tempo, era muito sofrimento... E eu, às
 400 vezes, pensava que eu não me recordava
 401 daquela noite, né? Daquelas noites que eu
 402 passei. Então a gente tá vendo aí que eu...
 403 éer... seria uma insanidade, de uma mãe,
 404 achar que a filha tava viva? Não. Era a dor
 405 que ultrapassava meu peito, ainda, em tão
 406 poucos dias.
 407 Eduardo: Marquinho, vamos botar o... Eu queria que a
 408 senhora... A gente vai ouvir uns áudios aqui...
 409 Reprodução: Oi, mãe, bença! Acabei de falar de falar
 com
 tia Solange. Liguei pra falar que dei
 um alô. Aí não falei contigo porque aí
 também já tô aqui na rua [Música]. Bença,
 beijo. Tudo bem, aí? [Música]

414 Reprodução: Ah, tá tudo bem. Eu não tava em casa não.
 415 Eu saí na rua. Tá tudo bem, graças a Deus.
 416 tá bom? Beijo grande, tá? Tchau tchau.

417 Reprodução: A última pessoa daqui da casa a estar com
 418 Marielle, antes de falecer foi eu. [Música]
 419 ela perguntou "Mãe, cê tá aonde?". Eu tenho
 420 esses áudios. Aí ela <respondeu> "eu tô tô
 421 aqui do outro lado. Então vem pra cá que eu
 422 tô aqui. Vem para cá que eu tô aqui, tô
 423 aqui na escadaria, na praça central.

424 Eduardo: Éér... pode parar, por favor? Marquinho,
 425 por
 426 favor. éér... vou pedir desculpa, de novo,
 427 pra senhora. Eu queria começar com esse com
 428 esse áudio, assim, eu vejo "Oi mãe,
 429 bença". Essa criação era... Essa... Isso é
 430 muito... Eu fui criado no subúrbio também. É
 431 muito ali do subúrbio, né? De se... Era... Ela
 432 era sempre assim? Ela tinha essa de falar
 433 com a senhora, com o pai, com os mais
 434 velhos dessa forma?

435 Marinete Sempre, sempre. Marielle sempre foi muito
 436 respeitosa. A gente traz isso muito da
 437 nossa criação, né? Da criação dos meus
 438 pais, né? Da mãe... então a gente... Mãe é
 439 sagrado dentro da minha casa! Sempre foi,
 440 né? Isso é muito... hoje tá, em algumas
 441 famílias, tá em desuso, né? Mas não devia
 442 ser, porque, eu acho, que abençoar seu
 443 filho é o que você mais pode fazer. Que é
 444 ela dá a bença e você abençoar. Isso era
 445 uma coisa muito corriqueira nossa e
 446 continua sendo até hoje. A gente não sai
 447 sem uma benção. Uma coisa que eu faço até
 448 com outras pessoas. Acho que quem me
 449 conhece já viu que eu tenho essa coisa de
 450 falar. E eu criei as minhas filhas assim.
 451 Então aquele dia, né, que a Marielle tinha
 452 marcado de me encontrar foi o dia 13 (*de*
 453 *março de 2018*). Acho que foi uma graça que
 454 eu também recebi, tá? Eu fiquei mais tempo.
 455 Eu fui a última pessoa da família que ficou
 456 com a minha filha pessoalmente, né? Com ela
 457 e com o Anderson. Eu fiquei com eles até
 458 mais de dez horas da noite. Então essa
 459 bença mãe, esse olhar, esse aconchego, que
 460 a gente traz da família, era uma coisa
 461 muito natural. E continua sendo até hoje,
 462 né. Todos os dias a gente abençoa. Eu
 463 abençoo a Ani, abençoo a Luyara... Isso é uma
 464 coisa normal. E era assim que a minha mãe
 465 fazia. Quando você abençoa teu filho ou
 466 qualquer pessoa... Eu gosto de fazer isso
 467 também [fazendo o sinal da cruz na testa]
 468 ... é uma coisa que vai, é muito natural,
 469 né. Não só por uma família nordestina, que
 470 traz essa tradição, mas porque é isso, a
 471 benção de Deus que te acompanhe. Então era
 472 isso que eu fazia com as minhas filhas. E
 473 esse dia foi um dia muito especial pra
 474 gente. Para mim e para ela, né. Porque eu
 chego na Câmara. Eu vou pelo outro lado,

475 né. Quem conhece a Câmara, tem uma entrada
476 principal e tem uma entrada, onde a gente
477 se identifica e entra. Eu tava naquele lado
478 e ela me perguntou "onde é que a senhora
479 tá?" e nós tínhamos marcado quando eu falei
480 "eu tô do lado onde eu entrei da outra
481 vez.". Ela fez "não, vem para cá que eu tô
482 na escadaria". Ela tava na escadaria, né,
483 com um assessor dela. E foi ali que nós nos
484 encontramos. A gente tava vivendo um dia
485 muito difícil porque tava um surto muito
486 grande de meningite. Luyara com meningite...
487 os colírios tinham acabado aqui no Rio de
488 Janeiro, então nós ficamos eu e ela...
489 fizemos uma via cruz, né, dentro do Rio
490 de Janeiro, com mais de 20 farmácia, à
491 procura de um de um colírio para Luyara. E
492 a gente viveu isso. Aquilo foi foi
493 preparado para mim, né. E pena que gente
494 tava numa função de procurar um remédio,
495 pra gente, pra ela curar a filha dela.
496 E fomos em vários lugares. Eu acho que
497 aquela noite, designada que disse assim
498 "fica com a tua filha. Aproveita ao
499 máximo!" Nós conversamos sobre tudo! Nós
500 tivemos muito tempo juntos. Saí, eu saía
501 algumas vezes com ela do carro. O Anderson
502 ficava às vezes, às vezes também saía
503 algumas vezes do carro conosco, com a
504 gente. Andamos o centro da cidade, a Tijuca
505 e eu levo a minha filha até a porta da
506 academia. Ela tinha alguns exames para
507 fazer no dia seguinte. Ela esquece o tênis,
508 eu acho que tudo foi preparado, e eu vou
509 aonde ela tá, entrego o tênis para ela,
510 abraço a minha filha. Então foi o último...
511 é, é uma, é uma lembrança que eu tenho e
512 que hoje, entendeu, eu me pergunto como
513 Deus foi bom o tempo todo. Como esses 38
514 anos que eu vivi, intensamente com a minha
515 filha, foi importante e é importante até
516 hoje. Pra gente estar aqui e dizer que
517 aquela noite foi preparada para mim. Foi
518 preparada para a Marielle. Foi pra gente
519 dizer, assim, o quanto isso era
520 significativo sem saber o que seria o
521 dia de amanhã. Você não sabe o dia de
522 amanhã. E (eu) nunca imaginava passar o que
523 eu passei no dia seguinte. Menos de 24
524 horas depois... Eu tava como tivesse um
525 pássaro... Eu tava com ele na mão e esse
526 pássaro foi... Saber da morte da filha no dia
527 seguinte. Então é isso que a gente traz... é
528 abençoando. Não que eu não tivesse
529 abençoado naquele dia, muito pelo
530 contrário, eu abençoei cada vez mais, mas
531 quem seria eu para questionar o designo
532 daquela noite do dia do dia 14 de março?
533 Não sou eu, entendeu? Tanto é que a gente
534 traz isso. Eu trago isso no presente. Eu
535 acho que o que deus me concedeu naquela

536 noite, nos anos que a minha filha teve
 537 conosco. Com a filha, com a irmã, com o
 538 pai, é tudo que a gente tem hoje, presente,
 539 do que representa Marielle aqui nesse júri,
 540 com vocês, com toda a sociedade. Que o que
 541 a gente quer e precisa seguir com uma
 542 condenação justa para minha filha.
 543 Eduardo: Eu ia exatamente fazer essa pergunta pra
 544 senhora, né. O que que a senhora esperava
 545 de hoje. Eu acho que a senhora já
 546 respondeu, né, que a senhora espera a
 547 justiça... éer eu vou terminar, eu só vou
 548 agradecer a senhora por ter vindo e só
 549 dizer pra senhora que nós, do Ministério
 550 Público, tivemos a oportunidade de estar
 551 com a senhora outras vezes e, por isso, a
 552 gente achava tão importante que os jurados
 553 percebessem isso também. Percebessem o lado
 554 humano da sua família e de onde essa vítima
 555 veio, né? Não é só a vereadora, é a sua
 556 filha. Muito obrigado.
 557 Marinete: Eduardo, só um adendo em relação a isso.
 558 Acho que eu não tô aqui para falar da
 559 Marielle enquanto parlamentar, enquanto
 560 símbolo de resistência que essa mulher é
 561 hoje no Brasil e no mundo. Eu tô aqui como
 562 uma mãe que sofreu, esses anos todos, com
 563 a falta da filha. Tô aqui para dizer o
 564 quanto é importante que pessoas saibam quem
 565 era minha filha. Quem é a Marielle. O que
 566 que a Marielle fez durante todo esse tempo.
 567 Qual foi a criação que essa menina teve. De
 568 lutar, estudar, chegar onde ela chegou,
 569 entendeu? E hoje a gente ter, né, covarde...
 570 uma... Essa covardia! Porque aquilo foi uma
 571 barbárie! Aquilo não se admite para filho
 572 de ninguém. Não com a minha filha, nem com
 573 filho com nenhuma dessas mães que passam
 574 por isso hoje. Então isso eu também quero
 575 agradecer a oportunidade, enfim, agradecer
 576 essa confiança que o MP teve conosco, né.
 577 De tá hoje aqui enquanto... Isso eu falo como
 578 uma mãe que tá há 6 anos e 7 meses lutando
 579 por justiça e espero justiça digna para ela
 580 e pro Anderson. É isso que eu quero. Eu
 581 também quero agradecer essa oportunidade.
 582 Eu não podia deixar de estar aqui. Não.
 583 Não, porque as pessoas não sabem. Sabem da
 584 Marielle enquanto símbolo. Sabem da
 585 Marielle enquanto parlamentar. Sabe da
 586 Marielle como a mulher guerreira que ela
 587 era, mas não sabe quem foi e quem era a
 588 família da Marielle. Então, por isso, que
 589 eu tô aqui para dizer o quanto isso é
 590 importante. Dói. Dói porque não tem como,
 591 né. Como eu falei, a minha dor não tem
 592 nome. Aqui não tem como alguém mensurar o
 593 que é isso. Mas eu vou estar aqui para
 594 dizer que eu tô aqui para isso. Para pedir
 595 justiça para Marielle para o Anderson.
 596 Independente de qualquer coisa, eu vou

597 estar aqui como mãe, vou continuar pedindo,
 598 porque não fica. A gente não acaba nisso
 599 aqui. A gente tem muita coisa para fazer
 600 ainda. Muito obrigada.
 601 Lúcia: A assistência de acusação tem a palavra.
 602 Fábio: Alô, minha querida Marinete. Eu falava no
 603 início aqui com o Ministério Público e eles
 604 disseram "Fábio, a gente pode se
 605 emocionar". Impossível não se emocionar.
 606 Marinete: Impossível.
 607 Fábio: Impossível. De ouvir a senhora falando pros
 608 jurados... nas perguntas... não tem nome, não
 609 dá para descrever. Não tem como pedir para
 610 mensurar a dor de uma mãe diante de uma
 611 morte cruel, dessa que praticaram contra a
 612 Mari, contra o Anderson. A senhora frisou
 613 bem toda a formação católica que é muito
 614 importante quanto isso é forte... Sempre com
 615 terço, o sofrimento da falta. E nós que
 616 temos acompanhado as famílias nesses mais
 617 de seis anos, eu queria que a senhora
 618 descrevesse, porque às vezes eles não têm
 619 dimensão do quanto é sofrido esse caminho
 620 pela justiça, pela busca da justiça. Das
 621 inúmeras vezes em que a senhora bateu a
 622 porta dos órgãos, veio aqui em audiências.
 623 Das lágrimas que derramou. Das noites que
 624 ficou sem dormir. Dos abraços com Luyara,
 625 com Anielle, com seu Antônio e com tantos
 626 amigos. Só quem vivenciou isso muito perto
 627 da senhora e da sua família sabe. Embora eu
 628 tenha a clareza que é impossível descrever
 629 tamanha a dor, eu queria pedir pra senhora,
 630 se for possível, para a senhora descrever
 631 como foi o transcorrer pra gente chegar até
 632 hoje aqui. O decurso de tantos embates de
 633 tantas manifestações, de tantas reuniões,
 634 de tantos movimentos da sociedade civil e
 635 de todos os parceiros de todas as esferas,
 636 para que nós pudéssemos, finalmente, chegar
 637 aqui, ao primeiro julgamento dessas mortes...
 638 De uma forma tão cruel e bárbara.
 639 Marinete: Doutor Fábio, acho que é um prazer enorme
 640 também vê-lo e ter nos acompanhado até
 641 hoje. Teve muita coisa, né? A gente passou
 642 por muita situação difícil. A gente passa
 643 por uma situação desde querer matar
 644 minha filha também fora da vida, não só
 645 tirar a Marielle, tirar aquele... abater a
 646 minha filha, como ela foi abatida
 647 covardemente, como eu já acabei de falar,
 648 mas é saber que o que a gente tinha pela
 649 frente. Nós tínhamos dois homens que são
 650 réus confessos hoje, mas tinha também a
 651 esperança de saber, e de ter, esse dia que
 652 chegasse, como a gente, tá sendo, tá tendo
 653 aqui hoje. Então foram várias coisas, né.
 654 foram vários momentos de muita dor,
 655 entendeu? De muita insistência... de passar
 656 por cinco delegados, de passar mais de uma...
 657 né... Dentro do Ministério Público... então o

658 que a gente traz hoje aqui, eu não posso
659 dizer que eu agradeço... não só pela minha
660 insistência, pela minha fé. Eu tenho isso
661 muito e tenho a minha família toda porque
662 eu não cheguei aqui rezando sozinha, né, eu
663 tenho minhas irmãs lá de João Pessoa que
664 tem isso. Tem a minha família aqui, minha
665 família católica. Uma coisa que eu respeito
666 muito. E foi muito duro chegar até aqui. Eu
667 nunca desisti desse dia. Eu nunca desisti
668 de estar, de ganhar essa confiança tanto do
669 senhor, né. A defensoria passou a ser uma
670 extensão da minha casa, uma extensão da
671 minha história com a com a minha filha.
672 Então, é importante que a gente, que eu
673 tenha isso, sabe? E eu tenho, né. Que por
674 mais que a gente teve sofrimento. A gente
675 teve tanta fake news minha filha. A gente
676 teve tanto ataque, né. Ataque a Ani, ataque
677 a chegar a dizer que foi pouco, podia ter
678 sido queimada, sabe? Isso é muito duro,
679 minha gente. E a gente, eu não desisti, eu
680 nunca desisti. Nunca desisti da instituição
681 que tava comigo. Nunca desisti que a gente
682 pudesse chegar esse dia. Eu nunca desisti
683 de estar cobrando, porque eu já fui, eu ia
684 todo dia... então me atende, me atende porque
685 eu quero saber como que está. Então isso é
686 muito perseverante numa mãe, no sofrimento,
687 do que eu vivi. Do que eu vivi não, do que
688 eu vivo. Então eu não deixei ninguém cair.
689 Eu não deixei a minha família parar. Eu não
690 deixei Luyara, que volta para a minha casa
691 e a gente constrói... eu tinha, eu tinha
692 construído o caráter da Luyara quando ela
693 volta com 3 anos para a minha casa e a
694 gente consegue construir a Luyara depois do
695 que a gente viveu. A gente traz a Luyara
696 pra gente, né. Naquele momento, era o que
697 eu podia fazer. Luyara perdeu a mãe recém-
698 saída da adolescência, com 19 anos. A Ani
699 começando a vida, lutando, trabalhando em
700 cinco colégios e a gente com essa...
701 entendeu... com essa dor profunda de lidar
702 com dor, com doença, que eu tive uma doença
703 grave. É isso que acontece com as mães,
704 esse somatório de dores é o que ele traz
705 pra gente. Eu não sou a primeira nem fui a
706 única. Eu tô aqui, eu sobrevivi e muitas
707 nem sobrevive. Às vezes não é nem pela dor
708 de um câncer, mas é por outras dores. De
709 depressão, de arrasar numa bebida, a gente
710 sabe que aconteceu isso, a gente sabe
711 disso. Então é isso que a gente traz hoje
712 aqui. Eu venho, sabe, de uma família de
713 muita luta. Eu venho de uma família de
714 muitas mulheres, né. De mulheres que se
715 superaram a cada dia. Então a superação da
716 nossa família, hoje, enquanto mãe de uma
717 filha, de passar por uma violência que eu
718 passei... Aquilo foi muito violento, dr

719 Fábio. Aquilo foi de uma crueldade, né,
720 você imagina o que é você saber que alguém
721 planejou ou que alguém foi pago, ou de
722 alguma maneira, tirou a vida do seu filho.
723 Um filho que você... não é só... não é só
724 parir, é criar. É formar. Eu formei o
725 caráter das minhas filhas. Eu formei o
726 caráter da Luyara. Então tá aqui hoje, é
727 dizer que a gente vai continuar essa luta,
728 entendeu? A falta, a dor, mas a
729 perseverança de estar cada vez mais
730 consciente de que a justiça tem que ser
731 feita. Isso não é normal na vida de
732 qualquer mãe. Não é o ciclo vida. Não é
733 normal uma mãe enterrar um filho para
734 ninguém, entendeu? A nossa cultura não traz
735 isso, entendeu? A gente não traz esse esse
736 olhar, de achar que não importa a data ou a
737 idade que seu filho partiu, mas é o teu
738 filho, entendeu? É uma dádiva que você
739 recebeu e muita gente queria e não tem.
740 Deus não dá essa dádiva para todo mundo,
741 tem mulheres que querem ter filho e que
742 adotam e são mulheres que estão aí lutando
743 também para ter essa consciência, de que o
744 filho não é só o filho quando você pari, é
745 o filho do coração. Mas eu pari a minha
746 filha, né? Eu pari a minha filha. Lutei,
747 criei. A gente vem... Eu caso num dia e venho
748 para aqui no outro. Com um ano e cinco
749 meses a minha filha nasce. Então é tudo
750 muito presente pra gente dizer. Eu não
751 tinha rede nenhuma, não tinha apoio nenhum,
752 não tinha família <por perto>. Então é
753 muito duro. Gente, o que eu passei com a
754 Marielle, né. E com a criação dentro da
755 Maré, dentro da periferia, dentro de um
756 lugar que supostamente gente não... mas
757 naquela época a gente vivia no Conjunto
758 Esperança, gente. É ali que eu formo as
759 minhas filhas dentro da Maré que formo a
760 Marielle e a Ani. Então eu tenho muito
761 orgulho de estar hoje aqui, dizer o quanto
762 isso é importante de eu dizer quem é e quem
763 continua sendo a Marielle e a Ani, porque
764 eu botei no mundo eu criei, eu eduquei,
765 entendeu? Eu formei o caráter dela e formei
766 o caráter da Luyara também. Porque é para
767 lá que ela volta quando a minha filha se
768 separa. Minha filha separa eu eu continuo,
769 né. Eu recebo as duas quando ela se separa.
770 Então é isso que a gente traz hoje. Eu
771 quero cada vez mais agradecer essa
772 oportunidade de estar dizendo, falando,
773 quem é Marielle, entendeu? Para quem não
774 sabe, para esses jurados que estão aí. Para
775 fazer o papel deles dentro da sociedade.
776 Isso é fundamental pra gente, que a gente
777 tenha isso. E vou continuar falando porque,
778 é isso, eu não vou, a gente não para por
aqui, entendeu? Não é o fim. Como a morte

779 da minha filha também não não é o fim. A
 780 morte Marielle não é o fim. A gente
 781 acredita que nunca foi o fim. Se fosse o
 782 fim eu não estaria hoje aqui. Nós não
 783 estaríamos hoje aqui para ter uma
 784 condenação por ela. Para não normalizar o
 785 que a gente viveu e que a gente continua
 786 vivendo até hoje. Então é isso que eu
 787 trago, entendeu? [áudio corrompido] mas eu
 788 vou tá. E consegui, eu já vou fazer 73
 789 anos, eu perdi a minha filha velha. Eu
 790 perdi minha filha e já eu era uma idosa. Eu
 791 não perdi minha filha com 40 anos 30. Eu
 792 perdi já bem velha. Então é uma dor muito
 793 maior, né. Não desmerecendo quem perdeu seu
 794 filho com 40, 50, não importa, mas a minha
 795 foi muito mais profunda. A minha é
 796 profunda. Eu era uma idosa quando eu perdi
 797 minha filha. Nunca a gente imagina que
 798 isso vai acontecer, mas eu perdi. Parecia
 799 surreal, parecia uma... parecia uma... Sabe o
 800 que é um conto de fadas? Foi assim que eu
 801 me senti naquela noite. Então a gente não...
 802 Nunca imaginava, né. Mas quem sou eu para
 802 questionar, né? Eu acho que os propósitos
 803 de Deus, eu não tô aqui para questionar. Eu
 803 não criei ódio no meu coração, eu criei
 804 muita dor. É claro que em algum momento
 805 você fica...tem tristeza, tem revolta mas a
 806 minha formação católica, o que eu aprendi
 807 com a minha mãe, com os meus avós, não é
 808 nunca, sabe? Quem sou eu para te questionar
 809 a Deus porque, entendeu? Ele não queria
 810 isso, mas o livre arbítrio daqueles homens,
 811 daqueles covardes, entendeu? Foi o que eles
 812 fizeram. Porque isso é o livre arbítrio do
 813 homem, né? A gente passa por essa mazela
 814 porque o homem faz isso, né. Deus não
 815 queria isso, de jeito nenhum. Ele não
 816 queria. Nem à minha filha, nem ao filho de
 817 ninguém, nem ao Anderson, entendeu? Mas,
 818 infelizmente, a gente tá vivendo isso e
 819 vamos estar aqui para dizer que vamos ter
 820 uma vitória, sim. Não é tudo, mas é o que a
 821 gente precisa. Porque eu espero como mãe, a
 822 família espera, a sociedade, os eleitores
 823 dela, entendeu. E toda essa rede que vem
 824 hoje nos ajudando e caminhando conosco como
 825 o senhor e a defensoria que tem feito esse
 826 trabalho, de todo o apoio, de toda a
 827 solidariedade, né. Por todas as equipes que
 828 passaram e a gente vai estar e dizer que é
 829 importante, sim, essa condenação. É o que
 830 eu espero e a sociedade também espera.

831 Fábio: Dona Marinete, eu agradeço muito. Queria
 832 fazer mais uma pergunta. Só. Isso a senhora
 833 fica à vontade para falar. A gente já sabe
 834 que a Marielle era trabalhadora,
 835 batalhadora, digna. Os valores cristãos,
 836 ali, sedimentados da formação da sua
 837 família, mas eu queria que a senhora

838 falasse que a gente já entoa todo esse
839 amor, como era a relação da Marielle com a
840 Luyara, com a Anielle e com o seu Antônio.
841 O amor que ela tinha, o cuidado com a
849 filha, parceria com a irmã... O amor pelo
850 pai... Eu queria que a senhora falasse.
851 Marinete: Dr Fábio, o amor da Marielle... Marielle fica
852 quase 5 anos sozinha, né? Marielle era o
853 grande trunfo que nós tínhamos. Era o
854 grande troféu que nós tínhamos até, quase,
855 até Ani chegar. Então a dedicação que a
856 Marielle tinha de ajudar a criar a Ani... Pro
857 senhor tem uma ideia, a Marielle tem
858 autorização para assistir a reunião de
859 catequese, representar a gente, muito nova,
860 porque eu fiquei 9 anos trabalhando fora do
861 Rio de Janeiro. Então o amor que ela tinha
862 por essa família é o que a gente vê hoje
863 nas pessoas que se dedicam a essa história.
864 Era um amor que não tem... não tem, não tem
865 nome, não tem nome para dizer o tanto desse
866 amor, né? Porque ela muito cedo... Ela tem
867 esse entendimento da família! É isso que a
868 gente traz. De primar pela educação, de
869 criar aquela filha. Ela foi mãe com 19
870 anos. O que era, o que pode ser normal, mas
871 numa família católica... Uma família que a
872 gente vem... entendeu? Com todos aqueles
873 valores, entendeu... Marielle casa cedo. Ela
874 teve o desejo de casar. Ela quis casar.
875 Então a gente nunca impôs assim: "casa ou
876 não casa", não, ela disse: tenho vontade de
877 casar. E viveu aquilo, né? Com muita
878 intensidade. Então o amor que Marielle
879 tinha, né... A criação que ela dava pra
880 Luyara... Eu muitas vezes dizia: "tá pior do
881 que eu!" E olha que eu dava uma criação
882 rígida porque nordestino traz isso, né?
883 Trazia assim. Ela tava pior do que eu com a
884 Luyara e ela sabe disso, as pessoas sabem o
885 que ela trazia ali. Então primar pela
886 educação, primar por aquele amor... Ela se
887 dedicava àquela filha... trabalhando,
888 entendeu? Marielle fez o mestrado dela na
889 UFF! Eu vinha, eu vinha? pra casa dela para
890 tomar conta da Luyara todas as noites.
891 Então foi muito. Entendeu A dedicação que
892 ela tinha, né... De de viver... De ter aquele
893 sonho, um sonho melhor pra filha dela e pra
894 gente. Marielle nos ajudava enquanto
895 família, sempre ajudou! Sempre ajudou
896 dentro de casa. E tanto é que ela trabalhou
897 cedo... Ela não trazia o dinheiro, mas ela
898 trazia um desconto na escola dela, da irmã.
899 Então isso é um amor que a gente não tem
900 como, entendeu? É só quem tem uma mãe com
901 uma primeira filha criando como a gente
902 criou é que sabe o amor que uma filha se
903 dedica, porque, é isso! A gente tava
904 caminhando. Eu não caminhei para o fim, eu
905 caminhei para o início. E por isso que nós

906 estamos aqui hoje, né. Eu não parei! Ela
 907 não parou na dificuldade que ela teve
 908 quando ela teve a filha dela... Se dedicar de
 909 criar Luyara... Viver... entendeu?
 910 Intensamente até os 19 anos com aquela
 911 filha, se dedicando, trabalhando, para dar
 912 o melhor para construir... Aquele sonho ser
 913 continuado... é como a Luyara fala. Então a
 914 dedicação que ela teve tanto com a gente
 915 enquanto pai como (com) a irmã. Ela ajudou
 916 a criar, a formar, a Ani tem esse respeito
 917 pela irmã e não é à toa, né? Ela tem o
 918 respeito porque ela ajudou a criar aquela
 919 irmã. 5 anos, quase 5 anos de diferença de
 920 uma para outra... Tudo era referência! Tudo,
 921 tudo! Toda a história que a gente traz,
 922 traz a Marielle como referência, de filha,
 923 de uma mulher que (como se) diz... Não é só
 924 superar, né? O que a gente viveu enquanto
 925 família, uma família pequena, uma família
 926 que a nossa dedicação com aquele amor era...
 927 Era nos domingos, era uma uma mulher de...
 928 Uma mulher de oração! Uma mulher de missa
 929 dominical. Então aquilo ali, pra gente, era
 930 continuidade daquele sonho. Era a
 931 continuidade de ver Marielle melhor, de ver
 932 a Ani melhor... De gente construir, né,
 933 dentro de um lugar que a gente... muito...
 934 muito pelo contrário que as pessoas achavam
 935 que... O quê que saía? O quê que sai da Maré,
 936 o quê que sai? Não, saiu aquela mulher,
 937 saiu essas duas mulheres que eu pari. Então
 938 é isso que a gente traz. A gente traz isso,
 939 né? De uma dedicação, de um amor, de um
 940 carinho... De uma uma mãe que muitas vezes eu
 941 me pegava (dizendo): "cara tu tá muito... Tá
 942 pegando pesado com a Luyara!" Que foi
 943 assim... que é assim... é lógico que vem o
 944 pesar como o amor, e era recíproco. Da
 945 dedicação, do carinho que ela tinha com a
 946 gente... De se dedicar, de ajudar
 947 financeiramente, de ajudar em tudo era um
 948 suporte, né? Ela... Eu tive a minha filha não
 949 tão nova quanto ela mas a gente não tinha
 950 rede nenhuma aqui. Então é esse carinho,
 951 esse zelo, esse amor que a gente sente
 952 falta, que a gente fica hoje pensando onde
 953 é que nós podíamos estar hoje, né... Com a
 954 Marielle? Com a Luyara, né... Com 25 anos,
 955 com a Ani... a... não, não, não, não teve, não
 956 vai ter o prazer de conhecer as sobrinhas.
 957 Viu a Mariá até (os) 2 anos, que era
 958 madrinha de batismo. Então isso tudo são um
 959 amor que deixou de existir por conta dessa
 960 atrocidade, dessa barbaridade que a gente
 961 vive hoje.
 962 Fábio: Muito obrigado pela sua coragem, pelo seu
 963 relato.
 964 Lúcia: A defesa do acusado Ronnie tem a palavra.
 965 Saulo Marinete eu não tenho perguntas mas eu
 966 gostaria de registrar, aqui, a minha

967 solidariedade à senhora, tá?
968 Marinete: Obrigada.
969 Lúcia: A defesa do acusado Élcio.
970 Ana: Sem perguntas, excelência.
971 Lúcia: Eu indago aos senhores jurados, se querem
972 formular alguma pergunta para a testemunha?
973 Não? Indago a defesa e ao Ministério
974 Público se nós podemos dispensar a
975 testemunha ou se será necessário que ela
976 fique incomunicável para eventual futura
977 acareação?
978 Saulo: Sem oposição, excelência.
979 Lúcia: Sem oposição?
980 Ana: Sem oposição.
981 Lúcia: Ministério Público? Senhora Marinete, eu
982 agradeço o seu comparecimento com a justiça
983 e finalmente a senhora fica dispensada. A
984 senhora pode ir embora para ficar onde
985 quiser, onde se sentir melhor.
986 Marinete: Eu vou ficar,tá? Muito obrigada! Eu vou
987 ficar, não tem como.